



UFES – UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CCHN – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DOUGLAS BONELLA DA SILVA

UM ESTUDO DE CASO DA MIGRAÇÃO BAIANA NA RMGV - O FLUXO
MIGRATÓRIO ENTRE O DISTRITO DE PIMENTA (MASCOTE-BA) E O BAIRRO
JESUS DE NAZARETH (VITÓRIA-ES) A PARTIR DA DÉCADA DE 1980

VITÓRIA

2016

DOUGLAS BONELLA DA SILVA

UM ESTUDO DE CASO DA MIGRAÇÃO BAIANA NA RMGV - O FLUXO
MIGRATÓRIO ENTRE O DISTRITO DE PIMENTA (MASCOTE-BA) E O BAIRRO
JESUS DE NAZARETH (VITÓRIA-ES) A PARTIR DA DÉCADA DE 1980

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a.: Aurélio Hermínia Castiglioni

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S586e Silva, Douglas Bonella da, 1986-
Um estudo de caso da migração baiana na RMGV-o fluxo migratório entre o distrito de Pimenta (Mascote-BA) e o bairro Jesus de Nazareth (Vitória-ES) a partir da década de 1980 / Douglas Bonella da Silva. – 2016.
127 f. : il.

Orientador: Aurélia Hermínia Castiglioni.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Migração interna. 2. Trabalhadores migrantes. 3. Vitória, Região Metropolitana de (ES). 4. Jesus de Nazareth (Vitória, ES). I. Castiglioni, Aurélia Hermínia. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

**“UM ESTUDO DE CASO DA MIGRAÇÃO BAIANA NA
RMGV - O FLUXO MIGRATÓRIO ENTRE O DISTRITO DE
PIMENTA (MASCOTE-BA) E O BAIRRO JESUS DE
NAZARETH (VITÓRIA-ES) A PARTIR DA
DÉCADA DE 1980.”**

DOUGLAS BONELLA DA SILVA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 06 de Julho de 2016.



Prof^a. Dr^a. Aurélia Herminia Castiglioni – Orientadora – UFES



Prof. Dr. Paulo Cesar Scarim – UFES



Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dadalto – PPGCSO/ UFES



Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Silva Santos – UESC

AGRADECIMENTOS

A tessitura de uma dissertação é feita por muitos momentos de isolamento, mas sem o apoio de amigos e da família seria muito mais custoso. Não somente em relação às questões ligadas à pesquisa, mas principalmente pelo apoio afetivo em um período de desgaste psicológico gerado pela pressão comum aos trabalhos de pós-graduação.

Agradeço aos amigos que se fizeram presentes nesta seara, com destaque aqueles que ingressaram na mesma turma do curso, além de outros novos e antigos amigos que compartilhamos companheirismo. Agradeço à Adriellem Soares pelo incentivo para ingressar no curso de mestrado, à amiga Luiza Alves pelo apoio na elaboração do projeto e pelas revisões ortográficas, aos amigos Daniel Bulhões, James Rafael, Thatyane Nascimento e Rafael Fafá pela amizade e auxílio na produção dos mapas e pela indicação de Bibliografias.

Na composição da pesquisa, levantamento de dados e produção do documentário, muitas pessoas estiveram presentes, das quais destaco o amigo Enzo que, como estagiário do bacharel, me auxiliou na busca de dados junto ao IBGE, ao músico José Augusto, agradeço pela amizade duradoura e pela ajuda na produção do documentário. Agradeço à Jéfica Teixeira, que dispôs de tempo para ir até o distrito de Pimenta auxiliar na captação das entrevistas e à Kedma de Andrade pelas dicas na edição do vídeo. Agradeço às secretárias da Pós-graduação, Izadora e Luciana pela disponibilidade na resolução dos problemas burocráticos da pesquisa.

Em relação ao campo efetivado na Bahia, agradeço à Jane e Genival, pelo acolhimento e estadia no distrito, ao Tomé por sempre estar disposto a conversar sobre a pesquisa e pela articulação da estadia e das entrevistas em Pimenta. Agradeço também a todos os entrevistados pela atenção e disponibilidade.

Por fim, agradeço especialmente à minha orientadora Aurélia H. Castiglioni pela paciência e atenção durante toda a feitura do trabalho e à minha família, notadamente minha mãe e a minha tia Zélia, que me apoiaram nestes dois últimos anos de muito trabalho e ansiedade.

“De manhã muito cedinho
Vi meu mano levantar
Acender o candeeiro
Começou a se arrumar
Me dizendo bem baixinho
Mano eu vou viajar
Tu toma conta de mãe
Diz pra ela não chorar

E lá da curva da estrada
Eu vi meu mano acenar
Adeus mano, adeus mano ai ai
Adeus mano, a bença mãe ai ai”

(Luiz Gonzaga, autor: Bob Nelson)

RESUMO

Aborda a migração baiana direcionada à Região Metropolitana da Grande Vitória, tendo como o estudo de caso o Bairro Jesus de Nazareth, situado no Município de Vitória - ES, que passou a receber número expressivo de migrantes a partir do final da década de 1980, e o distrito de Pimenta, situado no Município de Mascote – BA, que sofreu perda populacional nas últimas décadas. No estudo sobressai como causa do fluxo migratório a reestruturação agrária do Sul da Bahia, causada, pela crise do cacau, sendo esta, consequência dos baixos preços do cacau e do avanço da doença “vassoura-de-bruxa”. Por outro lado, fatores atrativos, como as possibilidades de melhoria das condições de emprego e da qualidade de vida, direcionaram a migração para a RMGV. Na pesquisa tem destaque a formação de redes que intensificaram o fluxo migratório e amenizaram os impactos dos migrantes na integração com o local de destino.

Palavras-chave: Migração baiana, RMGV, crise do cacau e redes migratórias.

ABSTRACT

It Addresses the Bahian migration directed to the Metropolitan Region of Grande Vitória, with the case study the Neighborhood Jesus de Nazareth, located in Vitória - ES, which has received a significant number of migrants from the end of the 1980s, and also Pimenta district, located in the city of Mascote - BA, which suffered population loss in recent decades. The study stands out as the cause of migration the agrarian restructure of Southern Bahia, caused by the cocoa crisis, which is the consequence of the low cocoa prices and the advance of the witches' broom disease. On the other hand, attractive factors such as the possibilities for improvement of working conditions and quality of life, directed migration to RMGV. The survey has highlighted the formation of migratory networks that intensified the migratory flow and eased the integration of migrants on the final destination.

Key-words: Bahian Migration, RMGV, Cocoa crisis and migratory networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Distrito de Pimenta.....	65
Figura 2 - Bairro Jesus de Nazareth, Vila dos Baianos em destaque	70
Figura 3 - Vila baiana – Data desconhecida.....	79
Figura 4 - Cacaueiro plantado no condomínio Mar Azul.....	80
Figura 5 - Festa da Padroeira (1984)	82
Figura 6 - Distrito de Pimenta.....	83
Figura 7 - Imagens da Festa de Pimenta	85
Figura 8 - Primeira Excursão (1998)	86
Figura 9 - Praça de Pimenta durante a festa (2009)	86
Figura 10 - Praça de Pimenta durante a festa (2000)	87
Figura 11 - Feira de Paraíso (2009)	90
Figura 12 - O cacau no Distrito - Foto A e B secagem do cacau nas ruas de Pimenta (2009/2015); Foto C secagem do cacau em barça na área Rural de Mascote; C preparo para o transporte do cacau.	93
Figura 13 – Dona Adeilde.....	106

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Imigrantes Baianos por município – ES - 2010	48
Mapa 2 - Migração baiana na Região Metropolitana da Grande Vitória – 2010.....	49
Mapa 3 - Municípios baianos que perderam população entre 1991 e 2010.....	51
Mapa 4 - Microrregiões da Bahia	53
Mapa 5 - Localização da Zona Cacaueira baiana	54
Mapa 6 - Produção de cacau na Bahia em toneladas - 2014.....	55
Mapa 7 - Regiões metropolitanas de Vitória e Salvador.....	61
Mapa 8 - Município de Mascote – BA.....	64
Mapa 9- Jesus de Nazareth, destaque para a Vila Baiana.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Imigração, emigração e saldos migratórios do Espírito Santo - 1970/1980, 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010.....	42
Tabela 2 - Imigrantes, emigrantes, saldo migratório e índice de eficácia migratória, segundo as Unidades da Federação da Região Sudeste- 1995/2000 e 2005/2010 .	42
Tabela 3 - Imigrantes, emigrantes e saldo migratório, segundo as Unidades da Federação da Região Nordeste – 2005 a 2010.....	50
Tabela 4 - Região Sul da Bahia - distribuição dos municípios, população, área de densidade por sub-área - 2006	52
Tabela 5 - População residente no Município de Mascote e no Distrito de Pimenta – 1980 a 2010	65
Tabela 6 - População de Mascote, da Bahia e do Brasil, 1991 a 2010	66
Tabela 7 - Variação da População de Mascote, da Bahia e do Brasil no período 1991-2010	66
Tabela 8 - Faixa etária dos migrantes em 2016	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Taxa anual média de variação do PIB do ES e do Brasil - %, 1970 a 1999	44
Gráfico 2 - Taxa de desemprego aberto no ES segundo os microdados da PNAD (%)– 1986 a 1999.....	45
Gráfico 3 - Total de imigrantes no ES por estado de Origem - 2010.....	46
Gráfico 4 - Número de mineiros e baianos na RMGV – 1980 a 2010	47
Gráfico 5 - Pirâmide Etária - Mascote, Bahia e Brasil	67
Gráfico 6- Número de migrantes segundo os anos de chegada em Jesus de Nazareth.....	77

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto de Geografia e Estatística

REGIC - Regiões de Influência das Cidades

RMGV – Região Metropolitana da Grande Vitória

UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz

CEPLAC - Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira

VB – Vassoura-de-Bruxa

UDR – União Democrática Ruralista

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. APORTE TEÓRICO	16
2.1 Considerações gerais.....	16
2.2 Enfoques teóricos.....	20
2.3 Causas da migração	24
2.4 Consequências da migração.....	28
2.5 Redes migratórias e a reterritorialização do migrante	33
3. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	39
3.1 Aspectos gerais da migração interna	39
3.2 Caracterização das áreas de origem e de destino do fluxo migratório	41
3.2.1 O Espírito Santo como área de atração.....	41
3.2.2 A Bahia como área de repulsão.....	50
4. O ESTUDO DE CASO	62
4.1 Resultados e experiências do campo.....	71
4.1.1 A Vila Baiana	75
4.1.2 A festa e Pimenta	81
4.1.3 O cacau e a migração no distrito.....	92
4.2 Discussão.....	97
4.3 Documentário: O mundo é uma estrada	105
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
6. REFERÊNCIAS	112
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIOS DE ENTREVISTAS	117
ANEXO 2 - REGIÃO DE INFLUÊNCIA DE ILHÉUS.....	124
ANEXO 3 - REGIÃO DE INFLUÊNCIA DE VITÓRIA	125
ANEXO 4 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR GRUPO DE IDADE E SEXO - MASCOTE, BAHIA E BRASIL – 2010	126

1. INTRODUÇÃO

O estudo da migração possibilita enxergar no movimento populacional, no mínimo, dois territórios: de onde se parte, ou melhor, o local de origem, e o local para onde se destina. Pretende-se, com este trabalho, levantar dados a respeito dos dois espaços envolvidos, buscando compreender os aspectos gerais que abarcam o fluxo populacional. Sendo que, este estudo tem como foco o movimento populacional que se dá, a partir da década de 1980 até os dias atuais, entre o estado da Bahia e o estado do Espírito Santo, respectivamente: origem e destino.

O interesse por esta pesquisa nasceu a partir do trabalho de conclusão do Curso de Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, onde desenvolvi um estudo sobre o processo de formação do bairro Jesus de Nazareth (SILVA, 2013). Nesse trabalho a ocupação do bairro foi dividida em dois períodos, um relacionado à expansão da ocupação urbana de Vitória-ES e outro ligado à migração baiana, que contribuiu para formação de novas áreas de ocupação. Além disso, em momento posterior, quando lecionando geografia em bairros da periferia da Região Metropolitana da Grande Vitória, como Planalto Serrano, José de Anchieta e Serra Dourada, encontrei número significativo de baianos e filhos de baianos, esta experiência me fez perceber que o que ocorria em Jesus de Nazareth não era um fato isolado e que há, na verdade, uma forte migração baiana recente para muitos bairros da RMGV.

Percebendo a importância da migração baiana na região metropolitana, tracei como objetivos da pesquisa do mestrado: caracterizar os contextos socioeconômicos nos quais ocorre a migração baiana para a Região Metropolitana da Grande Vitória; demonstrar a importância deste movimento populacional para a formação de novos espaços urbanos e áreas de ocupação recém-formadas na região metropolitana; estudar os fluxos migratórios que ocorrem na RMGV; compreender as relações territoriais locais consequentes do fluxo populacional, e as redes migratórias que atuam no processo, a partir do estudo de caso, atentando para as relações que se estabelecem entre migrantes na região de destino e de origem dos fluxos.

Especificamente com o estudo de caso, pretendeu-se entender as relações territoriais tecidas a partir da mudança de moradia, entendendo, aqui, o território como a projeção das relações sociais no espaço (SOUZA, 2013), buscando saber de que forma o local de destino foi apropriado pelos migrantes, e a partir de quais relações.

O estudo de caso foi efetuado a partir do fluxo migratório que teve origem no distrito de Pimenta, situado no município de Mascote-BA, e dirigiu-se ao bairro Jesus de Nazareth, localizado na cidade de Vitória-ES. Em Jesus de Nazareth formou-se a “Vila dos Baianos”, local com ampla concentração de migrantes provenientes da Bahia, grande parte do município de Mascote. Além de conterrâneos, muitos dos moradores dessa área são parentes e migraram quase ao mesmo tempo. O trabalho aponta algumas características que podem auxiliar no entendimento desta migração, em caráter regional, que se fez crescente nas últimas décadas.

O estudo aborda, ainda, as situações de perda e ganho populacional, mostrando a redução da população no pequeno distrito e o choque gerado na economia local, demonstrando o impacto provocado no espaço que recebe esses migrantes, sublinhando o encontro de culturas, gerando preconceitos e estereotipações, além de novas áreas de ocupação no espaço urbano em questão.

Tem grande importância neste evento a formação de redes migratórias. Redes que influenciam diretamente na readaptação do migrante catalisando o processo de controle espacial (DAL GALLO, 2010). O território e as redes estão presentes na análise do ato migratório deste contingente de imigrantes que se dirigem à região metropolitana citada, especificamente para o bairro Jesus de Nazareth. Tendo relevância, o esforço de compreensão de como se deu e como se dá a confluência de costumes e a convivência entre baianos e capixabas, na visão dos preestabelecidos e da população imigrante.

Foi produzido a partir desta pesquisa um documentário com trechos de entrevistas e imagens da região de origem e de destino, contemplando os motivos da migração, as consequências advindas deste processo em ambas as áreas, assim como, outros aspectos deste fluxo migratório. A produção recebe o nome de “O mundo é uma estrada” e está disponível na internet, o link do documentário está no tópico destinado ao assunto (p. 104).

O trabalho foi dividido em três eixos: o primeiro de caráter teórico; o segundo leva em consideração os aspectos históricos e socioeconômicos da Região Metropolitana da Grande Vitória e a mesorregião Sul Baiana; e o terceiro dedicado ao estudo de caso desenvolvido em Jesus de Nazareth e em Pimenta. Inicia-se, portanto, o próximo tópico com as considerações gerais sobre a migração introduzindo o capítulo teórico.

2. APORTE TEÓRICO

2.1 Considerações gerais

O Manual sobre a migração, das Nações Unidas, conceitua a migração como:

traslado de una zona definitiva de la migración a otra (o un traslado a una distancia mínima especificada) que se ha hecho durante un intervalo de migración determinado y que ha implicado un cambio de residencia (NACIONES UNIDAS, 1972, p.2).

O estudo desta temática está presente na Geografia desde os teóricos clássicos, contudo, o fato de ser um estudo tradicional não o torna simples. A migração é reconhecidamente um tema complexo (CASTIGLIONI, 2009; CUNHA, 1987; LEE, 1980) e envolve diversas formas de abordagens. Ao fenômeno migratório são inerentes processos de transformações sociais e econômicos profundos, e a restrição a uma especialidade científica não contemplaria os entrelaçamentos dos vários domínios das ciências presentes nos fluxos populacionais (MOURA, 1980, p. 11). Portanto, não surpreende o estudo da migração ser abordado em diversas ciências, tais como: Antropologia, Demografia, Estatística, Geografia, História, Psicologia, Sociologia, dentre outras.

Cabe dizer que, ainda no século XIX, o geógrafo Ravenstein propôs a formulação das leis gerais da migração a partir da análise do censo do Reino Unido de 1881 e de pesquisas em contexto mais amplo que abarcavam a Inglaterra e mais vinte países (CASTIGLIONI, 2009, p. 42). Seu papel foi fundamental no desenvolvimento

do estudo dos fluxos migratórios e demonstra a antiga ligação do tema com a disciplina.

Mesmo havendo amplo contato do estudo da migração com a Geografia, soma-se à complexidade do tema, o fato de não haver, ou não estarem amplamente divulgados, estudos de síntese, recentes e delongados, que contemplem as correntes teóricas e correlacionem os fluxos populacionais com o estudo do tema dentro da perspectiva geográfica, dando substrato epistemológico às pesquisas de migração dentro deste nicho científico. Tal fato torna o trabalho mais custoso em relação ao referencial teórico.

Talvez não seja exagero dizer que a ciência geográfica, em seu conjunto, ainda deve uma contribuição mais sistemática à teoria da migração, especialmente nas últimas décadas de tantas transformações na forma de produção e organização espacial no mundo (MARANDOLA JR. 2011, p. 246).

Para dar sustentação teórica ao trabalho serão utilizados estudos de alguns geógrafos que têm o tema da migração como tópico, assim como, contribuições advindas de outras abordagens.

Os estudos que se debruçam sobre a migração podem abordar desde aspectos sociais, propondo análise geral do tema, até características psicológicas que se manifestam no migrante, dando enfoque individual ao fenômeno. Podem ainda, se referir a movimentos de pequenas e longas distâncias, além de se diferenciarem em relação ao tempo de duração do fenômeno migratório. Portanto, são diversos os níveis de análise, podendo se estender de uma abordagem direcionada ao indivíduo até os grandes movimentos populacionais que cruzam fronteiras internacionais perpassando pelo processo de redefinição nacional e regional (NETO, 2005, p. 10).

O que se nota é que, sobretudo quando se refere aos movimentos migratórios que carregam um número expressivo de pessoas, com origem e destino comuns, a migração envolve uma série de questões que relacionam os espaços inseridos neste processo às disparidades socioeconômicas existentes no espaço geográfico.

O imigrante visto no seu destino, não pode ser analisado somente a partir de sua situação atual, deve-se levar em consideração o momento e o espaço que precede o ato migratório. Como destaca Sayad (1998) o imigrante é também um emigrante, uma vez que, existe uma situação e um território que antecedem o deslocamento.

Assim, para compreender a migração em maior profundidade é necessário que se considere os aspectos existentes no espaço de origem e a trama que envolve o deslocamento, tanto nos locais que cedem a população emigrante, como nos locais de destino. Ainda segundo Sayad, “falar da imigração é falar da sociedade como um todo” o autor defende uma perspectiva diacrônica, ou seja, que leve em consideração os processos históricos que envolvem a migração (SAYAD, 1998, p. 16).

O deslocamento de pessoas diz muito a respeito das condições encontradas nos locais de origem, além de referenciar quais são as perspectivas que se formam a respeito dos pontos de atração. A migração sublinha uma grande contradição no processo de mundialização do capitalismo, pois faz reverberar as disparidades existentes entre países e regiões, além de enfatizar as fronteiras existentes no planeta, evidenciando os limites presentes nos fluxos da globalização, sobretudo quando está em foco a migração internacional, que apresenta medidas mais efetivas de contenção migratória.

Segundo Trewartha, a migração sempre foi uma característica básica da população, promovendo a mistura étnica, linguística e nacional de uma parte considerável dos habitantes da terra, ratificando que o homem é uma criatura móvel (TREWARTHA, 1974, p. 165). O fenômeno humano, portanto, é dinâmico e tal fato se materializa, dentre outros fatores, na transformação qualitativa e quantitativa do ecúmeno (SANTOS, 1988, p. 14).

É inegável que os fluxos populacionais, internacionais e internos, presentes na história do Brasil, somam importância ímpar para a formação do território nacional e produção do espaço geográfico, não podendo deixar de ser citada a extensa diversidade cultural existente em nosso país, também advinda da manutenção e mescla das culturas envolvidas nos processos de ocupação e desocupação, conquistas e confluências de territórios.

Quando considerado o caráter espacial, de suma importância na perspectiva Geográfica, e há interesse pelas causas e consequências do fenômeno migratório, a complexidade do estudo se concretiza no envolvimento de, pelo menos, duas áreas de estudo, as áreas que recebem os migrantes e as áreas que os perdem, podendo estas áreas e o fluxo variar em extensão e quantidade. Estes dois espaços possuem

características particulares em relação ao clima, cultura, história, economia, língua, etc.

Faz-se necessário analisar tais fluxos compreendendo o contexto espacial, social e histórico em que estão imersos os migrantes, para não correr o risco de naturalizar a migração como um fenômeno inerente à condição humana, sem levar em conta os motivos que repelem os habitantes de determinados locais. É verdade que a condição de migrante existe desde os primórdios da humanidade, contudo, devem ser levados em conta os processos históricos e sociais que envolvem os espaços, tais como interesses econômicos e restrições a recursos (VAINER, 2007).

Para efetivação da pesquisa faz-se necessário compilar o aporte teórico a ser utilizado como ferramenta de análise no estudo de caso proposto, sendo o presente capítulo responsável por esta ação. Portanto, serão pontuados nos próximos itens características gerais de causas e consequências da migração, apresentando aspectos que julgo ser importantes para melhor compreensão do ato de migrar.

Vale salientar que, para o objetivo desta pesquisa, se mostra imprescindível a compreensão dos aspectos que se estendem para além do caráter espacial e econômico. Por isso, lanço mão da categoria “território”, para melhor compreensão da relação do indivíduo com o espaço de saída e de chegada, visto que o território pode ser compreendido por um viés mais amplo do que o sentido estritamente espacial-político. Além disso, quando interligado o estudo da migração com o estudo do território, amplia-se nossa possibilidade de análise na geografia, já que tal categoria é uma constante nos estudos da disciplina.

Ponto a seguir alguns aspectos assinalados por autores que se dedicam ao estudo da migração, sendo estes referentes às causas que colocam em movimento as pessoas, as consequências, tanto nos locais de perda populacional como nos locais que recebem os migrantes e, por fim, as redes migratórias e a reterritorialização do migrante.

2.2 Enfoques teóricos

Os trabalhos relacionados à migração variam em enfoque teórico e metodológico, existindo algumas diferenças primordiais, sendo tais aspectos importantes para entender como se diferencia a abordagem a respeito dos motivos que fazem mover a população dentro das principais correntes teóricas que neste trabalho considero. Para tal entendimento apresento as divisões propostas por Becker (2006) e Vainer (2007), escolhidas por ressoarem entre si o que enriquece a apresentação das abordagens.

A geógrafa Becker (2006) dividiu os estudos migratórios em dois enfoques teóricos: o neoclássico e o neomarxista; enquanto, o economista e sociólogo, Vainer (2007) propõe divisão, contendo características similares, denominando as correntes teóricas por: individualismo metodológico e estruturalismo. A apropriação destas correntes nos auxiliará na compreensão dos motivos que impelem a população para novas áreas, percebendo-se os diferentes enfoques que podem ser dados ao estudo da migração, além de demonstrar as limitações que se apresentam no estudo do tema.

Segundo Becker, o modelo neoclássico vigorou como a principal corrente teórica da migração até a década de 1970, tem como importante referência os estudos realizados pelo geógrafo Ravenstein, que formulou as “Leis da Migração” (1885) seu trabalho foi o ponto de partida para estudos em teoria da migração (BECKER, 2006, p. 326).

Para a autora, este enfoque compreende a migração reduzida à identificação e quantificação de algumas causas e efeitos, numa abordagem individualizada e atomística, considerando que cada pessoa busca por meio da migração suprir suas necessidades. “A decisão de migrar era percebida como decorrente apenas da “decisão pessoal” e não pressionada ou produzida por forças socioeconômicas exógenas” (BECKER, 2006, p. 323).

A respeito dos processos migratórios, dentro da perspectiva do individualismo metodológico, que se assimila à proposição neoclássica, Vainer afirma que, dentro desta corrente,

vemos o trabalhador agir, com total liberdade, como uma espécie de empresário de si mesmo, situado num determinado espaço, o trabalhador aparece como possuidor de um certo capital humano. [...] Nosso trabalhador, possuidor de capital humano, realiza sucessivas avaliações racionais contando ganhos e perdas, custos e benefícios em cada ponto (VAINER, 2007, p. 19).

Ou seja, o trabalhador age de acordo com as condições econômicas existentes nos diversos pontos do espaço e, a partir da racionalidade, escolhe o que lhe oferecer melhores condições mediante as avaliações efetuadas previamente, maximizando os ganhos e minimizando os custos. São citados, por Becker, como estudos básicos do enfoque neoclássico os formulados por Ravenstein, Lee e Todaro (BECKER, 2006, p 325).

A partir de meados da década de 70, a migração passa a ser percebida, por alguns teóricos, “como mobilidade forçada pelas necessidades do capital e não mais como um ato soberano de vontade pessoal, em resposta à diferença de renda urbana esperada” (BECKER, 2006, p. 322), surgindo, assim, a abordagem neomarxista.

Para Becker a teoria neomarxista abre uma perspectiva no estudo da migração que considera a história, os processos históricos em que a migração está envolvida. Há uma aproximação dos estudos de Marx com os estudos de migração, passando a encarar os fluxos populacionais como mobilidade da força de trabalho num modo de produção capitalista. São citados como pesquisadores pertencentes a esta linha teórica: Singer, Peek, Gaudemar, Slater, Moreira, etc.

Nesta abordagem o migrante não é o único ator da migração, abandona-se o enfoque individualizado, considerando o migrante como um sujeito inserido num contexto de restrição aos meios de produção (terra, maquinaria etc.) em que o trabalhador tem em sua força de trabalho uma mercadoria e, a partir das premissas do capital, o trabalhador irá migrar para vender seu trabalho onde queiram comprar, tornando-se livre para o mercado.

Segundo Becker,

Na sociedade capitalista, a mobilidade representa um meio para a reprodução do capital, uma vez que uma força de trabalho “livre” e “móvel” torna-se essencial para o processo de acumulação. Nesse sentido, uma massa de trabalhadores (...) seguindo os movimentos do capital, representa um indicador de desenvolvimento capitalista (BECKER, 2006, p. 341).

O trabalhador torna-se “livre” quando está desprovido das ferramentas que poderiam suprir sua subsistência. A mobilidade do trabalhador surge a partir de sua separação dos meios de produção, ficando dependente do detentor de tais meios.

A autora afirma que, para a reprodução do capital, é essencial a presença de um excedente populacional, um estoque de população pobre disponível, compreendendo a migração como uma forma de sujeição do trabalho ao capital. Pois,

a primeira mola propulsora destes deslocamentos seria sócio-econômica, determinada pelo processo de acumulação do capital; somente num segundo momento poderia se falar nas condições subjetivas das migrações e nas características do migrantes (BECKER, 2006, p.343).

Logo, as migrações resultariam de um processo de exclusão social, em que o migrante se vê em necessidade de mudança, e o que vai tangenciar o seu local de destino serão as relações de venda de força de trabalho numa perspectiva capitalista, formando, na verdade, fluxos de mão de obra, a procura de condições mínimas para a reprodução da classe social pertencente.

Vainer, fazendo referência à mesma linha de estudo, denomina o enfoque como estruturalismo, considerando que para esta corrente, a migração se dá como manifestação do capital.

[...] Longe de ser afirmação da liberdade individual do trabalhador, sua mobilidade, submetida à lógica da estrutura, não é senão a ficção, realista e realizada, que esconde e revela a liberdade do capital. Na verdade, no espaço estrutural (estruturado pela lógica capitalista), há apenas um, e um único, detentor da verdadeira liberdade: é o capital (VAINER, 2007, p. 21).

A migração em relação à causa, nesta perspectiva, se configura como consequência de uma estrutura que empurra, ou direciona determinado grupo de pessoas para outro lugar, de acordo com os interesses ditados pelo capital, não havendo grande importância às individualidades, pois o movimento é pautado por uma estrutura que independe das vontades pessoais.

As duas proposições de divisão do aporte teórico referentes à migração convergem, podendo-se, a partir das semelhanças encontradas entre o modelo neoclássico e o individualismo metodológico, e entre o neomarxismo e a corrente estruturalista,

dividir o aporte teórico em dois segmentos: um que considera o migrante como indivíduo dotado de poder de escolha que se direciona para a melhor forma de se estabelecer economicamente, sendo a motivação de migrar um impulso individual; e a abordagem socioeconômica, a partir da influência marxista, que considera a estrutura como fator responsável pelos movimentos migratórios, sendo o migrante impelido de sua terra natal a partir de forças socioeconômicas.

Os autores que demarcam as divisões metodológicas apontam limitações existentes nas duas correntes. Becker afirma que as abordagens apresentam enfoque extremamente geral, havendo necessidade de maior atenção ao caráter “particular” das migrações. (BECKER, 2006, p 358).

Para Vainer, nas duas abordagens por ele discutidas, o deslocamento e a localização de populações se dão num espaço econômico. No modelo neoclássico se apresenta a racionalidade econômica do indivíduo, e no modelo estrutural predominam as leis de acumulação e desenvolvimento desigual do espaço. O autor aponta como lacuna a necessidade de percepção do espaço como campo político de exercício de poder e também provedor de violência, que bloqueia, impede o deslocamento e imobiliza, como visível, por exemplo, nas políticas de contenção de imigração nos países desenvolvidos (VAINER, 2007, p. 22-28).

Não se pretende defender ou assumir um método específico de uma dessas correntes expostas. Pretende-se compilar abordagens que possam auxiliar na análise do estudo proposto. A partir desta reduzida exposição das correntes, serão expostas algumas generalizações recursivas nos trabalhos de migração, apontando causas peculiares dos movimentos populacionais. Pontuo aqui aspectos da migração que darão base para compreender o estudo de caso, percebendo que algumas características mais específicas, presentes no trabalho não são exclusivas.

2.3 Causas da migração

Muitos motivos podem permear o ato migratório, alguns são recorrentes e se apresentam em uma gama considerável dos estudos que têm a migração como tema. A partir do referencial teórico, utilizado para dar base ao estudo, foram reunidos alguns aspectos, apontados pelos diversos autores, apresentados como causas do ato migratório. Sendo que, dentro do aporte teórico considerado, o fator econômico é o determinante principal no deslocamento da população, a necessidade ou vontade de melhorar as condições de vida impulsionam os fluxos populacionais em direção a novos espaços e a novas realidades sociais. Contudo, conforme será exposto, outros fatores permeiam o deslocamento da população.

Assim, existem outros motivos que fazem a população se deslocar, como por exemplo: o desejo de se instruir; a atração exercida pelas cidades; os motivos políticos, religiosos, etc. (CASTIGLIONI 2009 p. 51) A respeito das tipificações da migração segundo as causas, Trewartha afirma que, qualquer classificação das migrações “é de difícil formulação, pois que os fatores estimulantes são numerosos, variados e se superpõem” (TREWARTHA, 1974, p 171). O que proporciona o encontro de vários motivos em único evento migratório.

Eventos atípicos, que interferem no cotidiano e na estrutura econômica de determinado local, podem dar início ao movimento migratório, tais como: desastres naturais, crises econômicas, guerras, descoberta de recursos, abertura de grandes empresas, implantação de grandes projetos. Os movimentos podem ser de retirada populacional ou de incremento da população, em que o local terá sua população majorada a partir do deslocamento de pessoas. Portanto, as causas da migração podem estar ligadas tanto à área de repulsão, quanto às áreas de atração, podendo ocorrer simultaneamente.

As pessoas partem, geralmente, para lugares onde acreditam que encontrarão melhor sorte. Os pontos de atração se concretizam, de modo geral, em locais que apresentam economia mais dinâmica ou onde se vislumbra a possibilidade de trabalho e/ou melhores condições de salário. Contudo, o fator de atração pode ser real ou imaginário, nem sempre é possível obter resultado positivo, se tornando, por

vezes, a migração como a simples mudança de forma de luta contra a pobreza (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 249).

Logicamente não são todos os migrantes que partem de uma situação de penúria. No entanto, quando se trata de causas expulsoras como a miséria, a falta de trabalho e as crises econômicas, há um processo de migração em massa, colocando pessoas em situação de instabilidade em movimento, “como ocorre no êxodo rural e na migração internacional dos países pobres em direção aos de desenvolvimento avançado” (CASTIGLIONI, 2009, p. 52).

Singer pondera que,

Convém sempre distinguir os motivos (individuais) para migrar das causas (estruturais) da migração. Os motivos se manifestam no quadro geral de condições sócio-econômicas que induzem a migrar. É obvio que os motivos, embora subjetivos em parte, correspondem a características dos indivíduos: jovens podem ser mais propensos a migrar que velhos, alfabetizados mais que analfabetos, solteiros mais do que casados e assim por diante. O que importa é não esquecer que a primeira determinação de quem vai e de quem fica é social ou, se se quiser, de classe. Dadas determinadas circunstâncias, uma classe social é posta em movimento. Num segundo momento, condições objetivas e subjetivas determinam que membros desta classe migrarão antes e quais ficarão para trás (SINGER, 1980, p. 237).

Se a migração for entendida como um processo social e que sua força motriz está quase sempre relacionada às questões econômicas, tais como deslocamentos de atividade, crises econômicas e crescimento econômico diferenciado, deve-se assumir que irá atingir as diversas classes sociais de forma distinta. Os desempregados, que migram por não terem acesso à propriedade da terra, configuram um grupo, portanto não é um movimento populacional de indivíduos, é o movimento de uma classe social (SINGER, 1980).

Dentre os destinos que se apresentam aos migrantes, as grandes cidades conformam-se como ponto de atração para muitos. No caso do Brasil, o estado de São Paulo onde se localiza a maior metrópole do país, serve como exemplo de área receptora de número expressivo de migrantes. O censo de 2010 apresentou o número de 8.2 milhões de imigrantes dentro dos limites do estado, sendo que deste montante a grande maioria residente na Região Metropolitana, ressaltando que

neste quantitativo não estão inseridos os imigrantes originários de outros países, somente imigrantes internos.

Conforme já pontuado, não são somente as cidades que geram atração, a descoberta de novos recursos também atrai população. Tal fato pode ser percebido na descoberta de jazidas de ouro, reservas de petróleo e gás, que ampliam o tamanho das cidades localizadas próximas ao ponto de extração, ou formam novos núcleos urbanos a partir dos movimentos populacionais. Tal fato também ocorre nas novas zonas de fronteira agrícola, sendo percebido nos estados de Mato Grosso, Rondônia, Amazônia, Bahia, entre outros, que receberam investimentos recentes na agricultura, sobretudo ligados à soja e pecuária, abrindo novas áreas de ocupação.

As migrações também podem ser estimuladas pelo Estado, a partir de grandes projetos estruturais, no Brasil há o exemplo de Brasília que deslocou um contingente expressivo de pessoas para construir e ocupar a nova capital, “[...] havia ali 6.000 habitantes em fins de 1956; três anos depois, dez vezes esse número. Por volta de 1976, 700.000. [...]” (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 229). É também exemplo da ação do Estado, na maioria das vezes em parceria com setor privado, a construção de hidrelétricas, configurando no que Trewartha classifica como migração forçada, pois os migrantes não têm a opção de permanecer no local de origem (TREWARTHA, 1974, p. 173). No Brasil, inclusive, formou-se o Movimento dos Atingidos por Barragens, para reivindicar direitos negados aos que foram deslocados de sua residência sem haver possibilidade de permanência. Em nosso país tais deslocamentos ganham proporção especial por serem as hidrelétricas base essencial de nossa atual matriz energética, havendo violações recorrentes dos Direitos Humanos na implantação dos projetos e deslocamento da população.

Vainer ao discutir a implantação de grandes projetos ressalta a violência exercida sobre os que se veem obrigados a migrar. O autor considera a violência como fator migratório, baseando-se nos dados de 1994 do Banco Mundial, e afirma que entre 1983 a 1993 de noventa a cem milhões de pessoas foram forçadas a deixar seu lar para dar lugar a grandes projetos de desenvolvimento (VAINER, 2007).

Portanto, não é para todo migrante que a possibilidade de ficar existe. Além disso, muitos não têm o poder de escolha, como é caso das crianças que são obrigadas a

se deslocar com os pais, o que por vezes também acontece às mulheres que eram ou ainda são compelidas a acompanhar o marido a partir de seu desejo de mudança e, independentemente da vontade, fazem volume junto ao número de migrantes. As relações parentais também são abordadas na migração quando o fator psicológico é considerado um agente integrante do ato migratório, pois muitos são impulsionados pelo desejo de acompanhar o grupo de migrantes, por vezes composto por um número expressivo de familiares, intentando manter os laços afetivos.

Garnier aborda o fator psicológico como uma das causas que influenciam na migração, afirmando que apesar de os motivos geralmente serem econômicos, muitos migram pelo desejo de algo novo, movidos pelo “espírito pioneiro”, ou pela atração do grupo, sendo encorajados por outros migrantes (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 251). Numa abordagem de cunho psicanalítico, Ferreira propõe que “a aventura do migrante inclui também o desejo de ser outro” (FERREIRA, 2005, p. 158). Garnier destaca a importância do fator psicológico no deslocamento das pessoas, fazendo a seguinte afirmação:

Nos estudos da migração, tem-se, geralmente, colocado ênfase no incentivo fornecido pelo descontentamento com a própria sorte econômica, e, de fato, a maioria dos autores consideraria isso a motivação essencial. Parece, entretanto, difícil aceitar tal asserção categórica pois os fatores psicológicos exercem papel saliente, papel as vezes vital, e, de qualquer maneira, mesmo numa decisão provocada por fatos econômicos bem definidos, encontra-se também algum outro aspecto, do qual o próprio indivíduo mal percebe mas que exerceu seu papel no movimento final de decidir. Não devemos, naturalmente, procurar isolar os dois fatos – econômico e psicológico – e sim, pelo contrário, deveríamos esforçar-nos para mostrar suas íntimas interpenetrações (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 245).

Existem pessoas que apresentam resistência a mudanças, necessitando de razões poderosas para migrar, enquanto que para outras, basta uma pequena provocação. Para Lee, a decisão de migrar nunca é completamente racional, sendo que, para algumas pessoas a fundamentação racional é bem inferior à irracional (LEE, 1980, p. 103). Mais adiante será abordada a influência das redes migratórias, que funcionam como agentes do fenômeno migratório, a partir de arranjos promovidos por parentes e conterrâneos.

Independente dos motivos que fazem mover a população, o ato migratório vai gerar consequências diversas, que irão se distinguir também em diferentes amplitudes de

espaço e tempo. No próximo tópico serão pontuadas algumas consequências que se manifestam a partir dos fluxos populacionais.

2.4 Consequências da migração

Os fluxos populacionais podem influenciar no âmbito espacial, econômico, social, cultural, político, pessoal e familiar, gerando consequências a curto, médio e longo prazo. Destaca-se como consequências marcantes: a mudança na forma de ocupação das áreas; a mudança nas estruturas etárias; a alteração na dinâmica da fecundidade; o aumento ou diminuição do quantitativo populacional e o choque e/ou caldeamento de culturas. Tais consequências não se convertem em um padrão restrito, mas em tendências reconhecidas que nos auxiliam no estudo.

As consequências da migração são visíveis nos dois espaços que estão envolvidos: as áreas de destino e as áreas de origem dos migrantes. As áreas de destino absorvem a população migrante, podendo promover a expansão das áreas de ocupação, abrindo novas terras; já nas áreas de origem a população diminui, as cidades perdem vigor e as zonas rurais são abandonadas (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 254).

A migração pode produzir importantes modificações sobre a composição da população, pois apresenta caráter seletivo. Os migrantes podem seguir um determinado perfil, no que se refere à idade, ao sexo e a outras características. No deslocamento para outro espaço, irão alterar o caráter quantitativo e qualitativo da população, promovendo “alterações nas estruturas social, ocupacional e demográfica, tanto da sociedade invadida quanto da abandonada” (TREWARTHA, 1974, p. 166).

As seleções podem ocorrer em relação à instrução, ao estado civil, sexo e atividade econômica, contudo, a que ocorre em relação à idade é a característica mais universal (CASTIGLIONI, 2009, p.50). Sjaastad, na análise dos custos e benefícios da migração, ressalta que a decisão de migrar será tomada se os benefícios parecerem mais importantes que custos associados ao movimento (SJAASTAD,

1962). “A avaliação dos custos-benefícios explica a diminuição da migração quando a idade aumenta: o peso dos custos fica cada vez mais importante, enquanto que o período para retorno dos investimentos fica cada vez mais curto” (CASTIGLIONI, 2009, p. 51).

Trewartha, em relação à idade, afirma que uma das razões que faz predominar jovens adultos na maioria das migrações é por se adaptarem melhor às novas condições. A autora afirma, ainda, que:

[...] sua entrada na força de trabalho é recente, eles são mais capazes de mudar de ocupação. Devido à seletividade etária que faz predominar adultos jovens, as regiões de imigração poderão ter um número desproporcionalmente grande desse grupo. Regiões de forte emigração, por outro lado, sofrem uma drenagem de jovens e, provavelmente, terão uma proporção maior de adultos maduros e de velhos (TREWARTHA, 1974, p. 167).

Devido ao caráter seletivo da migração a pirâmide etária será modificada, ampliando o número de jovens na população do lugar de destino e reduzindo o número de jovens na área de origem. Tal fato acarretará na ampliação da taxa de mortalidade e queda de natalidade no local de origem, ocorrendo a situação inversa no local de destino, no qual ocorrerá o aumento da população devido ao aumento da taxa de natalidade gerado a partir do maior número de jovens.

Logo, o deslocamento de determinado número de pessoas não ocasiona somente o aumento ou diminuição imediatos e restritos do número específico de migrantes. A migração de 1000 pessoas pode gerar resultados muito maiores do que o efetivo numérico indica (TREWARTHA, 1974, p 170), pois os efeitos do deslocamento se dão ao longo do tempo. Além do impacto imediato sobre o efetivo da população, a migração produz efeitos indiretos derivados da seletividade do fluxo migratório constituído predominantemente por jovens adultos, cuja fecundidade em geral mais elevada do que a da população nativa, contribui, após a migração, para o aumento do número de nascimentos e, conseqüentemente do segmento de crianças (CASTIGLIONI, 1989). Em relação às mudanças que podem ocorrer nas populações de origem e de destino Zelinsky afirma que, uma população que recebe

[...] um ponderável complemento de imigrantes relativamente recentes provavelmente difere de modo radical de outra que perdeu grande número de pessoas. Os contrastes entre migrantes e os grupos residuais podem ocupar toda gama de características

demográficas, mas a natureza de tais contrastes depende do tipo específico do movimento em questão, o que torna perigosas as grandes generalizações [...] (ZELINSKY, 1966, p. 98).

O tipo de seleção é condicionado pelas causas que geram o movimento. Para exemplificar como a seleção pode se dar de forma diferenciada, imaginemos um fluxo populacional causado por abertura de postos de emprego que demandam pessoas aptas para trabalho de força bruta, tal como construção civil, mineração (sobretudo nos moldes antigos). Tal fluxo deve concentrar um número maior de homens, modificando, não somente o caráter etário, mas também o quantitativo por gênero e por nível de instrução.

Já a migração gerada, por exemplo, pela implantação de uma empresa que demanda ampla utilização de mão de obra especializada, pode acarretar no deslocamento de técnicos e especialistas que passam a viver nas proximidades da instalação, o que dará um recorte socioeconômico específico ao movimento. Por sua vez, os camponeses que se veem sem acesso à terra e incapazes de prover seu alimento vão, provavelmente, fazer volume junto aos trabalhadores urbanos desprovidos de qualificação profissional, configurando outro caráter social. Deve-se ressaltar que os aspectos socioeconômicos influenciam na natalidade, o que também torna as consequências dos movimentos populacionais qualitativamente distintas.

Portanto, as nuances relacionados às características econômicas do migrante geram consequências distintas em cada recorte. Para Singer,

[...] O impacto da migração, tanto econômico como social e político, sobre o lugar de destino, deveria ser encarado como um dos elementos deste processo de transformação. Assim, a proletarização de uma massa camponesa via migração expande a classe operária no lugar de destino, aumenta a oferta de mão-de-obra não-qualificada no mercado de trabalho, reduz o nível de organização e, portanto, do poder de barganha da classe, com repercussões sobre sua remuneração e condições de trabalho [...] (SINGER, 1980, p. 241).

Tal fato pode ampliar os atritos que ocorrem na relação entre migrantes e preestabelecidos, um exemplo atual são as manifestações anti-imigrantes que vêm se tornando frequentes, sobretudo na Europa. Contudo, a afirmação de que a

migração é causa da redução da qualidade de vida de parte da população residente deve ser contextualizada em um aporte mais amplo, que considere os fluxos diferenciais que ocorrem entre países e as relações de poder que se estabelecem e se estabeleceram, ao longo do tempo, em âmbito internacional. Muitos países que cederam população para Europa, sobretudo a partir da metade do século XX e início do XXI, foram colônias de exploração dos europeus, o que muito condicionou a atual situação desses países, a partir desta relação de dominação que se instaurou por um longo período.

Lembrar isto, lembrar as definições sociais do imigrante e do estrangeiro, é lembrar a relação de dominação que se foi estabelecida entre sistemas socioeconômicos diferentes, entre países e continentes desigualmente desenvolvidos e que se retraduz de forma idêntica no fenômeno da emigração/imigração. Não se entenderia nada sobre a natureza desse fenômeno, ou seja, sobre o modo de geração da população que se tornou “disponível” para emigrar, sobre o significado profundo dos acordos concluídos entre os países de emigração e os países de imigração, sobre o modo como são recrutados os emigrantes e como serão tratados mais tarde enquanto imigrantes, se não lembrássemos que a imigração consagra a relação de dominação que a produziu e que a mantém (SAYAD, 1998, p. 245).

Logo, reafirma-se à necessidade de compreender a migração em uma perspectiva diacrônica, pois os processos históricos condicionam os locais que cedem população emigrante e os locais que recebem a população imigrante. Além disso, o fluxo existente entre Europa e América já foi inverso, durante o século XIX houve correntes migratórias maciças para os países “novos”, situação que só se inverte a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, em que a prosperidade nos países ricos demanda mão de obra para trabalhos considerados pesados ou degradantes (SANTOS, 1988, p.15).

Não se pode negar, no entanto, que existem consequências financeiras negativas geradas a partir da migração que se manifestam tanto nos locais de origem como nos de destino. A migração pode se tornar um transtorno para o local que recebe os migrantes, pois, caso o local não apresente capacidade de absorção de mão de obra, o migrante, sobretudo o desprovido de qualificação profissional, ficará a mercê de toda sorte, podendo ser marginalizado, ocupando áreas irregulares, ou vivendo nas ruas das cidades. Isso ocorre, sobretudo, nas cidades dos países denominados subdesenvolvidos em que se vê “[...] cidades que estão sendo invadidas pelos

habitantes das zonas rurais, vítimas da pobreza, sem especialização e, muitas vezes, para ali levados pela fome ou pelo desespero [...]” (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 272).

O local que perde população pode sofrer alterações na economia, pois há uma tendência maior das pessoas migrarem durante sua juventude, o que reduz a população ativa, perde-se mão de obra, reduzindo o poder de produção e trabalho.

O fluxo populacional, entretanto, pode ser favorável, diminuindo o número de desempregados de uma determinada área que passa por um período de estagnação. Outra possibilidade positiva financeiramente, em relação ao local que perde população, é o envio de recursos por parentes (BEAUJEU-GARNIER, 1980 / SAYAD, 1998). Os parentes têm como hábito, a partir do momento que se estabilizam, enviar recursos financeiros para os que permaneceram na terra natal ou para realizar investimentos, gerando um fluxo de capital capaz de influenciar na economia de cidades e até mesmo de países.

As consequências da migração não modificam somente o caráter populacional, quantitativo e econômico, elas podem atingir demais aspectos, havendo a possibilidade de transformar também o modo de vida dos migrantes (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 245), além de impactar em características psicológicas do indivíduo, podendo acarretar impactos na identidade e personalidade. Conforme destaca Dal Gallo:

A bibliografia clínica e antropológica elenca um razoável número de estresses e lutos causados pela experiência migratória, relacionados às várias perdas, desorientações e incertezas consequentes da mudança. O local de destino representa uma nova realidade para o migrante em termos tanto culturais quanto espaciais. A bibliografia clássica indica alguns dos processos que ocorrem neste devir, tais como a integração, a assimilação, a separação ou a marginalização (BERRY; POORTINGA, 2002), constituindo o processo mais geral de adaptação do migrante, que envolve não apenas questões comportamentais e culturais (HOGAN, 1974), mas também adaptações do seu próprio modo de ser [...] (DAL GALLO, 2010, p 410).

O desgaste emocional pode gerar patologias psicológicas no migrante. Aponto novamente para as diferentes escalas de consequências presentes no ato migratório, pois os impactos são também fortemente percebidos no nível individual de análise.

O migrante pode passar a conviver com alguns problemas derivados do contato com o novo ambiente que o recebe. O estranhamento da cultura, questões econômicas, religiosas e hábitos em geral, geram muitas vezes a discriminação do indivíduo. Em âmbito nacional isso se torna notável nas grandes cidades quando nos referimos à migração nordestina em direção às cidades do Sudeste. No Rio de Janeiro, por exemplo, os nordestinos foram apelidados de “paraíba”, recebendo a palavra um sentido pejorativo, além disso, não é raro ouvir afirmações que os baianos são preguiçosos, isso dito, inclusive, na grande mídia, sobretudo em programas de comédia.

No Espírito Santo, o termo baiano pode ser entendido como uma metáfora que agrega os diversos migrantes nordestinos, carregando em si um sentido estigmatizado e, por vezes, criminalizador, vendo o migrante como um sujeito *outsider*, não pertencente à sociedade que o recebe (DADALTO, 2013).

Segundo Garnier, ao migrante em fase de adaptação surgem duas possibilidades:

[...] a primeira, a adaptação, inevitável para o indivíduo isolado que se vê perdido na multidão, não observado e com pequena força de resistência; segunda, o inverso, isto é, a luta contra a assimilação que ocorre através da formação de um grupo e a tentativa de criar, novamente, algo do *milieu* originário no novo ambiente[....] (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 266).

A segunda ameniza o choque entre culturas e o preconceito, a partir da possibilidade de recriar, minimamente, um território de coesão cultural em que se mantêm tradições e elos familiares. Tais aspectos serão mais detalhados no próximo tópico que trata das relações territoriais, destacando as redes migratórias como catalisadoras dos processos de reterritorialização.

2.5 Redes migratórias e a reterritorialização do migrante

O território aparece, na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto apropriado por determinado grupo social. Termo, normalmente, evoca o espaço do Estado-nação, o “território nacional”, contudo, tal categoria não precisa ser reduzida

a esta única perspectiva, podendo ser compreendida em diversas escalas e temporalidades (SOUZA, 2003). A concepção de território não necessita estar atrelada aos grandes espaços de controle nacional, pode representar realidades que variam do local ao global. Da mesma forma afirma-se em relação às escalas temporais, pois o surgimento do território, nesta perspectiva, não necessita de décadas e séculos para sua fixação, podendo formar-se e desfazer-se também em um curto período de tempo, de anos, meses, semanas ou dias (SOUZA, 2003, p. 81).

Pode-se compreender o território para além das relações de domínio estatal, “como fruto da interação entre relações sociais e controle do/pelo espaço, relações de poder em sentido amplo, ao mesmo tempo de forma mais concreta (dominação) e mais simbólica (um tipo de apropriação)” (COSTA, 2012, p. 235). O território passa a ser visto muito mais como as relações sociais projetadas no espaço que propriamente o espaço concreto. Havendo uma flexibilização do termo, abarcando dentro da categoria as dimensões política e cultural, contendo em si a possibilidade de superposição de diversos territórios, não sendo o território exclusividade do Estado (SOUZA, 2003, p.86/87).

[...] Não apenas o que existe, quase sempre, é uma superposição de diversos territórios, com formas variadas e limites não-coincidentes, como ainda por cima, podem existir contradições entre as diversas territorialidades [...] (SOUZA, 2003, p. 94).

Desta forma, o migrante, ainda que dentro dos limites do mesmo Estado-nação, abala seu referencial de territorialidade quando fixado em outra localidade. Portanto, o ato de migrar impõe o desenvolvimento de outros tipos de territorialidade a partir do passo que é dado em direção ao desconhecido (DAL GALLO, 2010, p. 410) podendo expor o indivíduo que se desloca ao processo de desterritorialização.

A desterritorialização, quando somado ao território o sentido de dominação política e a apropriação simbólico-cultural do espaço, não pode ser vista somente como um desenraizamento a partir da destruição física de fronteiras e ampliação de mobilidade no sentido concreto. Há, na perspectiva de Costa, duas dimensões da desterritorialização: uma política e outra cultural (COSTA, 2003, p. 168). Para o autor, a mobilidade das pessoas é de fato um dos fenômenos mais ligados à

desterritorialização, no entanto, não é por sair do local de origem que o migrante se torna necessariamente desterritorializado.

Além disso, a entidade abstrata chamada “migrante” se apresenta como somatório de condições sociais e identidades diversas. Portanto, para se definir o migrante como um ser desterritorializado é necessário qualificar o tipo de processo migratório em que está inserido (COSTA, 2005, p. 38). Deve-se levar em consideração a distinção da desterritorialização dos grupos dominantes e dos expropriados, havendo, respectivamente, uma mobilidade ou multiterritorialidade opcional e segura, e uma compulsória e insegura (COSTA, 2012).

O migrante que se desloca antes de tudo por motivos econômicos, imerso nos processos de exclusão socioeconômica, pode vivenciar distintas situações de des-territorialização. Ele pode estar deixando um emprego mal remunerado para buscar outro com remuneração mais justa, pode estar querendo usufruir ganhos pela diferença de poder aquisitivo da moeda de um país em relação a outro, ou ainda, simplesmente, para aqueles numa condição muito mais privilegiada, pode estar buscando investir capital ou expandir negócios em terra estrangeira. Cada uma destas situações envolve níveis de desterritorialização distintos, ligados às diferentes possibilidades que o migrante carrega em relação ao “controle” do seu espaço, ou seja à sua reterritorialização – o que inclui também, é claro, o tipo de relação que ele continua mantendo com o espaço de partida (COSTA, 2012 p. 246).

Portanto, conforme sugere o autor, o termo desterritorializado, em relação aos migrantes se aplica muito mais para pessoas de classes subalternas, que se veem impelidas a mudar, do que para as classes privilegiadas, que se deslocam mantendo o mesmo padrão de conforto vivido no local de origem, reterritorializando-se a partir de territórios neutros ou não-lugares que se materializam nos espaços homogêneos, criados para atender àqueles que se movimentam com privilégios: as salas “vip” dos aeroportos, hotéis de luxo, restaurantes internacionais etc. (COSTA, 2012, p. 253).

A desterritorialização se dá concomitante ao processo de reterritorialização, podendo haver nesse momento uma espécie de hibridação de referenciais, possibilitada pela maleabilidade territorial. O local que recebe certamente irá influenciar a comunidade migrante, contudo, o migrante carrega consigo marcas da territorialidade e da situação socioeconômica que são precedentes ao ato migratório e irão se expressar no novo espaço de ocupação e convívio, sendo que as redes

sociais terão importante participação neste ato reterritorializador e mantenedor da condição social do indivíduo.

Singer destaca a integração do migrante à economia do lugar de destino por meio das redes migratórias, a partir de mecanismos de ajuda mútua e solidariedade, havendo, em boa parte, uma predeterminação do lugar na estrutura social que o migrante irá ocupar a partir de sua situação de classe. O autor ressalta a importância de ponderar que os laços de solidariedade refletem condições de classe social e “[...], desempenham um papel de suma importância na integração do migrante à economia e à sociedade do lugar de destino [...]” (SINGER, 1980, p. 240).

Cito como exemplo o trabalho de Barbosa relacionado à migração de nordestinos para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, revelando a grande concentração desses migrantes em determinadas funções que, geralmente, demandam indicação. O autor afirma que os migrantes, por serem indicados, adquirem uma dívida de lealdade com quem os indicou, tornando-se pessoas mais aptas para serviços como, doméstica e porteiro de edifício, que exigem confiança do empregador (BARBOSA, 2005, p. 369).

O migrante quase nunca se desloca sozinho, parentes e amigos mudam de residência juntos ou o esperam na terra de destino, havendo, por vezes, auxílio financeiro nos custos do deslocamento, o que torna sua chegada e sua partida menos penosa, atenuando, também, o impacto gerado por diferenças culturais. Quando recepcionado, o migrante, geralmente, recebe abrigo na casa de parentes ou amigos, mesmo que temporário, e forma-se uma rede de indicação para o trabalho, o que facilita a manutenção das necessidades básicas no local de chegada (BARBOSA, 2005).

A identidade existente entre os migrantes é um fator de fortalecimento dos elos tecidos entre estes indivíduos que se encontram deslocados de seu território original. As redes formadas a partir da migração, que se estendem do local de origem ao local de destino, participam de maneira categórica nos processos de reterritorialização do migrante.

A força da identidade entre muitos grupos migrantes é um dos principais fatores responsáveis pela coesão mantida pelo grupo, mesmo longe do seu território de origem. Isto faz com que muitos, ao

contrário do discurso corrente da desterritorialização, acabem se envolvendo em processos claros de reterritorialização, ou seja, de recomposição de seus territórios em outras bases, territórios estes recriados por meio do amálgama proporcionado pela força das redes mantidas no interior da dinâmica migratória (COSTA, 2005, p. 40).

Quando no local de destino, o grupo de migrantes tende a agrupar parentes, amigos e conterrâneos em determinada localidade (CASTIGLIONI, 2009, p. 49), reterritorializando-se, mantendo os costumes, a forma de falar do local de origem, dando continuidade à convivência com os conterrâneos.

[...] Tem-se observado que imigrantes procedentes de uma aldeia, de uma cidade, de uma região ou de um país muitas vezes encorajam uns aos outros no ato de emigrar e tornam a formar um grupo ao fim da jornada. (...) Quando a notícia do filho ou do amigo que partiu é boa, o movimento emigratório propaga-se e muitos outros indivíduos emigram por nenhum outro motivo senão o oriundo do sentimento de companheirismo, que une famílias amigos, ou simplesmente o do exemplo dado pelo primeiro a deixar a terra natal (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p.251).

Logo, o processo de reterritorialização pode ocorrer em um ambiente que propicie a manutenção de aspectos culturais, religiosos e linguísticos, que continuarão se manifestando por meio dos contatos entre os conterrâneos, consolidados a partir da formação de redes sociais e migratórias que se estabelecem, mesmo que a base espacial tenha sido seccionada entre os que ficam e os que partem.

As redes, desta forma, assumem papel central no território do migrante, recriando símbolos que fazem parte de sua identidade, promovendo a inserção no local de destino, auxiliando-os no processo de aquisição de domínio e controle espacial, gerando territorialidades ao recriar seu território identitário (DAL GALLO, 2010, p. 413). As redes sociais, portanto, tornam-se também territoriais por serem “[...] alicerçadas em lugares específicos onde o grupo se encontra, conserva práticas comuns associadas ao lugar natal e propaga a partir dele sua territorialidade [...]” (DAL GALLO, 2010, p. 413).

É conveniente distinguir as redes sociais das redes migratórias, as redes sociais preexistem em relação às segundas, e, por vezes, as alimentam (TRUZZI, 2008). Massey caracteriza a rede migratória como “[...] complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade [...]”

(MASSEY Apud TRUZZI, 2008, p. 203). Assim, pode-se compreender as redes migratórias como redes que se estabelecem e se arranjam em torno da mobilidade de pessoas, enquanto que as redes sociais se ampliam para além deste sentido.

Lee ressalta que, a princípio, o migrante desconhece as vantagens e desvantagens existentes no lugar de destino, “[...] o conhecimento da área de destino raramente é exato; de fato, algumas das vantagens da área somente são perceptíveis ao se viver nela [...]” (LEE, 1980, p.102). As redes migratórias abrandam esse desconhecimento por meio da difusão da experiência prévia de parentes e conhecidos, a partir das redes o migrante tece ligações sociais em que circulam informações, dinheiro e ajuda mútua.

As redes sociais, tecidas ao redor dos migrantes, amortecem as dificuldades geradas pelo deslocamento, preenchendo necessidades afetivas e psicológicas, além de permitir o fortalecimento do migrante diante das tensões do processo migratório (CASTIGLIONI, 2009, p.48). Depois de estabilizado, o mesmo imigrante que foi recepcionado por um conhecido ou familiar pode se tornar uma referência para outros, desta forma ampliam-se as redes de solidariedade, que facilitam o fluxo populacional.

Para Singer, o estereótipo do migrante, que vem para a cidade grande iludido, está sujeito à hipótese de que “[...] os principais fatores de atração da cidade são constituídos pelos laços sociais, decorrentes de uma situação de classe comum, entre migrantes antigos e novos [...]” (SINGER, 1980, p. 244). Segundo Pova não se pode entender mais a migração como um ato isolado de um aventureiro, todo deslocamento compõe uma imensa teia em que circulam pessoas, informações e dinheiro (NETO, 2005, p. 307).

Por esse motivo, ao mesmo tempo em que as redes migratórias são consequência da migração, tem como tendência alimentar a continuidade do movimento populacional, de tal forma que a própria migração influencia na continuidade do deslocamento da população do espaço de origem, pela necessidade de acompanhar os parentes e pelas notícias, quando essas são positivas. E, mesmo que as condições econômicas que inicialmente potencializaram o processo migratório não sejam mais tão favoráveis à migração, por muitas vezes o fluxo migratório tende a

ter continuidade, uma vez que as redes migratórias podem se tornar autoalimentadoras e cada novo migrante reduz o custo de imigrações posteriores, induzindo a migração de outros indivíduos (TRUZZI, 2008, p 209).

Finalmente, ao analisar o processo migratório a partir das redes migratórias ampliam-se as possibilidades de reflexão sobre causas e consequências para além do ponto de vista econômico, que figura como uma das críticas aos enfoques de análises consagrados ao longo da produção de estudos sobre migração, não estando, no entanto, a análise das redes isenta de levantamentos que considerem os aspectos econômicos envolvidos (TRUZZI, 2008). Percebe-se imprescindível uma abordagem que leve em consideração diferentes formas de interpretar os processos migratórios, para ser possível enxergar o empírico de maneira complexa, que é como este se materializa de fato.

3. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

3.1- Aspectos gerais da migração interna

Entende-se por migração interna ou migração nacional os deslocamentos que não ultrapassam os limites de um Estado-nação. Sua quantificação se apresenta mais complexa, pois é mais difícil ter controle estatístico sobre a população migrante entre as subdivisões territoriais dos países. Para tais estudos os censos demográficos surgem como principal fonte de dados, contudo, na maioria dos casos este levantamento se dá de 10 em 10 anos, não contemplando os movimentos que ocorreram no ínterim, podendo-se somente fazer estimativas ou considerar amostras (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 193/210).

Dentro do estudo aqui proposto analiso o fluxo existente entre uma porção específica do estado da Bahia, o município de Mascote, em direção ao Bairro Jesus de Nazareth, situado em Vitória, capital do Espírito Santo e centro econômico da Região Metropolitana da Grande Vitória, o que configura uma migração interna.

O Brasil tem um forte histórico de migração interna, marcado pelo deslocamento de um número expressivo de pessoas, estando em suma, ligado aos ciclos econômicos e às diferenças existentes entre regiões, tendo o Nordeste uma função de destaque na dispersão de sua população para as diversas porções do país, sobretudo em direção à Região Sudeste.

Quanto às áreas de expulsão populacional, ainda prevalecem unidades federadas nordestinas, representadas por Bahia, Maranhão, e Pernambuco registrando os maiores fluxos de migrantes e, conseqüentemente, apresentando saldos migratórios negativos quando comparados aos das demais unidades federadas, representados por aqueles migrantes de baixa qualificação e desempregados que se dirigem principalmente para municípios de São Paulo, Goiás, Distrito Federal, Espírito Santo e Pará (RIBEIRO, 2005, p. 412).

O parque industrial brasileiro se concentrou no Sudeste potencializando as desigualdades regionais. Tal fato pode ser encarado como um dos motores para a migração interna e ampliação das metrópoles da Região Sudeste. Para Singer há um arranjo institucional que favorece um processo industrial fazendo com que as populações de áreas desfavorecidas participem do processo de acumulação sem serem beneficiadas pelos seus frutos, ficando à margem das benesses da industrialização, o que acaba por incentivar os deslocamentos internos (SINGER, 1980, p. 223).

De modo geral, o autor afirma existir uma tendência institucional que apoia e solidifica o processo industrial a partir dos incentivos fiscais, protecionismos e livre fluxo, dependendo do interesse existente no setor. Tal fato concentra não somente as atividades produtivas e de serviços, como também os recursos, degradando a vida das pessoas mais pobres, inclusive do migrante que se desloca do rural para o urbano. Havendo ainda, a partir do incentivo de um setor, no barateamento dos custos, o encarecimento dos demais setores, para suprir as necessidades fiscais, sendo o setor rural também atingido (SINGER, 1980).

A industrialização fomentou a urbanização e concentração da população nos centros urbanos do Brasil e demais países da América Latina, sendo o empobrecimento do campo um dos fatores que colaborou intensamente, a partir dos meados do século

XX, para as levas migratórias que se estabeleceram no sentido campo-cidade (FARIA, 2005, p. 399).

É importante salientar que o Espírito Santo teve suas particularidades em relação ao processo de industrialização, e apesar de estar situado na Região Sudeste, que apresenta um grande volume de participação das indústrias, o estado, quando comparado aos outros pertencentes à região, teve um “desenvolvimento” industrial não tão expressivo. Contudo, foi o suficiente para alterar toda a dinâmica populacional, isso atrelado à política agrícola do país que esvaziou o espaço agrário, priorizando os grandes empreendimentos fabris e de monocultura.

A migração baiana em estudo se dá fora do período inicial de industrialização do Espírito Santo. Para compreender melhor como se realiza o processo migratório que se estabelece entre a porção sul da Bahia e a Região Metropolitana da Grande Vitória, a partir da década de 1980, cabe caracterizar as duas regiões, abordando aspectos gerais no primeiro momento e posteriormente afinando a abordagem sobre o estudo de caso em Jesus de Nazareth e o município de Mascote.

3.2 Caracterização das áreas de origem e de destino do fluxo migratório

3.2.1 Espírito Santo como área de atração

O estado do Espírito Santo, a partir da década de 1980, passa a apresentar saldo migratório positivo e em constante ampliação. No censo de 2010 nota-se a maior importância do estado no cenário nacional como um dos importantes receptores de migrantes internos. Na tabela a seguir é possível acompanhar o aumento do saldo migratório da década de 1970 até 2010.

Tabela 1 - Imigração, emigração e saldos migratórios do Espírito Santo - 1970/1980, 1986/1991, 1995/2000 e 2005/2010

Período	Imigração	Emigração	Saldos Migratórios
1970-1980	155.114	163.028	- 7.914
1986-1991	135.421	90.909	44.511
1995-2000	129.169	95.168	34.001
2005-2010	130.820	70.120	60.700

Fontes: Castiglioni, 1989, Hespanha Brasil, Castiglioni e Felipe, 2013. Calculados com dados produzidos pelo IBGE.

Nas últimas décadas, em relação aos demais estados do Sudeste, o Espírito Santo, segundo dados do IBGE presentes na próxima tabela, teve saldo superior aos demais, excetuando-se São Paulo que figura como o maior receptor de migrantes no país. Os dados se referem aos períodos de 1995 a 2000 e 2005 a 2010.

Tabela 2 - Imigrantes, emigrantes, saldo migratório e índice de eficácia migratória, segundo as Unidades da Federação da Região Sudeste- 1995/2000 e 2005/2010

Unidade da Federação	1995/2000				2005/2010			
	Imigrantes	Emigrantes	Saldo	ÍEM ⁽¹⁾	Imigrantes	Emigrantes	Saldo	ÍEM ⁽¹⁾
Espírito Santo	129.169	95.168	34.001	0,1516	130.820	70.120	60.700	0,3169
Minas Gerais	447.782	408.658	39.124	0,0457	376.520	390.625	-14.105	-0,0389
Rio de Janeiro	319.749	274.213	45.536	0,0767	270.413	247.309	23.104	0,0787
São Paulo	1.223.811	883.885	339.926	0,1613	991.314	735.519	255.796	0,2051

ÍEM ⁽¹⁾ - Índice de Eficácia Migratória = (I-E) / (I+E)

Fonte: Organizado com dados do IBGE Censos Demográficos 2000 e 2010

Quando considerado o Índice de Eficácia Migratória, que relaciona a migração líquida (I-E) à migração bruta (I+E), o Espírito Santo passa a ocupar a primeira posição, dentre os estados da Região Sudeste, caracterizando-se como espaço de média absorção migratória, enquanto que São Paulo, que registra diminuição do

saldo migratório no período considerado, mantém-se como espaço de baixa absorção migratória.

Conforme já pontuado, os aspectos econômicos são de grande importância no deslocamento das pessoas, no entanto, não são o único fator de influência na decisão de migrar, uma vez que “a migração é um fenômeno resultante da reação dos indivíduos a dois conjuntos de forças: as diferenças socioeconômicas entre as regiões e os motivos pessoais [...]” (CASTIGLIONI, p. 69, 1992). Já que os motivos pessoais se mostram inviáveis de serem pontuados neste momento que lanço olhar sobre áreas mais amplas, existem alguns aspectos que podem ser sublinhados em relação ao período de ampliação de imigrantes no Espírito Santo. Serão expostas algumas características socioeconômicas presentes neste correr do tempo.

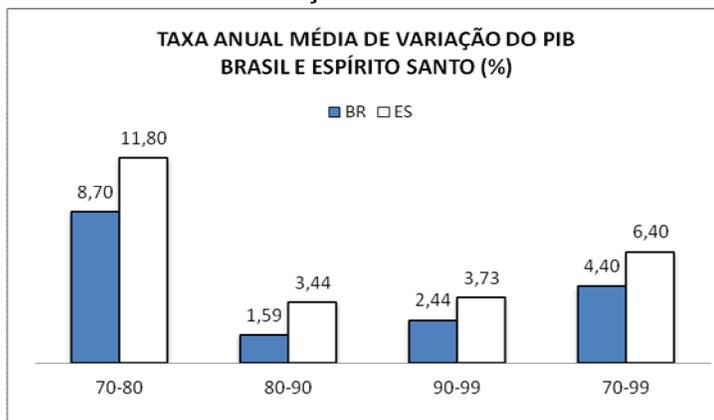
No fim dos anos 1950 e início dos anos 1960 o Espírito Santo inicia uma transição em sua estrutura econômica. O estado que, desde o século XIX, tinha a base de sua economia fundada na exportação agrícola voltada essencialmente para o café, passa a direcionar a base produtiva para a indústria baseada na produção de *commodities* (CAÇADOR, 2009).

Tal processo alterou profundamente a distribuição da população residente no estado. A partir da crise no setor agrário, potencializa-se no Espírito Santo a tendência, corrente em âmbito internacional, de urbanização da população. As transformações ocorridas na estrutura econômica e as taxas elevadas de crescimento da população rural provocaram intenso êxodo rural no estado, não sendo a simples atração pelo urbano o fator principal deste deslocamento, mas fatores expulsivos que inviabilizavam a sobrevivência no campo (CASTIGLIONI, 1992), já que, a política de erradicação dos cafezais no estado, abalou a principal fonte de renda da população rural capixaba.

O processo industrial iniciado pelo capital interno somado, a partir de meados da década de 1970 e início da década de 1980, à implantação dos grandes projetos e crescimento do setor terciário, faz com que o estado passe a manter nas últimas décadas um crescimento econômico acima da média nacional, configurando-se com um dos expressivos estados exportadores de *commodities* (metalurgia, pelotas de minério de ferro, papel e celulose), tendo, contudo, limitações na produção científica

e tecnológica o que limita uma participação mais destacada no cenário nacional (CAÇADOR, 2009).

Gráfico 1 - Taxa anual média de variação do PIB do ES e do Brasil - %, 1970 a 1999

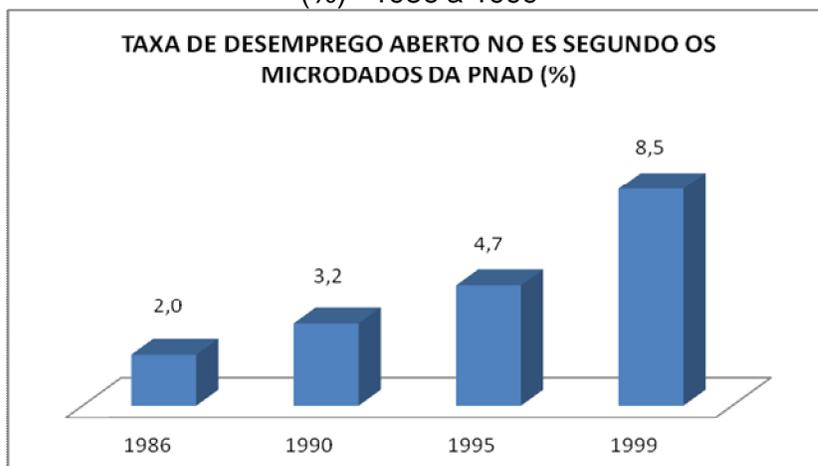


Fonte: VARGAS, 2004, adaptado pelo autor.

Soma-se aos grandes projetos industriais a retomada do setor petroquímico, que revigorou a partir da segunda metade da década de 1990, fortalecendo a característica econômica estadual voltada para a exportação. Com novas descobertas, as reservas de petróleo e gás aumentaram respectivamente, 57,7% e 19,0% entre 1996 e 2006 (CAÇADOR, p. 461, 2009).

Cabe ressaltar que o crescimento econômico não foi sinônimo de melhoria nas condições de vida para toda a população. No mesmo período em que houve o avanço econômico, houve também ampliação nas ocupações irregulares, expansão da cidade para áreas desprovidas de serviços básicos, havendo, no interior do estado, a supressão de territórios indígenas e quilombolas, além de impactos ambientais acentuados. Além disso, percebe-se uma ampliação na taxa de desemprego no período de 1986 a 1999.

Gráfico 2 - Taxa de desemprego aberto no ES segundo os microdados da PNAD (%)– 1986 a 1999



Fonte: VARGAS, 2004, adaptado pelo autor.

Os empreendimentos industriais concentraram-se dentro ou nas proximidades do que hoje compreende a Região Metropolitana da Grande Vitória. Tal concentração de investimentos econômicos e sociais acentua a polarização da população nas proximidades da capital administrativa e econômica, dirigindo o deslocamento da população migrante oriunda do interior do estado e de outras unidades federativas.

As transformações decorrentes da mudança do padrão agroexportador para o industrial-exportador foram as grandes responsáveis pela reestruturação urbana e mudanças nos perfis sócio-econômicos da Grande Vitória. Os grandes investimentos induziram o surgimento de novas atividades e alavancaram as existentes, recompondo o quadro social e provocando o surgimento de novos segmentos sociais, diversificando os estratos anteriores tendo como resultado uma sociedade mais heterogênea e complexa, com padrões mais cosmopolitas de exigências urbanísticas. Esse desenvolvimento atraiu migrantes de diversas origens, que buscaram ingressar nos segmentos informais e formais inferiores, ou compor o quadro técnico e de serviços mais sofisticados que a nova realidade demandou (VARGAS, 2004, p. 6).

A Região Metropolitana da Grande Vitória que abrigou a maior parte da população migrante vinda para o estado, atualmente, comporta os municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória, e foi oficialmente instituída em 1995, sendo modificada em 1999 e 2001 quando integrou, respectivamente, os municípios de Guarapari e Fundão (ATELIÊ, 2009, p.10).

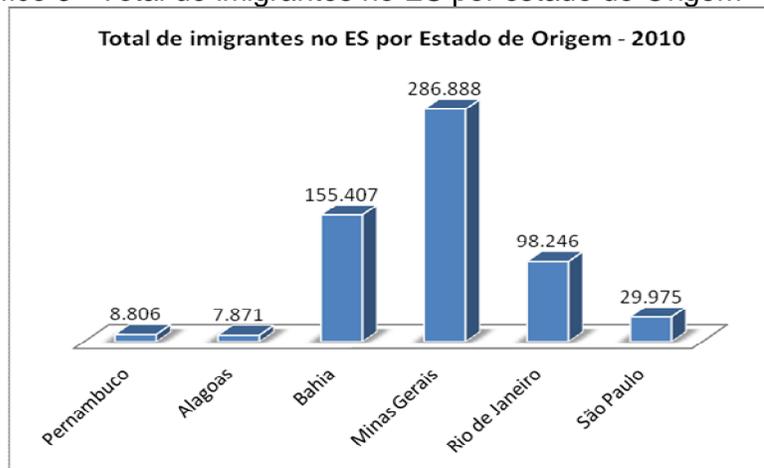
O conjunto dos municípios da RMGV representa 55,6% do PIB estadual total, sendo 62,7% do PIB industrial e 59,5% do PIB terciário. Entretanto esta participação não se dá de maneira uniforme

pelos municípios da RMGV, mas pelo contrário, quando considerados isoladamente, percebe-se que 37,8% do PIB estadual estão concentrados nos municípios de Serra (16,47%) e de Vitória (21,32%), ficando Vila Velha e Cariacica com 13,5%, enquanto Viana, Guarapari e Fundão contribuem com apenas 3,7% do PIB estadual (VARGAS, 2004, p. 25).

A migração foi o motor do processo de metropolização (CASTIGLIONI, 1992). A Região Metropolitana da Grande Vitória concentrou grande parte da população e dos serviços, configurando-se como centro de sua hinterlândia, exercendo atração e influência em cidades e pessoas de outros estados, incluindo cidades da Bahia e Minas Gerais, estados limítrofes, que cederam nas últimas décadas contingente expressivo de população.

É reconhecida, dentro da teoria voltada para o fenômeno migratório, a presença mais intensa de fluxos migratórios entre áreas fronteiriças (RAVENSTEIN, 1980). Percebe-se no Gráfico 3 a importância dos estados que dividem fronteira com o Espírito Santo na participação de imigrantes internos no território capixaba, destacando as seis principais unidades federativas que cedem população para ao Estado.

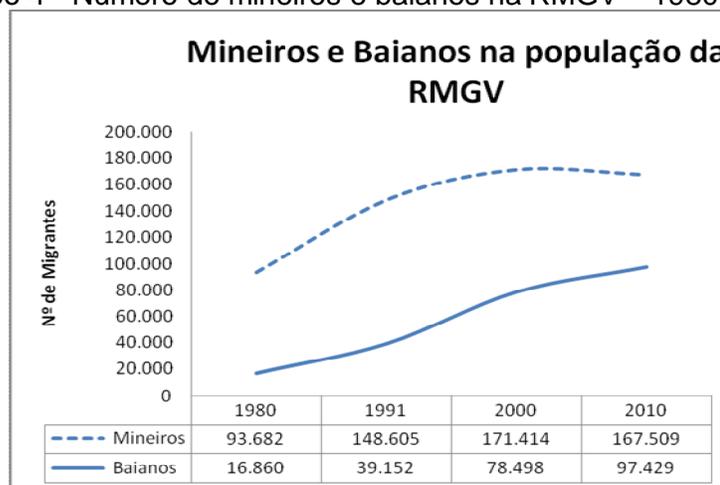
Gráfico 3 - Total de imigrantes no ES por estado de Origem - 2010



Fonte: IBGE, Censo 2010, organizado pelo autor.

Minas Gerais e Bahia se destacam como principais estados que cedem população para o Espírito Santo, contudo nota-se que a migração baiana tem ganhado força nas últimas décadas, enquanto a migração mineira se estabiliza, havendo inclusive uma leve redução no último censo, conforme pode ser observado no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Número de mineiros e baianos na RMGV – 1980 a 2010



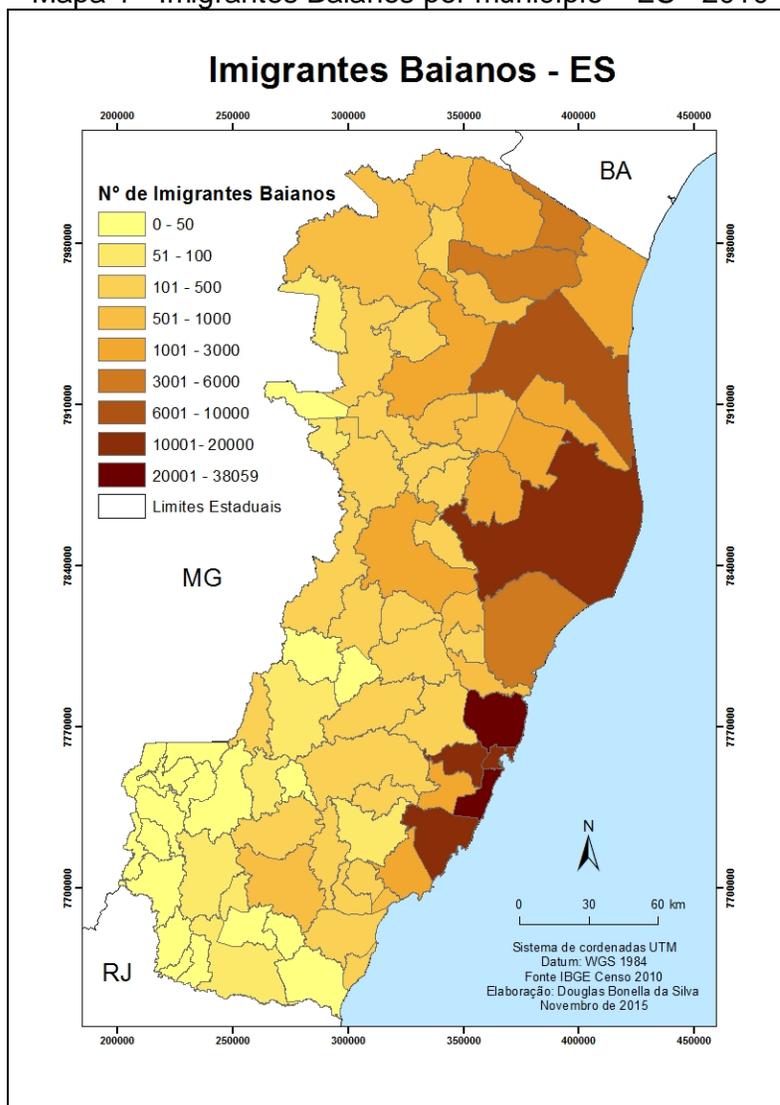
Fonte: IBGE, organizado pelo autor.

O Censo de 2010 contabilizou o total de 97.429 migrantes provenientes do estado da Bahia residentes na RMGV, sendo esse número referente ao estoque, ou seja, o total de migrantes independente do período em que ocorreu a migração. A RMGV concentra 62,7% dos migrantes baianos residentes no Espírito Santo, sendo o total de baianos residentes no estado 155.407 migrantes, segundo o Censo 2010.

Os migrantes de cinco anos ou mais de idade, que se deslocaram de Minas Gerais para o Espírito Santo, que não residiam nesta Unidade da Federação em 31.07.2005 são 37.534 (IBGE, 2010). Os números do Censo mostram a intensificação do fluxo de baianos em relação ao fluxo de mineiros, já que o número de mineiros se mostra inferior no período analisado. Os baianos de cinco anos ou mais que não residiam no estado nos últimos cinco anos anteriores ao Censo são ao todo 39.523 migrantes, ou seja, ocorreu um movimento crescente e considerável de atração de migrantes da Bahia.

Nota-se no Mapa 1, que mostra o quantitativo de imigrantes por município, que a tendência de concentração dos migrantes na Região Metropolitana de Vitória é expressiva, destacando-se também o município de Linhares importante papel na recepção da população baiana, com 3.668 imigrantes para o recorte de tempo citado.

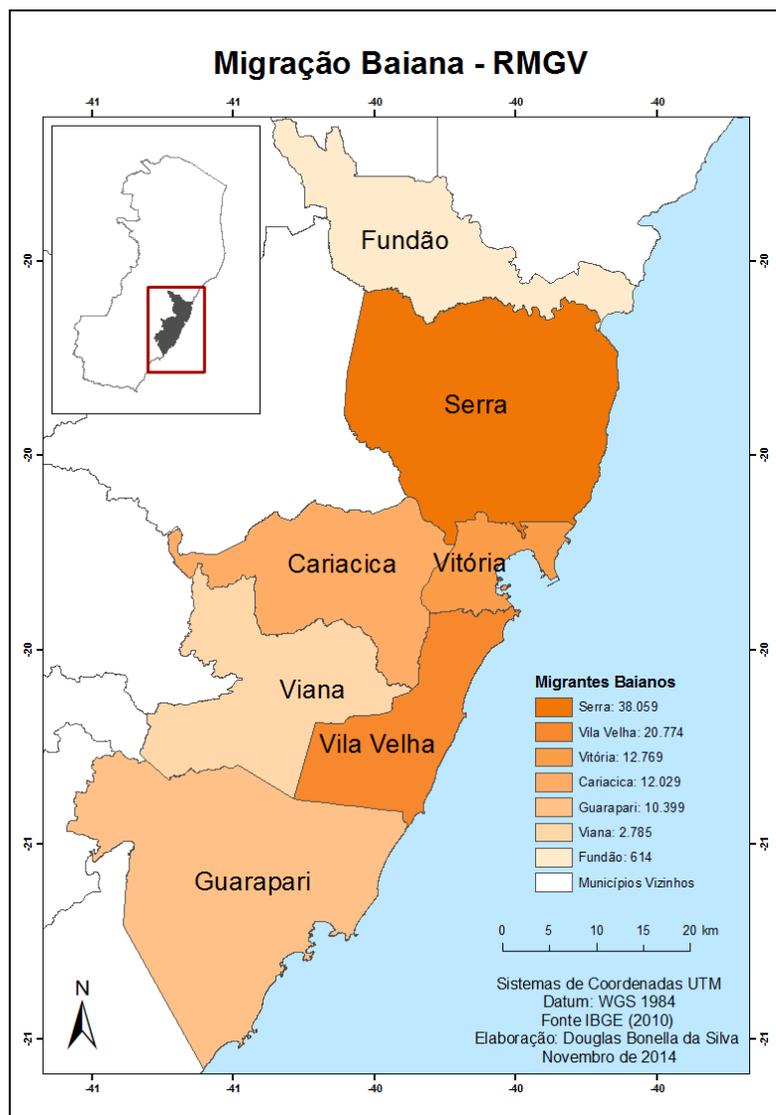
Mapa 1 - Imigrantes Baianos por município – ES - 2010



Fonte: IBGE, Censo 2010 – Elaborado pelo autor

O município que comporta o maior número de baianos é Serra, com 38.059 migrantes. Contudo, Guarapari tem na composição de sua população o percentual mais alto de baianos da RMGV, atingindo o valor de 9,8% de seus residentes. O Mapa 2 mostra a concentração total de migrantes por município da RMGV.

Mapa 2 - Migração baiana na Região Metropolitana da Grande Vitória – 2010



Fonte: IBGE, Censo 2010 – Elaborado pelo autor.

Para entender os motivos que atraem tal quantidade de baianos cabe saber alguns dados a respeito da Bahia. Este estado figura no país como um dos principais estados que cedem contingente populacional. No próximo tópico serão apresentados alguns dados do estado, dando foco especial ao Sul Baiano, que oferece maior relação com os municípios do Espírito Santo e com o estudo aqui proposto.

3.2.2 A Bahia como área de repulsão

A Região Nordeste se tornou, ao longo dos anos, provedora de população para as demais regiões do Brasil. Dentro deste cenário o estado da Bahia tem importância expressiva. Segundo o Censo de 2010 a Bahia foi o estado brasileiro que mais perdeu população, apresentando saldo negativo de 237.134 habitantes, conforme indicado na Tabela 3.

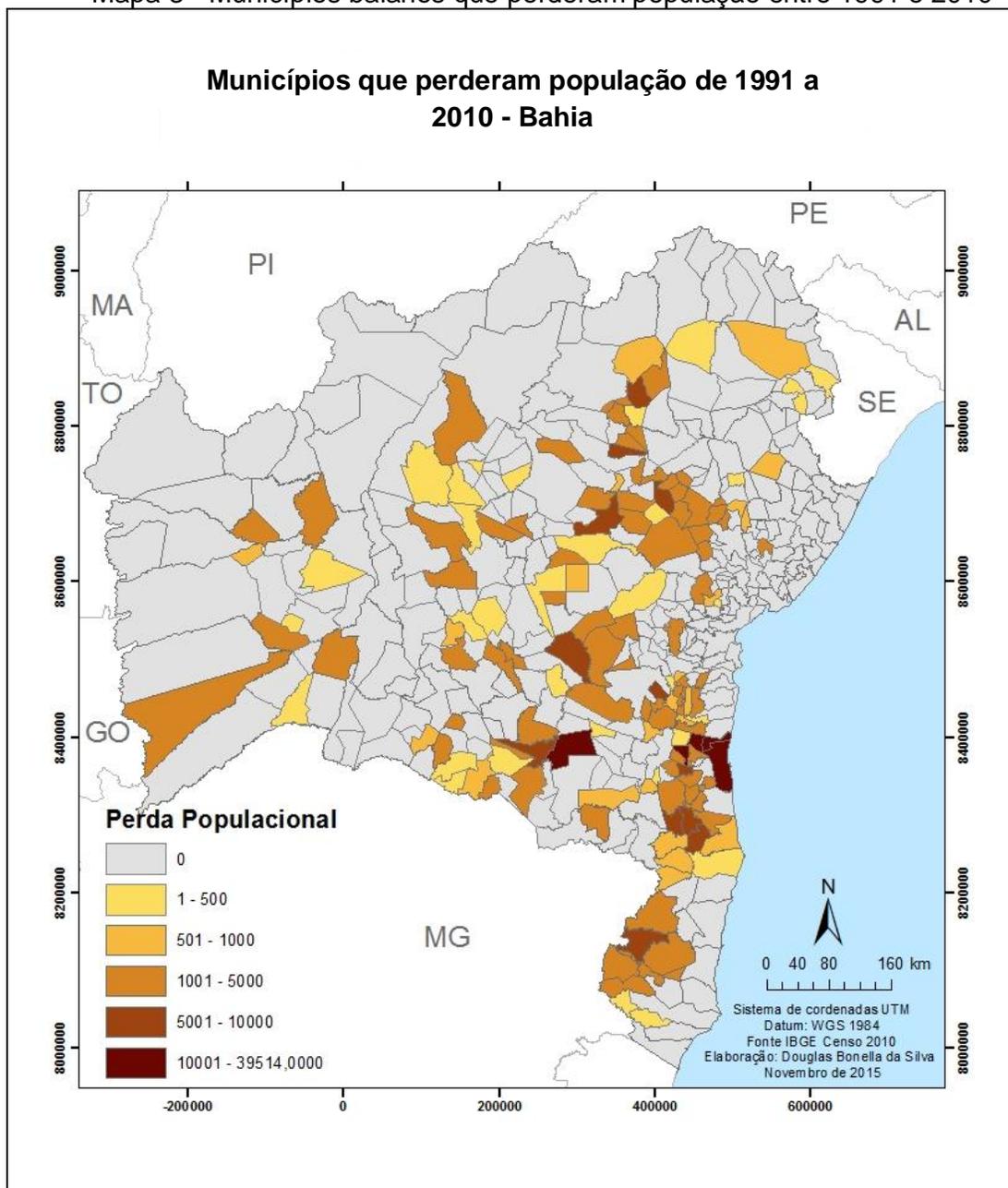
Tabela 3 - Imigrantes, emigrantes e saldo migratório, segundo as Unidades da Federação da Região Nordeste – 2005 a 2010.

Unidade da Federação	Imigrantes	Emigrantes	Saldo
Maranhão	105.682	270.663	-164.981
Piauí	73.614	144.036	-70.422
Ceará	112.372	181.223	-68.851
Rio Grande do Norte	67.728	54.014	13.714
Paraíba	96.028	125.523	-29.495
Pernambuco	148.498	223.586	-75.088
Alagoas	53.591	130.307	-76.716
Sergipe	53.038	45.143	7.895
Bahia	229.226	466.360	-237.134

Fonte: IBGE, Censo 2010, organizado pelo autor.

O Mapa 3 traz em destaque os municípios da Bahia que perderam população a partir de 1991 até o Censo mais recente (2010). Nele se verifica a importância da participação dos municípios do Sul Baiano na perda populacional desta unidade da federação.

Mapa 3 - Municípios baianos que perderam população entre 1991 e 2010



Fonte: IBGE, Censos 1991,2000 e 2010 – Elaborado pelo autor.

O estado da Bahia possui 417 municípios, divididos em sete mesorregiões. Não pretendo aqui abarcar os aspectos particulares de cada uma dessas regiões, por este motivo darei prioridade à região Sul da Bahia, que apresenta particularidades que se expressam no estudo de caso.

O sul da Bahia recebe investimentos agroexportadores desde o início da colonização do país, sendo que, a partir dos séculos XVIII e XIX, a cultura do cacau

passa a ganhar importância na economia regional, tornando-se, com o tempo, a principal fonte de trabalho assalariado. O acesso à terra era limitado, o que demandava, por parte da maioria da população, o vínculo às grandes propriedades agroexportadoras (DEMETER, 1997).

Cabe destacar que a região referida se configura como uma área relativamente extensa, subdividida pelo IBGE em três microrregiões.

O IBGE dividiu os estados brasileiros em mesorregiões e microrregiões. No caso da Bahia, são sete mesorregiões, cada uma dividida em microrregiões, num total de trinta e duas. [...] A região Cacaueira está inserida na mesorregião Sul Baiano, que é composta de três microrregiões: Microrregião de Valença (Baixo Sul), com 10 municípios; Microrregião Ilhéus-Itabuna (Cacaueira), com 41 municípios; Microrregião de Porto Seguro (Extremo Sul), com 19 municípios. De acordo com a Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia (SEPLANTEC, 1997), a região Sul da Bahia é caracterizada por uma pluralidade de espaços, os quais possuem identidade própria e autonomia (ROCHA, 2014, p. 16).

A microrregião de Valença, dentre as três subdivisões, tem menor expressão em relação à área e número de habitantes (Tabela 4). Contudo, também figura como área produtora de cacau.

Tabela 4 - Região Sul da Bahia - distribuição dos municípios, população, área de densidade por sub-área - 2006

Sub-áreas (microrregiões)	Municípios		População*		Área		Densidade
	Número	%	Número	%	Km ²	%	Hab/km ²
Cacaueira (Ilhéus-Itabuna)	41	58,5	1.071.555	52,0	19.542	34,9	55
Baixo Sul (Valença)	10	14,5	244.142	12,0	5.971	10,7	41
Extremo Sul (Porto Seguro)	19	27,0	732.439	36,0	30.420	54,4	24
Região	70	100,0	2.048.136	100,0	55.933	100,0	36,6

Fonte: ROCHA, p. 20

O extremo sul da Bahia, ou microrregião de Porto Seguro, apresenta características específicas, tendo passado a partir da década de 1960 por reestruturação econômica e fundiária, registrando o avanço da eucaliptocultura e fortes mudanças no espaço agrário (KOOPMANS, 2005). Tais questões não serão pontuadas em profundidade neste trabalho, mas a microrregião aparenta ter grande expressão em relação à origem do quantitativo de imigrantes presentes na RMGV.

Será dada maior atenção à porção denominada por Cacaueira ou microrregião de Ilhéus-Itabuna, pois é a área de referência para este estudo de caso. O Mapa 4 apresenta as sete mesorregiões da Bahia, sendo destacada com hachuras a Microrregião de Itabuna – Ilhéus, inserida na mesorregião do Sul Baiano.

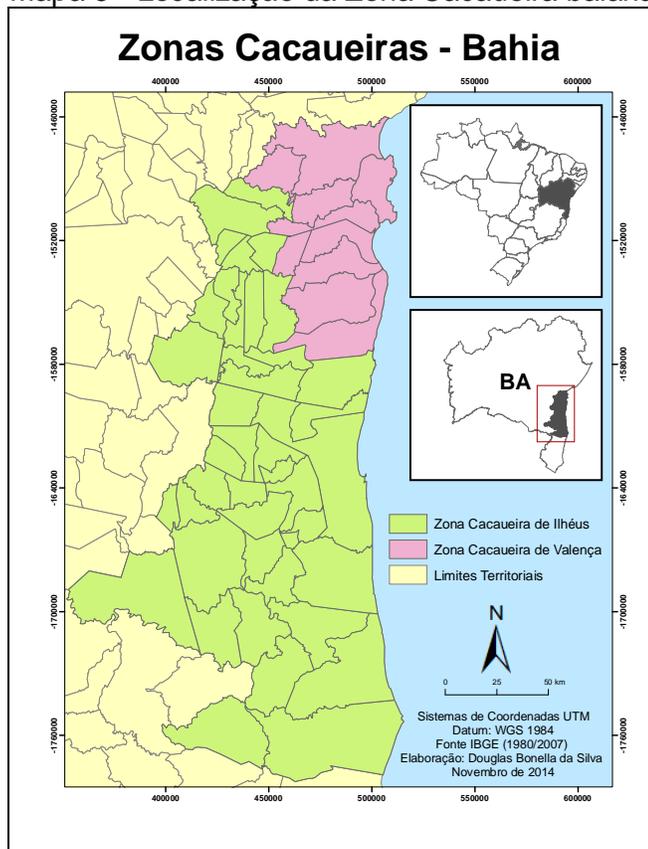
Mapa 4 - Microrregiões da Bahia



Fonte: Santos, 2014, p.73

O Mapa 5 apresenta a Zona Cacaueira do estado da Bahia, zona delimitada pelo IBGE no censo de 1980 (período anterior à crise), dividindo-a em duas porções, ao norte a zona cacaueira de Valença, e mais ao sul a Zona Cacaueira de Ilhéus, com menor distância do estado do Espírito Santo. As delimitações municipais são de 2007, tendo como fonte o IBGE a partir do *Shapefile* cedido pelo próprio instituto.

Mapa 5 - Localização da Zona Cacaeira baiana



Fonte: IBGE – Elaborado pelo autor.

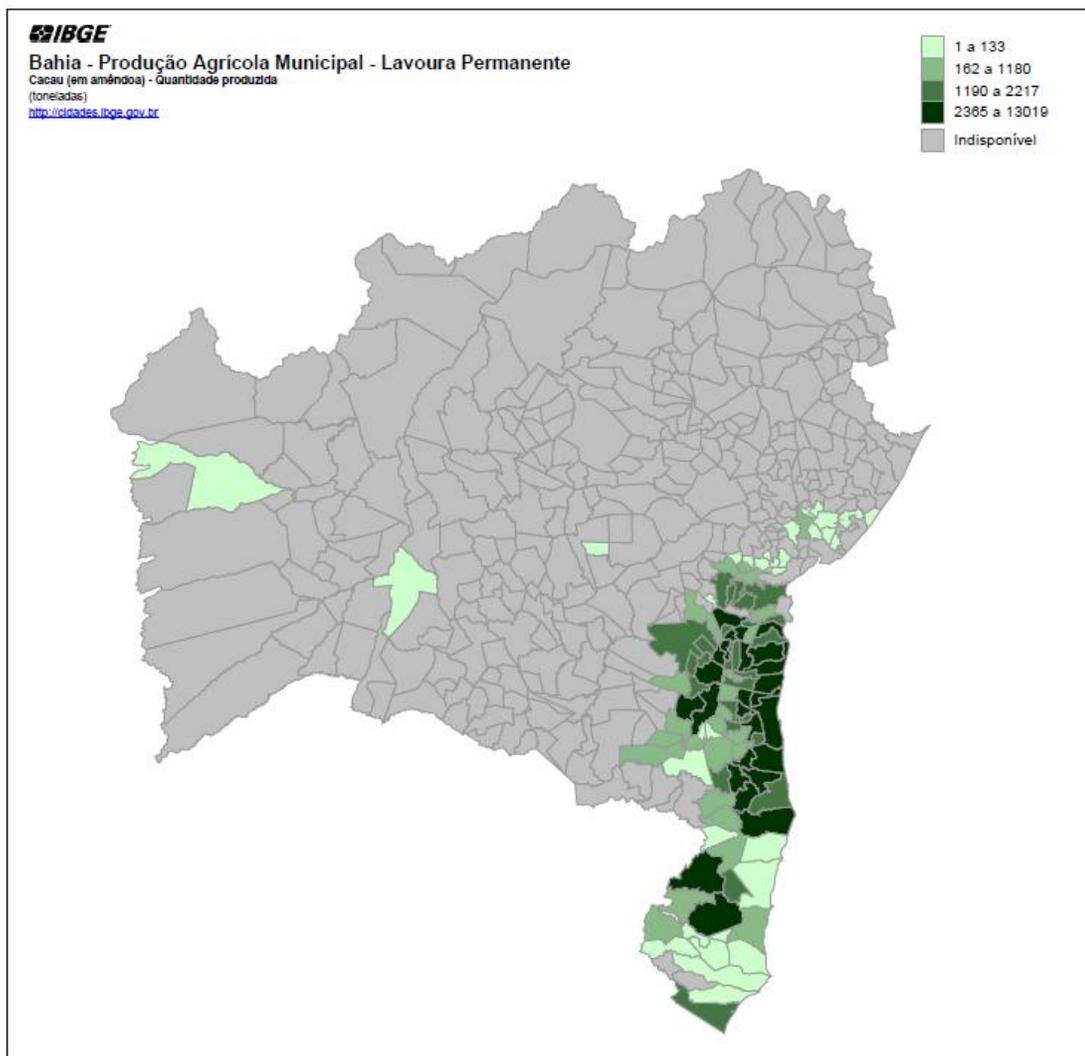
Apesar de ser apresentada no mapa uma Zona Cacaeira delimitada institucionalmente, a produção, beneficiamento, transporte e venda do cacau, abrangem uma região mais ampla, por isso, nos referimos a uma região cacaeira. Tal termo foi defendido por Milton Santos no Trabalho “Zona do cacau: Introdução ao estudo geográfico” de 1957, em que afirma:

pode-se, também falar da existência, na Bahia, de uma verdadeira região cacaeira, isto é, uma área maior de que faz parte a zona cacaeira, e que a ela está íntima e funcionalmente ligada [...]. Nasce, assim, abrangendo a zona cacaeira e às suas custas, isto é, às custas das suas necessidades e dos seus capitais, uma verdadeira região, a região cacaeira, cujos limites não são muito definidos, nem definitivos, mas cuja realidade se constata não apenas pelas linhas de transporte que se estabelecem, cada vez mais densas e profundas, mas pelas trocas comerciais e de toda natureza, cada dia mais intensas (SANTOS, 1957, p. 15).

Além de uma região que participa indiretamente da grande produção do cacau concentrada na Zona Cacaeira, o plantio deste fruto, mesmo em menor quantidade, esteve presente no extremo sul do Bahia (SANTOS, 1957) e ainda hoje tem alguma

expressão na produção agrícola desses municípios que integram a mesorregião Sul Baiano e em demais porções do estado, conforme pode ser observado no mapa de produção de cacau do estado (Mapa 6).

Mapa 6 - Produção de cacau na Bahia em toneladas - 2014



Fonte: IBGE -
<http://www.cidades.ibge.gov.br/cartograma/mapa.php?lang=&coduf=29&codmun=292090&idtema=148&codv=v29&search=bahia|mascote|sintese-das-informacoes>

A “Mesorregião Sul Baiano” é uma delimitação que apresenta clima tropical úmido, as chuvas ocorrem, em geral, durante todo o ano, não havendo uma estação seca definida, havendo menor pluviosidade no mês de agosto, e precipitações mais abundantes no mês de março. A Mata Atlântica é a vegetação original, e foi bastante degradada ao longo da ocupação da região (ROCHA, 2014).

Até a década de 1980 a economia local dependia, praticamente, de uma única matriz produtiva ligada ao cacau. A crise neste setor gerou um impacto muito forte na organização econômica e social das cidades cacauceiras.

Inicia-se, portanto, a partir de meados da década de 80, o que vem sendo denominado de “crise do cacau”, a qual persiste até hoje e tem nos trabalhadores rurais assalariados a sua principal vítima, uma vez que o desemprego e a migração para as favelas urbanas passaram a fazer parte do dia-a-dia dessas pessoas. Dada a natureza extremamente vinculada à cadeia produtiva do cacau de toda a economia regional, o nível de oferta de empregos urbanos também despenca. (DEMETER, 1997. p. 178)

Os principais estados produtores já viveram altos e baixos na produção e exportação do cacau, o sul da Bahia, por ser a região que detém a maior lavoura nacional, participou intensamente dos momentos de apogeu e de crises. O cacau, além do forte caráter econômico, tem expressiva representatividade na cultura sul baiana, estando presente nos clássicos da literatura de Jorge Amado e no cotidiano dos que residem na Zona Cacauceira se configurando como um signo regional.

Os grandes produtores de cacau ganharam, com o passar dos anos, acentuado poder político e econômico, sendo denominados coronéis, ainda que não houvessem adquirido o título efetivo (SANTOS, 2014, p. 88). Surgem, como efeito dessa prática agrária, “[...] classes socioeconômicas, compostas por coronéis, comerciantes, trabalhadores rurais, voltados para a produção do cacau, signo de dominação, riqueza, crises, pobreza, crescimento” (ROCHA, 2014, p. 28).

A exploração econômica do fruto nativo da Amazônia edificou uma sociedade pautada no domínio da terra e da produção do cacau. A região configurou-se, historicamente, como centro social e econômico do sul da Bahia. O município de Canavieiras-BA (quando ainda pertencente ao município de Ilhéus) foi a primeira área a receber o cultivo (1746), nas margens do Rio Pardo na fazenda Cubículo. Contudo foi, onde hoje se encontra o município de Ilhéus, o local que se tornou o ponto focal da Região Cacauceira (ROCHA, 2014).

Durante décadas, generosamente, os cacauais produziram os frutos que trariam riqueza, prosperidade, ganância, morte, vida; geraram e sustentaram fazendas, vilas, cidades; construíram o porto de Ilhéus, escolas, estradas, mansões; propiciaram viagens, festas, orgias; financiaram coronéis, estudantes, banqueiros, políticos (ROCHA, 2014, p. 14).

Desde 1986 a região amargava uma redução nos preços do cacau devido à expansão do cultivo em outras partes do mundo, o que gerou maior disponibilidade do fruto e ampliação da concorrência internacional. A situação se agravou, a partir de 1989, quando a doença da vassoura-de-bruxa atinge os cacauais do sul da Bahia, diminuindo drasticamente o poder de produção das propriedades (SANTOS, 2014, p. 93).

O fungo *Moniliophthora perniciosa*, causador da doença, ataca a planta ocasionando inchamento, superbrotação e anomalia nos frutos. A doença recebe o nome vassoura-de-bruxa (VB) devido ao superbrotamento que ocorre nos ramos das plantas, lembrando uma vassoura (ROCHA, 2014, p. 76). Contudo, o ataque da praga às plantações de cacau não foi o único fator responsável pela crise que se instaurou.

Santos (2010) destaca alguns fatores que influenciaram na derrocada econômica da Região do cacau, dos quais cito: a rigidez do sistema de poder local, muito ligado aos interesses econômicos corporativistas que contemplavam pequenos grupos; a crise econômica nacional corrente neste período; a política cambial do Plano Cruzado, em 1986, com o Plano Bresser e o Plano Verão, provocando estagnação dos preços internos do cacau; adversidades climáticas, por exemplo as secas entre os anos de 1986/1987, que influenciaram nas safras de 1986 a 1991 (SANTOS, 2010, p. 53).

Ainda em relação às condições que provocaram a crise, o mesmo autor relata:

Para agravar ainda mais a situação, o crédito financeiro rural sofreu com as altas taxas de juros, conseguintes da ascendente inflação do período, além do alto custo da mão de obra e dos insumos, que limitaram os investimentos na lavoura, neste período [...] (SANTOS, 2010, p. 53).

A partir dessas condições há um agravamento das dívidas dos agricultores e redução das práticas de manejo da lavoura. As indústrias de processamento passam por um período de ociosidade o que agrava as condições de emprego da região, já afetadas no setor agrícola pela queda na produção e manejo. Devido ao aumento no custo da produção e aos novos países concorrentes no mercado internacional

ocorre também a perda na participação de vendas ao mercado externo (SANTOS, 2010, p.53).

De fato, não foi somente a doença da vassoura-de-bruxa responsável pela crise, mas a partir de 1989, quando o fungo passa a atingir os cacauais, a situação se torna drástica.

As consequências desse quadro foram um intenso êxodo rural, degradação dos recursos naturais renováveis, desvalorização patrimonial, endividamento dos produtores e empobrecimento da população regional. A VB foi o personagem central dessa crise, cujo auge ocorreu no fim da década de 1990 [...] (ROCHA, 2014, p 76).

A safra brasileira caiu de 406 mil toneladas ao ano, entre 1984 e 1985, a 123 mil entre 1999 e 2000. O Brasil passa a importar cacau, sendo que em anos anteriores o país era o segundo maior produtor do fruto. A Zona cacauera de Ilhéus, ou microrregião Ilhéus-Itabuna, durante a década de 1990, apresentava aproximadamente 90% de sua área de cultivo ocupada por plantações de cacau (ROCHA, 2014, p. 22/76). A partir desses dados, pode-se mensurar o impacto sofrido pela região a partir da infestação dos cacauais e queda dos preços no mercado internacional.

O fungo que causa a doença é, assim como o fruto, endêmico da Amazônia, Rocha destaca algumas versões em relação à chegada do fungo na região cacauera da Bahia.

Há muitas versões a respeito, mas entre elas as mais recorrentes são as de que teria sido de forma acidental, devido ao constante trânsito entre os funcionários da CEPLAC¹ de Ilhéus e da Amazônia, trazendo consigo amêndoas e mudas de cacau que poderiam estar infectadas. Outra hipótese é a do transporte clandestino de mudas vindas da Amazônia, ideia corroborada pelo Agora (1989, p. 3) numa entrevista com o pesquisador da CEPLAC, Paulo Alvim. Segundo ele, a introdução da VB no Sul da Bahia “possivelmente se deu através do transporte clandestino de cacau, pois pela grande distância entre as duas regiões é impossível a sua propagação pelos métodos naturais”. Para outros, teria sido de forma proposital, a fim de tornar a CEPLAC indispensável à região, já que havia a possibilidade de sua extinção ou mudança de suas funções. A

¹ A CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) é um órgão responsável pelo apoio à produção cacauera, atua nos principais estados produtores de cacau (Bahia, Espírito Santo, Pará, Amazonas, Rondônia e Mato Grosso). Disponível em : <http://www.ceplac.gov.br/paginas/ceplac/ceplac.asp>.

hipótese que está tomando corpo, principalmente a partir do início de 2006, é a de que a doença teria sido introduzida na região de forma criminosa. [...] (ROCHA, 2014, p 83).

Os primeiros focos da vassoura-de-bruxa distam, aproximadamente, 100 quilômetros entre si, encontrando-se no núcleo dos dois maiores agrossistemas da região cacauzeira da Bahia, Uruçuca e Camacan, não seguindo o padrão de dispersão da doença. Além disso, “[...] em Uruçuca, o foco detectado foi na propriedade de um líder da União Democrática Ruralista (UDR) e, em Camacan, na de um ex-deputado e ex-prefeito desta cidade [...]” (ROCHA, 2014, p. 86). Tais fatos, e o posicionamento de alguns pesquisadores, fazem a suspeita de implantação criminosa da doença uma possibilidade contundente.

As consequências da crise do cacau foram diversas, não somente nos aspectos sociais, havendo desdobramentos em relação às condições ecológicas da região. Com a crise houve um grande avanço nas áreas ocupadas por pastagens, gerando impacto significativamente maior ao meio natural, já que o cacau, na maioria dos casos, é sombreado por árvores nativas da Mata Atlântica, com o avanço da pecuária o solo perdeu cobertura vegetal e exemplares da mata nativa. (DEMETER, 1997/ROCHA, 2014)

Pelo fato da economia regional ser extremamente ligada à cadeia produtiva do cacau, o desemprego se fez expressivo tanto na zona rural como na zona urbana, degradando ainda mais as condições sociais da população, “a *débâcle* foi sentida em larga escala numa abrangência que atingiu todos os setores e classes da sociedade, de âmbito urbano e rural” (SANTOS, 2014, p. 95).

Faz-se necessário compreender as condições sociais que precedem a crise, para poder relativizar o próprio termo. O que foi denominado “crise” foi a queda da produção cacauzeira a partir do final da década de 1980, contudo, se for encarada a situação da maioria das famílias que dependiam do emprego ligado aos grandes produtores, torna-se notável a situação de penúria social que se perpetuava no sul da Bahia antes deste período e “[...] mesmo nas épocas áureas, quando as cotações internacionais de cacau alcançavam seus mais altos níveis, a realidade social da região era precária e injusta [...]” (DEMETER, 1997, p. 178).

Além disso, é previsível que regiões que dependam de uma matriz produtiva, baseada em monocultura para exportação, sejam gravemente atingidas com a mudança do cenário internacional, assim como já aconteceu com o café, a borracha e cana-de-açúcar.

O cenário econômico privilegiava um pequeno grupo de grandes produtores que viviam nas grandes cidades, tais como Salvador e Rio de Janeiro, enquanto a maior parte da população vivia a míngua. Em 1980 quase metade (49,6%) da população em idade ativa não tinha nenhum rendimento, outros 30,09% recebiam menos de um salário mínimo mensal e 45% da renda gerada pela agricultura era apropriada pelos 5% mais ricos da população (DEMETER, 1997, p. 179/180).

Conforme já mencionado, a partir da década de 1990, passa a ocorrer na região um intenso êxodo rural, sendo que as cidades de Ilhéus e Itabuna receberam boa parte deste contingente. Fora da Zona Cacaueira, Porto Seguro se destaca como município que recebeu parte importante dessa população que saía do campo para fugir da crise que se instaurou por toda a região (ROCHA, 2014, p. 93).

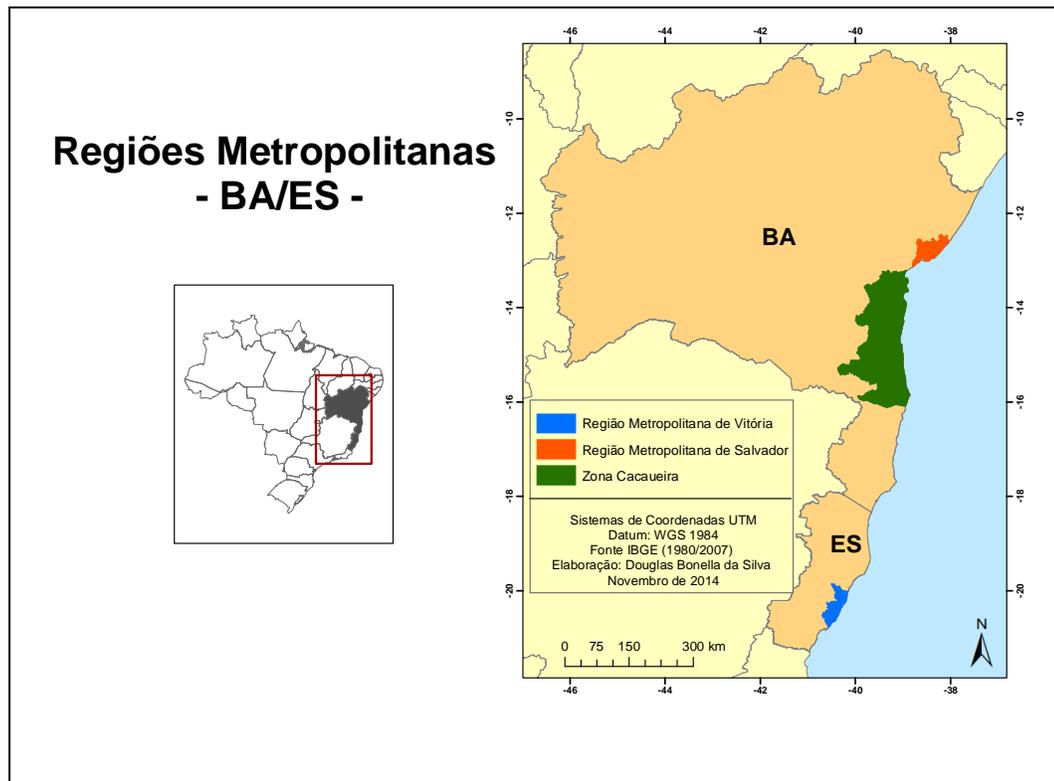
[...] Itabuna e Ilhéus foram as cidades que mais receberam esse contingente, expandindo a periferia num processo intenso de favelização. Muitos dos trabalhadores que saíram da região cacaueira para fugir da crise, principalmente os de Camacan, procuraram emprego fora da região, notadamente em Porto Seguro. Neste município, a população que, em 1992, era de 40.153 habitantes, em 1996 passou para 64.957, em 2000 para mais de 95 mil, e, em 2004, já eram 120.479, conforme dados do governo da Bahia (IBGE, 2006). [...] Em Ilhéus, além de outros pontos, cresceu de forma desordenada o bairro Teotônio Vilela, com a ocupação dos manguezais no seu entorno. Em Itabuna, ficou mais evidente a ocupação das margens do anel rodoviário [...] por casebres, dando origem a uma grande favela. Porto Seguro, uma das cidades que mais inchou após a crise da vassoura, viu nascer o bairro Baianão, quase todo ocupado por migrantes do cacau (ROCHA, 2014, p. 93/94).

A região do cacau, que recebeu por muito tempo imigrantes oriundos das diversas partes do país, sobretudo de Sergipe, “atraídos pela fama de riqueza atribuída à árvore de frutos de ouro” (SANTOS, 2014, p.84), passa a perder sua população para as demais regiões, havendo uma redução expressiva da população rural. No processo de desestruturação da economia das cidades cacaueiras muitos migraram

para o estado do Espírito Santo, sobretudo para a Região Metropolitana da Grande Vitória.

Logicamente, não se pode afirmar que a crise do cacau foi o único motivo para os deslocamentos, existem outros municípios baianos que perderam contingente populacional, mesmo que estejam fora da área produtora de cacau acima delimitada. Contudo, é notável a influência regional da crise do cacau e está fortemente presente neste fenômeno migratório. No Mapa 6 é possível notar a proximidade da Região Metropolitana de Vitória em relação aos municípios do Sul Baiano e da Zona Cacaueira.

Mapa 7 - Regiões metropolitanas de Vitória e Salvador



Fonte: IBGE – Elaborado pelo autor.

Percebe-se, a partir do mapa, que os municípios da porção norte da região cacaueira ficam próximos a Região Metropolitana de Salvador, tendo a capital baiana como cidade central, já os municípios da zona cacaueira, situados mais ao sul, distam quase por igual das duas regiões metropolitanas, Vitória e Salvador, podendo sofrer influência desses dois polos econômicos, não que a distância seja

um fator preponderante de influência econômica, mas em relação aos deslocamentos populacionais a distância é um fator relevante.

No estudo de caso proposto, será abordada a relação da migração baiana, especificamente do distrito de Pimenta, localizado na cidade de Mascote-BA, com a ocupação de novas áreas no bairro Jesus de Nazareth, situado em Vitória-ES. A cidade de Mascote está ao sul do estado da Bahia e sofreu grande impacto com a crise cacaeira.

4. O ESTUDO DE CASO

É denominado “estudo de caso”, o fluxo migratório que ocorre a partir da década de noventa, no recorte espacial já mencionado, entendendo que este movimento se insere em um processo maior constituído pela migração de baianos para o Espírito Santo, especialmente para a RMGV. O método de “estudo de caso” supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno maior a partir do aprofundamento de um caso específico (BECKER, 1993, p.117). Segundo Gil, o método

consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados (GIL, 2002, p. 54).

Logo, em situações em que o fenômeno não possibilita levantamentos diretos, o estudo de caso pode nos dar variáveis causais que indiquem fatores influentes no evento mais amplo (GIL, 2002, p. 55).

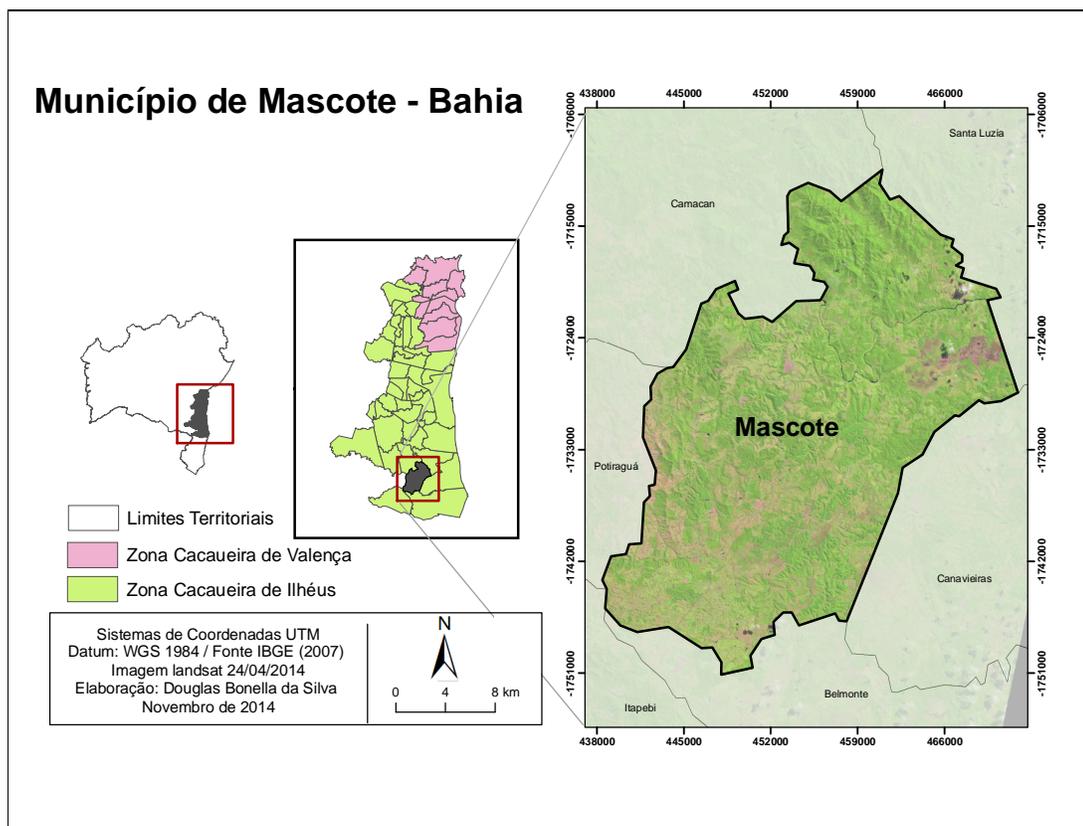
O estudo de caso foi por mim escolhido por ser uma metodologia apropriada para realizar um estudo mais aprofundado sobre o tema tratado, para o qual há carência de informações e pesquisas. Não sendo possível, neste momento, ampliar a pesquisa para os diversos locais que concentram a população migrante baiana na RMGV, este estudo nos revelará aspectos específicos da migração baiana em Jesus de Nazareth, possibilitando identificar prováveis causas da migração no recorte temporal proposto.

A pesquisa, portanto, assume uma abordagem particular, se concentrando em uma área específica, objetivando descrever e compreender o caso e, desta maneira, contribuir para a compreensão mais ampla do fenômeno, indicando o entendimento da migração baiana, que se intensifica a partir da década de 1990 na Região Metropolitana. Contudo, a escolha do recorte espacial não foi aleatória, há interesse deste pesquisador pelo processo de ocupação do bairro Jesus de Nazareth, pois sou morador do bairro e já desenvolvi outros trabalhos acadêmicos no local, o que possibilita obter contribuições dos moradores para entender o fenômeno em âmbito metropolitano.

Para melhor compreensão do fato estudado, será feita uma breve caracterização das áreas envolvidas no processo migratório. Conforme já mencionado, atualmente o sul da Bahia, ou mesorregião Sul Baiano, é dividido, pelo IBGE, em três microrregiões: Ilhéus-Itabuna, Porto Seguro e Valença. O município de Mascote está localizado na microrregião de Ilhéus-Itabuna, pertencente à anteriormente denominada Zona Cacaueira (Mapa 4).

Pimenta, São João do Paraíso e Teixeira do Progresso são distritos do município de Mascote. Até 1963 Mascote era um distrito pertencente ao município de Canavieiras (primeiro município produtor de cacau da Bahia - 1746), sendo neste ano desmembrado. A ocupação desta região, com intuito de produção agroexportadora, se dá no século XVIII, por meio da expansão agrícola do município de Canavieiras, que se estende a partir das margens do Rio Pardo, com plantações de cana-de-açúcar e cacau (IBGE, 2015).

Mapa 8 - Município de Mascote – BA



Fonte: IBGE – Elaborado pelo autor.

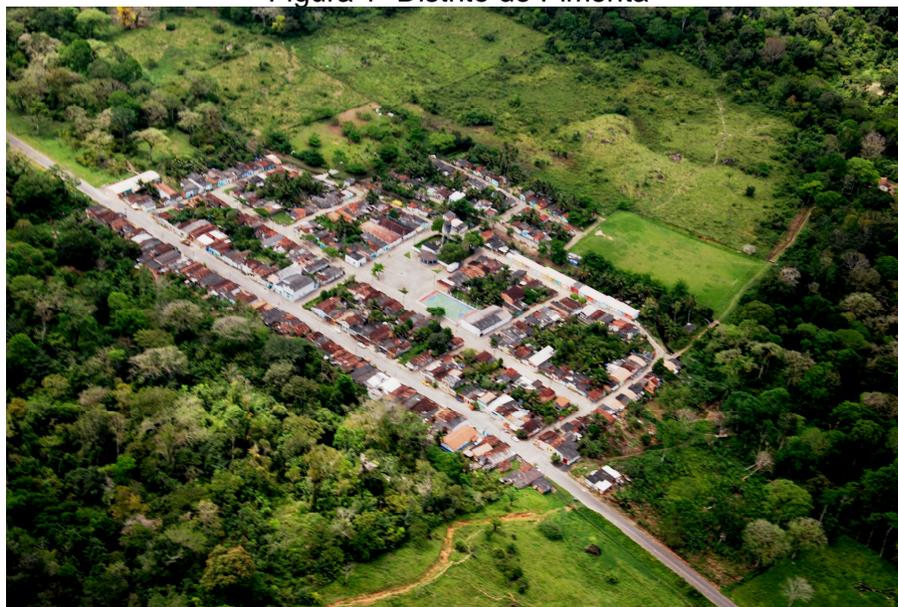
O município se configurou, a partir da crise, como área de repulsão populacional, a população total em 1991, segundo o IBGE, era de 20.178 habitantes, no ano de 2010 foram contabilizados 14.640, ou seja, a população foi reduzida em 5.538 habitantes.

O estudo das Regiões de Influência das Cidades 2007 (REGIC) aponta como último município de influência ao norte de Vitória a cidade de Eunápolis, já no estado da Bahia. No entanto, neste estudo de caso apresentarei a intensa migração que ocorreu entre o município de Mascote e Vitória. Mascote, segundo o mapa apresentado pelo Regic (Anexo 3), está situado fora da área de influência de Vitória – ES, mas o deslocamento populacional é um indicativo direto da ligação entre as duas cidades.

No distrito de Pimenta, local do estudo de caso, a pequena área “urbana” é cercada por plantações de cacau, e o ritmo do lugar é ditado pelo trato com o fruto (Figura 2). A partir da crise muitos se viram obrigados a sair do lugar de residência. A terra

estava concentrada nas mãos de poucos fazendeiros, os denominados coronéis do cacau, sendo a mão de obra ligada, sobretudo, à agricultura pelo trabalho exercido na propriedade de terceiros. O distrito foi sendo aos poucos esvaziado.

Figura 1- Distrito de Pimenta



Fonte: infomascote.files.wordpress.com/2010/12/pimenta-16.jpg, disponível em 22/08/2015

O município de Mascote, como um todo, e o distrito de Pimenta apresentaram perda significativa de sua população, havendo ainda hoje uma tendência de redução da população, conforme se apresenta na Tabela 4, que comporta dados de 1980 a 2010.

Tabela 5 - População residente no Município de Mascote e no Distrito de Pimenta – 1980 a 2010

Município e Distrito	1980	1991	2000	2010
Mascote	19.227	20.178	16.093	14.640
Pimenta	-	-	1.418	1.300

Fonte: IBGE, 2015

Deve-se destacar que os dados sobre a população do distrito, referentes aos censos de 1980 e 1991, não foram apresentados nos resultados distritais do censo, o que prejudica compreender a dinâmica populacional de Pimenta, sobretudo pela

ausência de dados para o período de maior decréscimo de habitantes do município, de 1991 a 2000, em que poderia ser constatada a mesma tendência no distrito.

As Tabelas 6 e 7 relacionam o quantitativo populacional do município de Mascote com a evolução da população no estado da Bahia e no Brasil. A partir de tais informações, fica claro que o município de Mascote, comparado ao estado baiano e a federação brasileira, apresenta um decréscimo populacional no período de 1991 a 2010 (-27,45%) que não se repete nos outros âmbitos administrativos, que registraram evolução demográfica positiva, ainda que o crescimento da Bahia seja inferior ao do Brasil, em decorrência das perdas populacionais já citadas.

Tabela 6 - População de Mascote, da Bahia e do Brasil, 1991 a 2010

Ano	Mascote	Bahia	Brasil
1991	20.178	11.867.991	146.825.475
1996	16.329	12.472.894	156.032.944
2000	16.093	13.070.250	169.799.170
2007	16.061	14.080.654	183.987.291
2010	14.640	14.016.906	190.755.799

Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=292090&search=bahia|mascode|infogr%E1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria>.
Disponível em 23/11/2015

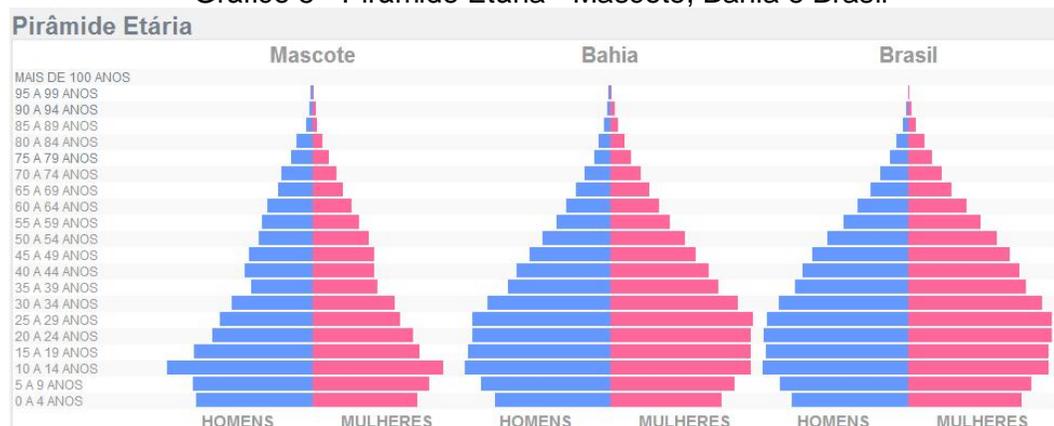
Tabela 7 - Variação da População de Mascote, da Bahia e do Brasil no período 1991-2010

Variação	Mascote	Bahia	Brasil
Absoluta	-5.538	2.148.912	43.930.324
Percentual	- 27,45	18,11	29,92

Fonte: Dados do IBGE, elaborado pelo autor.

Também é possível perceber um comportamento particular na pirâmide etária do município, apresentando estreitamento significativo na faixa referente à população ativa, com destaque para a faixa entre 35 e 40 anos (Gráfico 5). As peculiaridades da estrutura etária da população de Mascote decorrem da maior propensão a migrar apresentada pela população jovem ativa.

Gráfico 5 - Pirâmide Etária - Mascote, Bahia e Brasil



Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=292090&search=bahia|mascote|infogr%E1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria>. Disponível em 23/11/2015

A população que deixou o município de Mascote se fixou em outros territórios. Conforme já exposto, a Região Metropolitana da Grande Vitória configura-se como um dos pontos de atração deste fluxo e, apesar da capital já ter as áreas de ocupação mais consolidadas, muitos baianos também se fixaram na capital capixaba nos espaços que restaram dos processos ocupação anterior à década de 1990.

Vitória figurou como ponto de atração de muitos migrantes, sobretudo no período de consolidação da industrialização com destaque para a década de 1970, que representou um marco no crescimento urbano (DADALTO, 2013). Com o adensamento da ocupação abrem-se novas áreas na hinterlândia da capital, fortalecendo o espraiamento do urbano em parte do que hoje é denominado por Região Metropolitana da Grande Vitória. Na capital, as pessoas que não tinham condições de adquirir uma moradia regular, se estabeleceram nos morros e nos mangues, que se apresentaram como alternativa de moradia de menor custo.

No bairro Jesus de Nazareth, situado no município de Vitória – ES, surge a partir da década de 1990, a “Vila dos Baianos”, lugar ocupado, sobretudo, por migrantes oriundos do distrito de Pimenta pertencente ao município de Mascote-BA. Muitos deles sendo parentes ou conhecidos, concretizando uma migração em rede. Em estudo anterior relato:

Ocupando, sobretudo, a parte superior do morro, até então, pouco utilizada para moradia, deram início a ocupação daquilo que hoje vem a ser denominada “Vila dos Baianos” ou “Invasão”. [...]

O bairro no início da década de noventa, já apresentava uma quantidade de moradores considerável, dotados de costumes e referências culturais próprias. A chegada de 150 famílias de outro estado, não foi, nem poderia ser, um acontecimento pouco notável. A demanda no bairro por assistência médica, ensino e infraestrutura urbana, foi ampliada (SILVA, 2013, p. 42).

De acordo com a pesquisa citada, aproximadamente 150 famílias oriundas da Bahia se deslocaram para o local em busca de melhores condições de vida e da proximidade com os parentes. Neste deslocamento populacional tem destaque a participação do pequeno distrito de Pimenta como local de origem de parte importante dos baianos residentes em Jesus de Nazareth.

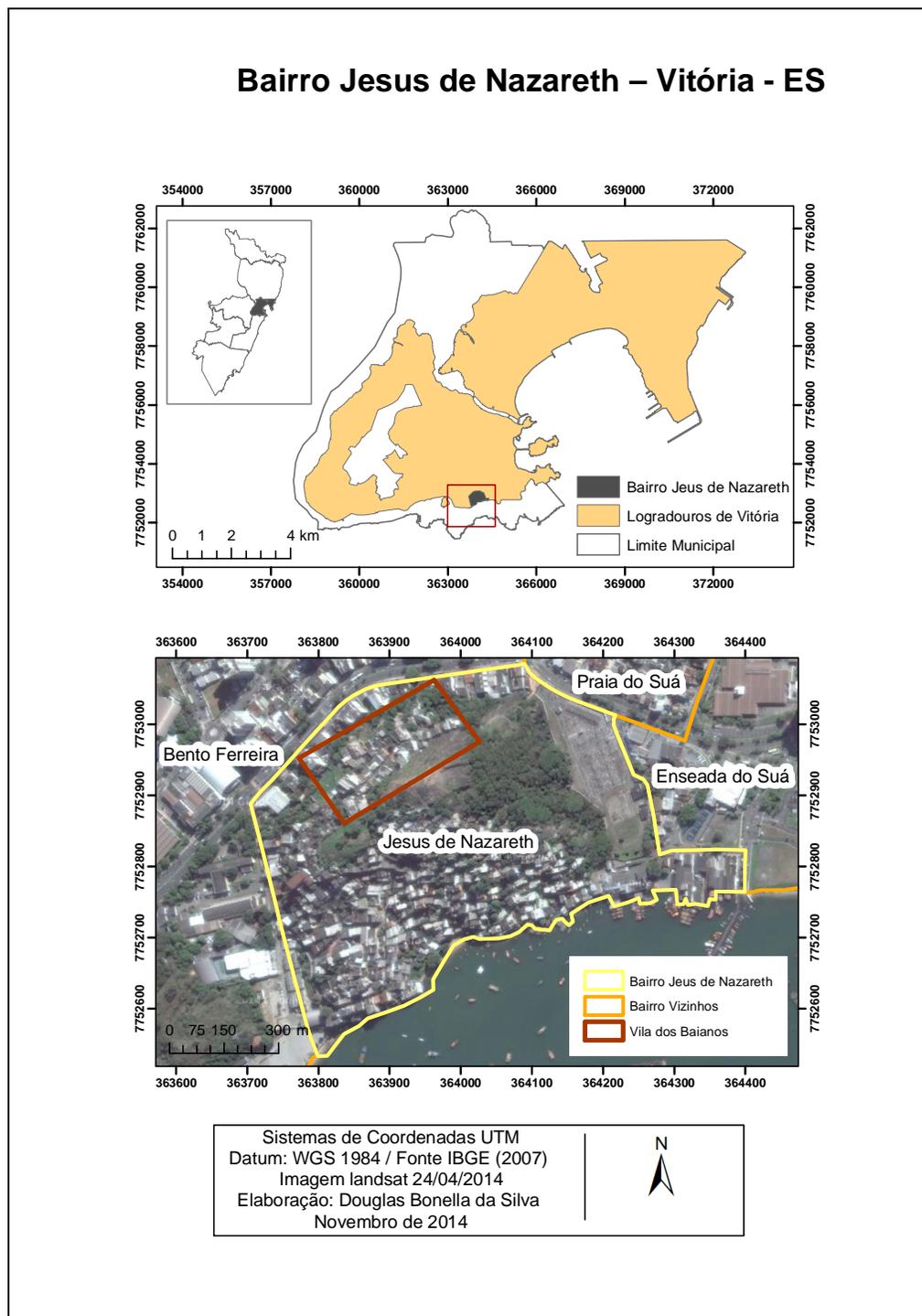
No momento em que essas pessoas chegaram ao bairro já havia uma ocupação consolidada. Assim sendo, os locais utilizados pelos migrantes para construção das novas moradias eram áreas de difícil acesso, compostas por escarpas e matações. Os moradores relatam que quando chegaram ao lugar, havia somente vegetação e algumas poucas casas e aos poucos foram construindo suas moradias. Para a população do bairro é evidente a transformação espacial decorrente do salto populacional ocorrido na década de 1990.

O bairro Jesus de Nazareth tem sua formação ligada ao processo de expansão da cidade de Vitória para a porção leste da ilha, a partir dos aterros que ocorreram na cidade e a dispersão dos serviços públicos e privados para fora do centro histórico, já na década de 1950. O bairro teve uma ocupação irregular, a partir da ocupação de terrenos públicos, as primeiras áreas a serem ocupadas foram as mais próximas da Baía de Vitória. No momento da chegada dos baianos restavam as áreas nas porções mais altas do morro (SILVA, 2013).

Os migrantes não ocuparam somente a denominada Vila dos Baianos, há uma ocupação considerável de migrantes nas porções mais altas do morro. Alguns migrantes se estabeleceram em área de risco e com o processo de retirada de famílias dessas áreas, por meio do poder público municipal, houve uma realocação desses migrantes e demais residentes para o condomínio Mar Azul, situado na porção baixa do bairro.

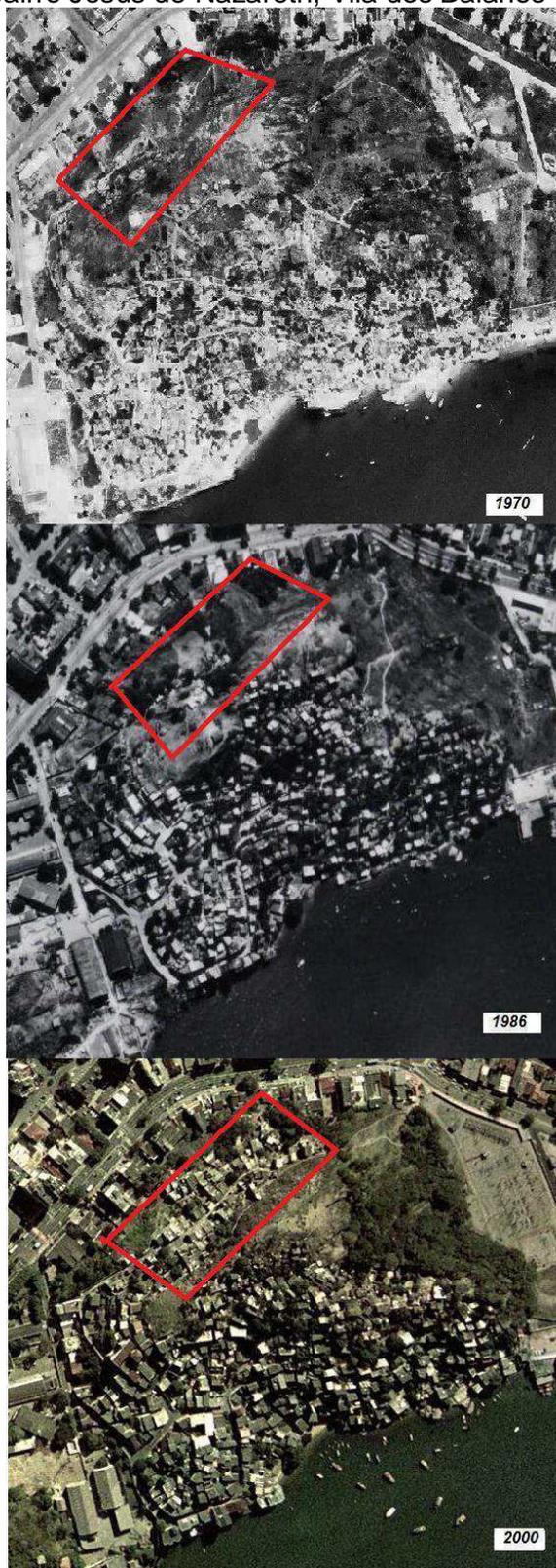
O Mapa 5 apresenta a localização do bairro Jesus de Nazareth, com destaque para a Vila Baiana, seguida da imagem com a evolução da mancha da ocupação nesta porção do bairro (Figura 2).

Mapa 9 - Jesus de Nazareth, destaque para a Vila Baiana



Fonte: IBGE – Elaborado pelo autor.

Figura 2 - Bairro Jesus de Nazareth, Vila dos Baianos em destaque



Fonte: Geohistória do Bairro Jesus de Nazareth - 2013

Concluída a caracterização das áreas envolvidas no estudo, início no próximo item a apresentação dos resultados colhidos com as entrevistas semiestruturadas e as experiências do campo.

4.1 Resultados e experiências do campo

Este item trata do estudo desenvolvido em campo, trazendo aspectos referentes ao fenômeno migratório em foco, apresentando dados e demais feições que puderam ser colhidas a partir de questionários e das experiências vivenciadas nas áreas do estudo. São apresentados também aspectos metodológicos da pesquisa de campo.

Foram efetuadas entrevistas em Jesus de Nazareth e no distrito de Pimenta, sendo ao todo, 43 entrevistas no bairro e nove entrevistas no distrito. Deste total, 16 entrevistas foram registradas em vídeo, com o objetivo de produzir o documentário a partir dos trechos principais e das imagens captadas.

As entrevistas no bairro Jesus de Nazareth foram iniciadas pelo que foi denominado “nós da rede”, indivíduos que representam núcleos de referência para os migrantes, pontos de convergência na tessitura da rede migratória. Ou seja, buscou-se encontrar as pessoas que fizeram os primeiros elos entre origem e destino, e promoveram, por meio da recepção de parentes e indicação ao trabalho, um direcionamento do fluxo migratório, alimentando a manutenção do fenômeno. A partir da descoberta dos primeiros “nós” foram encontrados outros e, desta forma, procurou-se entender como se deu e como foi tecida a rede migratória até o presente momento.

A escolha dos entrevistados não surgiu de métodos estatísticos predeterminados. Em Jesus de Nazareth, buscou-se reconstruir a formação da rede, entrevistando membros da maior parte possível das famílias envolvidas no fluxo Mascote - Jesus de Nazareth, ao todo foram visitados quarenta domicílios. Os questionários contêm perguntas fechadas e abertas (Anexo 1). Os resultados obtidos foram utilizados para produção de dados referentes ao estudo de caso. Todos os entrevistados são ex

moradores do Município de Mascote, exceto Adeilde que iniciou a rede, antiga moradora do município de Itapebi-BA.

Cabe salientar que os questionários aplicados aos migrantes continham perguntas direcionadas à composição familiar, indagando dados sobre local de nascimento, idade, sexo, profissão e escolaridade de todos os membros do domicílio, portanto, apesar de terem sido aplicados 40 questionários, para alguns dados, tem-se informações de 79 migrantes, número de pessoas nascidas na Bahia e residentes nos domicílios visitados.

Além das entrevistas com os migrantes, em Jesus de Nazareth foram efetuadas entrevistas semiestruturadas, visando levantar aspectos da ampliação de demanda por serviços públicos que ocorreu com a vinda dos migrantes e as características particulares deste processo. Foram entrevistados dois funcionários da escola “Edna de Mattos Siqueira Gáudio” (Questionário 4) e uma funcionária do posto de saúde (Questionário 5), instituições localizadas no bairro.

Em relação ao campo na Bahia, as duas idas à Pimenta (2014/2015) tiveram o intuito de registrar o encontro entre parentes afastados pela migração, entender como se deu o movimento populacional que afetou o cotidiano do distrito e entrevistar moradores do distrito e gestores do município. Todos os anos parte dos baianos que moram em Jesus de Nazareth se desloca para o distrito de Pimenta no intuito de visitar os parentes e participar da festa da padroeira local, Nossa Senhora D’Ajuda, sendo nesta ocasião que ocorreram os trabalhos de campo na Bahia.

Em 2014 me desloquei juntamente com os excursionistas, momento em que aproveitei para registrar algumas características da viagem e conversas informais com migrantes, foi também momento proveitoso para o registro em vídeo e fotografia de particularidades da viagem, do distrito de Pimenta e da festa.

Nesta viagem fui até o município de Ilhéus-BA, com finalidade de visitar a UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), onde foram adquiridos livros sobre temáticas que se mostraram importantes neste estudo, abordando, sobretudo, a crise do cacau e os efeitos gerados na região cacauzeira, que desponta como uma das causas principais do forte deslocamento populacional da região.

No ano seguinte, em agosto de 2015, cheguei à Pimenta dois dias antes do período festivo para encontrar o distrito vazio e efetuar as entrevistas com mais tranquilidade, pois durante o período de festa o lugar fica muito agitado, o que poderia comprometer a qualidade do trabalho, sobretudo em relação ao áudio do documentário. Foi também oportunidade para vivenciar o distrito em período diferente, levando a uma maior compreensão de como a chegada dos visitantes altera a vida do distrito e como os moradores se organizam para receber parentes e amigos. Em 2015 fui novamente a Ilhéus, com objetivo de ampliar o conhecimento sobre a crise do cacau, efetuando pesquisa nas bibliotecas da UESC e na CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira).

O tempo de estadia maior facilitou o acesso aos órgãos públicos. Visitei a prefeitura de Mascote, onde efetuei entrevistas com representantes do poder público municipal. Foram realizadas três entrevistas semiestruturadas com gestores do município, sendo uma entrevista com o Prefeito, uma entrevista com secretário de agricultura da prefeitura de Mascote e uma entrevista com vereador.

O objetivo das entrevistas com os gestores de Mascote foi saber a respeito de possíveis estratégias para manutenção do quantitativo populacional, já que o município tem perdido muitos habitantes por conta da migração, além disso, indagar sobre programas voltados para reestruturação econômica, sobretudo, em relação à agricultura mediante a crise relativamente recente no setor e quais foram as mudanças que ocorreram no setor agrário nos últimos anos.

Além das entrevistas com os gestores, foram efetuadas entrevistas com residentes de Pimenta, tendo como intuito conhecer o outro lado do fenômeno migratório, investigando a situação e as vivências das pessoas que permaneceram no distrito, e as mudanças que ocorreram neste lugar a partir da migração, isso visto pela ótica dos que ficaram. Foram entrevistadas pessoas indicadas pelos participantes da excursão e por moradores de Mascote, dentre elas algumas personalidades com idade mais avançada, idosos que viveram os períodos de poder econômico ligado ao cacau. As entrevistas efetuadas tiveram por objetivo obter informações pessoais, que contribuíssem com a análise, sem o intuito de fazer generalizações.

A escolha de entrevistas que contemplassem questionários qualitativos semiestruturados se deu por abarcarem aspectos mais amplos da migração que

envolvem os laços de parentesco e laços de amizade e influenciam no deslocamento e formação das redes. A entrevista aberta também se mostra mais proveitosa para a produção do documentário, pois dá mais liberdade de expressão para o entrevistado. Todos os questionários que foram aplicados encontram-se anexados ao texto.

Visando a produção do documentário foram gravadas em áudio visual todas as entrevistas efetivadas na Bahia, ao todo nove. Foram gravadas sete entrevistas no bairro Jesus de Nazareth: cinco com migrantes, que responderam o mesmo questionário que os demais, com a diferença de terem a entrevista registrada em vídeo; e duas com funcionários da Escola Edna de Mattos Siqueira Gáudio que atende ao público infantil do bairro e que teve seu funcionamento alterado a partir da recepção dos migrantes no bairro. A entrevista na unidade de saúde foi gravada somente em áudio, portanto, não foi utilizada na produção do vídeo.

Enxergo a pesquisa, para além do levantamento bibliográfico, em dois âmbitos: um direcionado ao movimento migratório que acontece da região sul baiana para a RMGV em aspectos gerais, baseados em dados censitários e estudos prévios; outro com abordagem mais aproximada do distrito e do bairro referidos, contando com entrevistas e dados particulares. Deve-se ressaltar que as entrevistas se apresentam como uma alternativa à carência de dados sobre o assunto em estudo.

Foi grande a dificuldade de se encontrar dados específicos de migração para o terceiro capítulo, que está relacionado a espaços menores, no caso um bairro e um distrito, para os quais as informações sobre migração se tornam reduzidas.

Mediante tais colocações serão apresentados, a seguir, alguns dos resultados obtidos e percepções do campo.

4.1.1 A Vila Baiana

A primeira entrevista realizada no Bairro Jesus de Nazareth, foi feita com a Moradora Adeilde, atualmente com 86 anos, morava até 1952 no município de Itapebi-BA, também pertencente à região cacauzeira e situado nas proximidades do município de Mascote. A entrevistada mudou-se do município de origem, acompanhando o marido quando grávida de seu primeiro filho, deslocou-se por 28 dias a pé até o município de Montanha - ES. Depois de percorrer diversos municípios do estado, fixou moradia no bairro Jesus de Nazareth no ano de 1971.

Em 1989, após se aposentar, decide ir reencontrar os membros da família de criação, com os quais perdeu contato desde o momento de sua saída do município de origem. Quando retorna, o local onde morava havia sido esvaziado. A senhora Adeilde inicia então uma busca pelos parentes, perguntando sobre o paradeiro da família, até que lhe indicaram o distrito de Pimenta como local de residência dos familiares.

Encontra os parentes, coincidentemente no período da festa da padroeira de Pimenta, percebe que eles se encontram em situação econômica instável e os convida para virem estabelecer moradia em Vitória. Já em seu retorno para Vitória, um primo a acompanha migrando para a capital do Espírito Santo. Desta forma, se inicia a tessitura da rede migratória, principiada por pessoas diretamente ligadas à Adeilde, que passa a receber parentes e, posteriormente, integra amigos, conhecidos dos parentes e demais migrantes que enxergam Vitória como um destino viável.

A primeira família a se mudar para Vitória tem ligação direta com a irmã de criação de Adeilde, a senhora Lindaura. A partir da vinda de um dos filhos, outros se encorajaram a migrar e posteriormente trazem a mãe. Alguns já estavam casados e trouxeram consigo esposas e filhos.

Cabe destacar a importância da senhora Adeilde na manutenção destas famílias em Vitória, tendo boa parte dos primeiros migrantes residido em sua moradia até se estabelecerem no bairro e montarem residência própria. Em seguida, os que vinham eram auxiliados por outras pessoas e, assim, se formou uma rede de solidariedade entre parentes e amigos que se fortaleciam num território nascente.

Segundo os entrevistados, no início da década de 1990, a vassoura-de-bruxa ainda não havia atacado os cacauais do município de Mascote, contudo, tal fato não garantia qualidade de vida aos habitantes do distrito de Pimenta. Alguns entrevistados ressaltaram como motivo principal de sua saída da terra de origem as condições de trabalho e o desejo de ir para a “cidade grande”.

Mesmo sem a crise do cacau ter se manifestado no município, muitos já haviam deixado a zona rural. Os primeiros migrantes de Pimenta que se fixaram em Jesus de Nazareth chegaram em 1989, antes da crise cacaueteira se instaurar em Mascote. Para além dos problemas econômicos existia também o desejo de mudança de ambiente e de modo de vida. O entrevistado Geninho, que morou 16 anos em Vitória, hoje residente de Pimenta, relata sua percepção do início desse fluxo migratório.

[...] A migração começou devido os jovens, eles procurando conhecer novos lugares, ter uma experiência de vida maior, não por causa da crise, nesse momento. Jovem, já viu como é que é. Né? Eles sempre procuram algo a mais. Então, acho que começou por aí, e desse começo que as pessoas começaram: um levando o outro. Começou com os jovens, depois que a crise veio, aí sim, começou a família. As famílias, em si, começaram a migrar (Genival).

O trabalho na lavoura do cacau é lembrado pelos entrevistados como um trabalho árduo, sendo que, neste caso, a saída do campo era vista como possibilidade de melhoria nas condições gerais de vida. Em relação ao desejo de saída da roça ilustro tal fato com o depoimento do migrante Abraão Delmondes, morador de Jesus de Nazareth desde 1991.

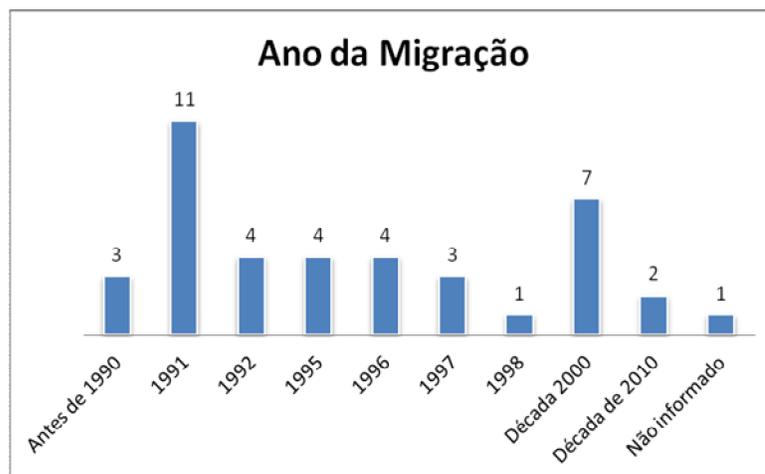
Foi a necessidade que me obrigou a vir pra cidade grande em busca de dias melhores. Lá eu trabalhava na roça, roçando cacau. [...] Eu tinha horizontes maiores [...] então achei que eu tinha que sair da roça. O trabalho era muito duro, tipo escravo. Foi isso que me afugentou da roça, se não fosse, estaria até hoje lá. [...] Só em sair da roça pra mim já foi uma conquista grande, aqui eu consegui minha casa própria, consegui meu carro, hoje, graças a Deus, sou um micro empresário. Então eu só tive a ganhar (Abraão).

Lembrando que muitos benefícios comuns nos trabalhos formais da cidade, tais como décimo terceiro salário, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), aposentadoria por tempo de trabalho, não eram garantidos para parte dos trabalhadores rurais que prestavam serviços nas fazendas cacaueteiras,

representando a ida para a cidade, dentro destas características, uma possibilidade de melhoria das condições de trabalho e da qualidade de vida.

Pelos relatos, é possível afirmar que já havia um movimento inicial estabelecido entre Vitória e Mascote, que com a crise foi intensificado. O ano em que houve maior registro de chegada de migrantes, a partir dos questionários, foi 1991, conforme exposto no Gráfico 6.

Gráfico 6- Número de migrantes segundo os anos de chegada em Jesus de Nazareth



Fonte: Dados do Questionário.

Somente é possível especular a respeito dos motivos que fizeram a migração intensificar neste ano. Pelo que foi relatado, a doença vassoura-de-bruxa ainda não havia se manifestado em Mascote, contudo, já era possível saber que outros municípios estavam passando dificuldades com a produção de cacau, o que poderia incentivar uma antecipação do comportamento da população à intensificação da crise.

Sobre as causas que impulsionaram a migração, outro entrevistado apresentou seu entendimento sobre o movimento populacional que ocorre no município de Mascote, ressaltando a importância da crise do cacau no fenômeno:

Deu a vassoura-de-bruxa no cacau, aí muita gente ficou sem condições de trabalhar, perdeu o emprego. [...] O pessoal ia lá (e dizia): ó, tô trabalhando bem, lá em Vitória.

Vai trazendo um, vai trazendo outro.

O pessoal saiu porque a crise do cacau também acabou com o cacau na Bahia, no interior. Tem fazenda que tinha 50, 60 funcionários, hoje têm 3, 4 funcionários. Aí não tem como, o pessoal

tem que sair, procurar o melhor. Mas não saiu só pra Vitória, saiu pra São Paulo e outras capitais [...] (José Carlos).

Ainda na década de 1990 a vassoura-de-bruxa se instaura no município o que potencializa o fluxo migratório. Como já existia o início de uma rede sendo tecida, muitos outros migrantes seguiram para o mesmo destino. Assim, formaram-se escadarias em que residem, quase que exclusivamente, parentes e a Vila dos Baianos passa a tomar corpo, aumentando significativamente o número de pessoas originárias do distrito de Pimenta.

O local também é denominado invasão, contudo nas entrevistas aplicadas somente um morador alegou ter ocupado o local de residência o restante afirmou ter comprado o terreno ou casa de pessoas que já mantinham a posse da terra, não sendo, segundo os relatos das entrevistas, a população baiana responsável pela apropriação inicial.

No local residem pessoas de diversos municípios da Bahia, tendo destaque a expressiva presença dos que tem origem no município de Mascote, mais especificamente do distrito de Pimenta. A maior parte dos residentes em Pimenta eram registrados em Camacan, porque este município vizinho tem maior estrutura para natalidade e registro civil. O questionário domiciliar indica a presença de 17 pessoas naturais de Mascote e 36 naturais de Camacan.

A ocupação se expressa de forma densa, são muitas residências que surgem em um curto espaço, a Figura 3 mostra como a construção se dá de forma concentrada.

Figura 3 - Vila Baiana – Data desconhecida



Fonte: Acervo fotográfico de Nildo (morador)

A prática da autoconstrução e de mutirões para edificação das moradias também foi frequente na ocupação da Vila Baiana, conforme foi relatado no depoimento a seguir, que pontua sobre o processo de ocupação do local.

Era mutirão [...] quando nós chegamos, “batia” um caminhão lá na bomba², juntava dez, quinze, vinte pessoas, pra carregar aquele material, igual formiguinha. Era mutirão! [...] Ali era uma veredinha, era estreitinha, com maior trabalho pra subir ali, nós botava saco de cimento nas costas e puxava até aqui [...] mas era muita gente (Izaldo).

Apesar de a Vila dos Baianos concentrar um número muito grande de baianos, as demais porções do bairro também apresentam migrantes procedentes da mesma região, podendo ser destacado o conjunto habitacional Mar azul, que abriga um número elevado de famílias provenientes de Pimenta. Nas proximidades do conjunto se encontra um pé de cacau plantado pelos moradores, mostrando uma apropriação particular do lugar (Figura 4).

² Estação de bombeamento de água da CESAN localizada no pé do morro Jesus de Nazareth.

Figura 4 - Cacaueiro plantado no condomínio Mar Azul



Fonte: Fotografia do autor

Além disso, no conjunto habitacional Mar Azul, sobretudo nos fins de semana, é muito comum os moradores ouvirem músicas baianas, mais especificamente o arrocha³. Contudo, nos 40 questionários aplicados, 19 domicílios eram da Vila Baiana, 11 localizados entre o Terreirão e a Matinha, parte alta do bairro, 4 no conjunto habitacional e os demais divididos por outras partes do bairro.

Atualmente a convivência entre baianos e capixabas aparenta estar mais harmônica, porém o processo inicial de convivência foi um pouco conflituoso. Algumas pessoas, que já moravam no bairro, não viam com bons olhos a população migrante. Nos questionários aplicados, os migrantes se referem às brincadeiras e piadas feitas com a origem. Pilhérias que faziam referência à alimentação, e que afirmavam que baianos são preguiçosos.

Quando nós chegamos aqui os capixabas detratavam demais da gente. “– Ah baiano gosta de comer farinha [...] baiano é preguiçoso. É Baiano! Isso aí é baiano, não vale nada” [...] (Izaldo).

Os entrevistados afirmam que isso foi se atenuando com o tempo, e hoje a brincadeira se torna mútua, no entanto, dos 40 entrevistados 17 afirmam ter sofrido

³ O arrocha é um estilo musical e dança, amplamente difundido na Bahia. Pode ser dançado sozinho ou em par. Tem influências da música eletrônica e forró seresta, sendo o teclado uma característica marcante do ritmo. <https://www.youtube.com/watch?v=uKwvpmrFjRs>

preconceito ou discriminação. Quando perguntados de que forma se sentiram discriminados 7 se referem às afirmações de os baianos são preguiçosos.

No caso das crianças o preconceito pode se tornar um problema na aprendizagem e na qualidade do ambiente escolar, conforme pontua a professora:

Falar que é descendente de baiano, que é filho de baiano ou simplesmente ser chamado de baiano, é considerado aqui uma ofensa por eles, é algo pejorativo. Eles fazem muitas brincadeiras de mau gosto em cima disso, causa bastante sofrimento nos alunos que chegam e nos alunos que aqui estão que têm essa origem. É uma discriminação, eu percebo isso [...]. Fica rindo muito da fala, é motivo de piada, usa muita essa questão de falar que é pobre [...]. A pessoa perde até o nome, ela só ganha o nome dela de volta depois de um, dois anos que ela passa a se relacionar com os colegas, porque quando ela chega é: ô baianinho! ô baianinha (Christiane).

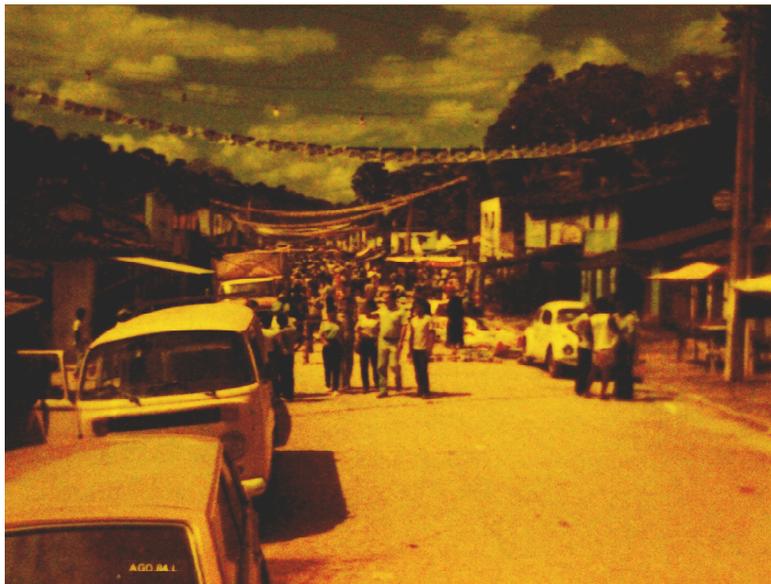
No tópico “Discussões” as relações estabelecidas entre migrantes e preestabelecidos será mais debatida.

4.1.2 A festa e Pimenta

“Do lugar onde estou já fui embora” (BARROS, 1996, p.71).

A Festa de Pimenta merece destaque neste processo migratório, demonstrando ser uma expressão da manutenção de vínculos com a localidade de origem. É dedicada à padroeira do distrito, Nossa Senhora D'ajuda, sendo um festejo tradicional que moradores antigos do distrito não souberam datar quando teve início, afirmando que desde que vivem no lugar a festa faz parte do calendário (Figura 7).

Figura 5 - Festa da Padroeira (1984)



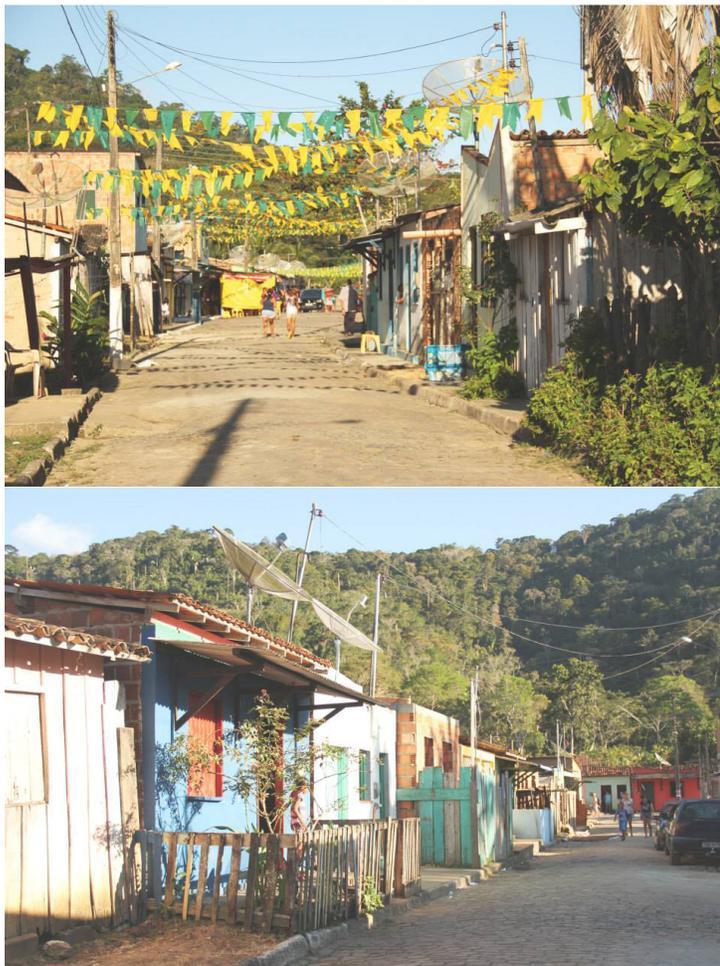
Fonte: Acervo fotográfico de André (Déo)

É um acontecimento que envolve diversas pessoas de Jesus de Nazareth, mesmo que indiretamente. A saída da excursão acontece sempre dentro do bairro, em locais de fácil acesso e de grande movimentação, os ônibus ficam estacionados com os organizadores conferindo lista de passageiros e alocando a bagagem, por sinal muito grande, o que torna este processo mais demorado.

Antes de pesquisar a migração baiana, já me interessava por este movimento de visita dos migrantes ao local de origem, e em 2009, por trabalhar como Educador Social no projeto de Tempo Integral da Escola Municipal “Edna de Mattos Siqueira Gáudio”, situada no bairro, tive maior contato com crianças e jovens baianos, pois grande parte dos atendidos pelo projeto era migrante. Procurei me informar sobre a organização da excursão e viajei junto com os baianos para Pimenta pela primeira vez.

Tinha em mente a imagem de um lugar seco, plano, a imagem do senso comum em relação ao nordeste, que justificaria uma migração tão intensa. E o primeiro deslumbre foi chegar em um lugar de clima quente, muito úmido, com relevo acidentado e com a presença da Mata Atlântica envolvendo o pequeno distrito (Figura 6).

Figura 6 - Distrito de Pimenta



Fonte: Fotografias do autor

Na verdade, tais características são constantes nas áreas produtoras de cacau, o calor e a chuva são exigências do cacauzeiro e devem vir em medida certa, do contrário comprometem a produção. Além disso, o cacau é uma planta cultivada com sombreamento, o que justifica a presença de uma mata no entorno do distrito.

Segundo Santos “não será, apenas, uma simples imagem poética o dizer-se que o cacauzeiro depende mais do céu do que da terra” (SANTOS, 1957 p. 17). Ainda sobre o aspecto climático o autor diz:

[...] isso explica a ansiedade com que o homem da zona do cacau espera que do céu caiam as primeiras chuvas de verão. Delas é que dependerá a sua boa ou má fortuna. A safra fica na dependência das precipitações. É de ver a alegria que de uma hora para outra resplandece na fisionomia de todos quantos têm sua vida ligada ao cacau, quando, após uma fase de estiagem, o céu

começa a carregar-se de nuvens cor de chumbo; que logo se desfazem em grossas bátegas de chuva dadivosa. É a própria fortuna a escorrer do céu em forma líquida. Mas, se não chove, como aconteceu há poucos anos, quando o flagelo da seca estendeu seus tentáculos à própria zona do cacau, é tristeza e desolação que se veem por todos os lados. São roças que se queimam, plantações que se perdem, negócios que se atrasam, o comércio que se paralisa, a estagnação, enfim, de todas as atividades. É por isso dependem também todos quantos vivem do cacau, mesmo que não o plantem, nem o colham que se diz que o cacau depende mais do céu do que da terra (SANTOS, 1957, p. 19).

Devido à grande umidade da região, é muito comum que a chuva também se faça presente durante a festa de Pimenta. Contudo, o fato não impede o acontecimento da festividade.

Apesar de o caráter original ser religioso, a festa ultrapassa os aspectos devocionais, torna-se um momento de confraternização que, em certas manifestações culturais independe ou até mesmo se distancia dos ritos católicos. Há 17 anos ocorre a excursão com destino ao distrito, no ano de 2009, quando fui pela primeira vez, saíram três ônibus do Bairro, contudo os participantes relatam a saída de até seis ônibus de Vitória em direção à Pimenta. No ano de 2015 um ônibus e uma vã foram utilizados para o transporte dos migrantes, além de carros particulares.

Um palco é montado na praça onde se apresentam diversos artistas, por vezes de reconhecimento nacional, e os blocos de rua desfilam na via que liga o distrito à sede de Mascote, puxados por trio elétrico ou carro de som. Ocorre torneio de futebol com a participação do time dos baianos de Vitória, denominado BAVI, nome que carrega a sigla do estado de origem e uma referência à cidade de moradia.

Figura 7 - Imagens da Festa de Pimenta



Fonte: Fotografias do autor

A primeira excursão foi organizada no ano de 1998 com intuito do time de futebol participar do torneio que ocorre durante a festa da padroeira (Figura 8). Com o tempo as pessoas foram aderindo à excursão, mesmo não sendo integrantes do time, com o desejo de participarem da festa e reverem os parentes e amigos que continuaram no distrito.

Figura 8 - Primeira Excursão (1998)



Fonte: Acervo fotográfico de Tomé

Conforme expõe as Figuras 9 e 10, durante a festa, nas ruas próximas à praça são montadas barracas de bebidas, alimentação, roupas etc.

Figura 9 - Praça de Pimenta durante a festa (2009)



Fonte: Fotografia do autor

Figura 10 - Praça de Pimenta durante a festa (2000)



Fonte: Acervo fotográfico de Tomé

O número de ônibus que são disponibilizados para a excursão tem diminuído, segundo o organizador da viagem, com o acesso ao automóvel muitos se deslocam individualmente em carros particulares. Contudo, alguns participantes afirmam que a festa perdeu força nos últimos anos, havendo menor apoio do poder público e menor participação das pessoas.

Em 2014, por exemplo, a organização e realização da festa ficaram sob a responsabilidade dos moradores de Pimenta, a prefeitura não disponibilizou verba para a festividade, tal fato justificado pela crise econômica corrente. Algumas pessoas desistiram de ir por acreditarem que a festa não seria boa, entretanto muitos foram mesmo assim.

É perceptível que a festa tem um sentido afetivo para os participantes e se torna um momento de reavivamento do elo com a terra natal, com os parentes e com amigos que permaneceram no território de origem. O organizador da excursão, morador do bairro Jesus de Nazareth, tece o seguinte comentário sobre a festa de Pimenta

Mas a Pimentinha continua na mente de cada um [...] você vê que ninguém esqueceu a origem, tendo festa ou não, a galera de Vitória vai pra Pimenta [...] o pessoal não quer nem saber, você vai, porque, lá tem os amigos, tem a origem e a galera faz o sacrifício pra poder ir (José Carlos).

Abraão, também morador do bairro Jesus de Nazareth, migrante oriundo de Pimenta, residente no bairro há 25 anos, relata sua experiência e relação com a festa.

Eu retorno, porque, lá é onde a gente rever nossos grandes amigos. Então quando eu volto lá, eu volto a ter dez, onze anos [...] Aquilo ali me ajuda a, sei lá... reviver. Só Deus que vai impedir de voltar lá todo ano (Abraão).

Do número total de entrevistados, 35 (87,5%) afirmam já ter participado da excursão anual organizada pelos migrantes, demonstrando a estima que a festa tem para os que se deslocaram da terra natal. A festa também tem grande importância para os residentes de Pimenta, no trecho retirado da entrevista do morador do distrito, é possível notar como o momento é especial para algumas pessoas que se envolvem na festividade.

É a melhor festa do mundo! Sério... não tem uma festa igual a de Pimenta. Por esse momento que vocês estão vivendo aqui, é amizade, é a união, o reencontro, essa festa é o reencontro de amigos e parentes [...]. Aqui é assim: não tem festa com mega estrutura que possa derrubar a festa de Pimenta (Genival).

Aparenta ser um momento de fortalecimento identitário, pelo retorno dos migrantes ao convívio com os conterrâneos, pela “atualização” do repertório cultural, por meio de músicas locais, alimentação e fala. O local não tem serviços de hospedagem e restaurante, o que faz com que os moradores do distrito se organizem para receber os visitantes em suas residências, aumentando o período de convívio entre os que migraram e os que permaneceram. Alguns moradores pintam as casas e fazem pequenas reformas para melhor receber os parentes e amigos.

O momento é também oportunidade de troca de presentes, algumas pessoas levam no ônibus roupas, eletrodomésticos, bicicletas, material de construção, dentre outros.

O pessoal pega as roupas que a pessoa não usa, o pessoal leva fogão, leva geladeira, o pessoal leva porta, leva cerâmica. Rapaz... o pessoal leva de tudo. Aí tem um que tá querendo morar lá, já aproveita e já leva a mudança [...]. Chegou época de eu ir, do pessoal levar mudança, do bagageiro nem fechar. Teve até motorista de ônibus que chegou aí e falou com o pessoal:

- Rapaz, aqui é ônibus de viagem, isso daqui não é pra carregar mudança não, se você quiser carregar mudança você aluga um baú, isso daqui é ônibus de turismo [...]. Mas isso aí, vai fazer o que? É o momento que você tem. Né? (José Carlos).

Vinte e sete dos entrevistados (67,5%) levam presentes para amigos e parentes que residem em Pimenta, os principais presentes são roupas e calçados. No retorno trazem frutas, carne de sol, requeijão, biscoito poca zóio⁴, fato⁵ e feijão verde, 35 (87,5%) entrevistados afirmam retornar com produtos típicos da terra natal.

O distrito altera seu ritmo pacato para receber os visitantes. Quando o ônibus chega, há queima de fogos e parentes aguardam para recepcionar seus entes, alguns jovens e crianças aguardam com carrinhos de mão para carregar a bagagem e presentes até o local de hospedagem. Os visitantes ficam no distrito aproximadamente por cinco dias, no domingo o ônibus fretado leva os passageiros até o distrito de Paraíso, onde ocorre uma feira popular (Figura 11).

⁴ Poca zói é um termo utilizado para designar um biscoito feito a base amido de milho e coco, também conhecido como biscoito coquinho em outras regiões do Nordeste.

⁵ Fato do boi são partes das vísceras do boi, chamada, popularmente, de dobradinha no Espírito Santo.

Figura 11 - Feira de Paraíso (2009)



Fonte: Fotografias do autor

É notável que a festa também tem importância para a economia local, movimentando o comércio do distrito, tal fato foi relatado pelo Prefeito de Mascote, conforme exposto no trecho da entrevista:

Independentemente de encarar que a festa é boa porque também é cultura, além de diversão para os jovens, mas é uma forma, logicamente, de movimentar a economia do município, eu digo sempre que, com as festas todo mundo ganha seu dinheiro: é o menino da pipoca, é o velho do quebra queixo, é a baiana do acarajé, o dono do bar, é o supermercado. Existe uma movimentação financeira no município [...] (Washington).

Alguns moradores alugam as casas para os visitantes, o que também aumenta a circulação de dinheiro no local. Vale ressaltar que tem pessoas que, apesar de terem morado em Pimenta, não têm nenhum parente residindo em Mascote, pois a

família inteira migrou e mantém somente os laços com o lugar de origem e com amigos que permaneceram no distrito.

A festa altera o ritmo da vida do distrito e do bairro Jesus de Nazareth, havendo um esforço dos migrantes em se deslocarem para Mascote. Foi relatado que, durante a festa, pessoas levam advertência trabalhista e por vezes perdem o trabalho por não conseguirem autorização para a viagem, porém vão da mesma forma.

Em Jesus de Nazareth os professores da Escola Municipal “Edna de Mattos Siqueira Gáudio”, sabem que durante o período festivo alguns alunos vão se ausentar e por vezes se faz necessário reorganizar o calendário de avaliações, como foi relatado na entrevista com a professora Cristiane:

Quando cheguei aqui na escola, eu vi [...] uma característica diferente, porque no meio do ano tinha uma festa, lá na Bahia, e que a escola ficava praticamente vazia, vários alunos viajavam pra essa festa [...] Então a gente tinha que adiantar algumas atividades, ou aplicar depois, devido essa viagem que os alunos faziam. Com o passar dos anos eu vejo que o número de alunos para essa viagem diminuiu. E toda vez, quando acontece essa viagem, a gente se prepara porque vai chegar um aluno novo na escola, sempre depois da festa de Pimenta acaba vindo uma família pra Jesus de Nazareth (Christiane).

Quando a excursão retorna é normal que novos migrantes se desloquem junto com os visitantes para se fixarem em Vitória, este fato foi pontuado pela professora Cristiane e pelo organizador da excursão.

A festa, portanto, ganha grande importância neste evento migratório específico, modificando não somente o cotidiano do Distrito como também da área de destino que hoje abriga os migrantes. Cabe ressaltar que existe um fluxo quase que constante entre o distrito e o bairro nos dois sentidos, independente da festa. Havendo, no entanto, maior volume de pessoas em trânsito neste momento.

O período de páscoa também é citado como momento de visitar os parentes, sendo um período mais tranquilo para ficar com os familiares, sem a movimentação da festa.

Durante as datas festivas e férias escolares, o fluxo entre Jesus de Nazareth e Pimenta é intensificado, pessoas de Pimenta também se deslocam para o bairro

Jesus de Nazareth para passarem um período com os parentes e amigos. Os agentes de saúde, em entrevista, afirmaram que durante o fim e início de ano, aumenta a demanda do posto de saúde devido às pessoas que residem na Bahia, pois aproveitam a estadia em Vitória para terem acesso à atendimentos médicos.

Vale sublinhar a movimentação que ocorre durante o período eleitoral. Muitos que migraram permanecem com o local de votação em Mascote, por conta disso, a partir de relatos dos entrevistados, há financiamento por parte dos políticos para que se desloquem para o município, tendo havido inclusive fretagem de ônibus para a votação. Como o município é pequeno, o número de eleitores que se deslocam pode fazer diferença nos resultados da eleição.

4.1.3 O cacau e a migração no distrito

O cacau tem duas safras por ano, uma em março e outra em agosto, sendo a do mês de agosto a mais pujante. Pelo fato da festa também ocorrer neste mês, é normal ver as pessoas trabalhando com o cacau durante o período da festividade. As imagens A e B, da Figura 13, mostram a secagem do cacau sendo feita na rua em cima de lona plástica, sendo comum ver cenas parecidas com essa por todo o distrito. Na fotografia C é possível ver a secagem do cacau sendo feita nas barcaças⁶ ocorrendo normalmente em fazendas que apresentam maior estrutura para o beneficiamento do cacau.

Ainda no distrito, encontra-se um torrador e um depósito de cacau. A fotografia D mostra um caminhão sendo carregado com o produto direcionando-o para venda. O chocolate também é facilmente encontrado nos pequenos mercados e nas barracas de comidas, a forma mais comum é a cocada de cacau, produzida de forma

⁶ As barcaças são tabuleiros suspensos usados para a secagem do cacau, compostas por um telhado móvel de zinco que desliza sobre rodas de uma extremidade a outra, cobrindo ou descobrindo o cacau de acordo com o horário, pela manhã quando não está chovendo o tabuleiro fica exposto ao sol, pela noite o telhado protege o cacau do sereno e da chuva. Embaixo dessas barcaças normalmente ficam as residências dos trabalhadores.

artesanal tendo o gosto do cacau ressaltado, quando comparado com o chocolate industrializado. Apesar de receber o nome de cocada não apresenta coco na receita, é na verdade um chocolate artesanal repartido em pequenos cubos.

Figura 12 - O cacau no Distrito - Foto A e B secagem do cacau nas ruas de Pimenta (2009/2015); Foto C secagem do cacau em barcaça na área Rural de Mascote; C preparo para o transporte do cacau.



Fonte: Fotografias do autor

Para a venda do cacau é necessário, além da colheita, o beneficiamento, tais processos foram descritos por Milton Santos:

O cacau é colhido com podões amarrados em varas. Em seguida é arrumado em pequenos montes que os lavradores chamam de bandeiras, as quais, reunidas, formam as rumas. Depois de embandeirado e junto o cacau é quebrado, sendo os caroços conduzidos pelos tropeiros em caixas e no lombo de burros, para os cochos de fermentação, onde ficam de seis a sete dias. À proporção que as amêndoas se vão fermentando ficam coradas e quentes, sentindo-se ao longe o cheiro acre dessa operação. No cocho, ainda com a sibira, permanecem cerca de quatro a cinco dias, sendo que no fim da safra, às vezes esse tempo é abreviado para três dias. Quando, porém, acontece o cacau ser colhido verde,

a que dão o nome de "violeta", custa a fermentar e secar.

Depois de fermentado o cacau é levado para as barcaças, onde vai ser posto a secar. Aí também é catada e pisada a sibira. Fazendas maiores possuem, para atender à sua produção, uma estufa, onde o calor provindo da queima de lenha substitui o calor solar (SANTOS, 1957, p. 29).

Em seguida o cacau é ensacado e transportado para o porto de embarque direcionando a produção para o mercado externo, ou é beneficiado novamente produzindo a manteiga de cacau, o licor ou o pó de cacau.

O município de Mascote ainda tem sua economia muito atrelada à cacauicultura. Mesmo que tenha havido avanços na diversificação da produção agrícola, a população residente está em sua maioria ligada ao trabalho com o cacau e ao serviço público.

Segundo o IBGE, a área destinada para o cultivo do fruto em 2014, no município, era de 12.456 hectares. Apesar de a economia local depender, em suma, do cacau, a área de pastagem é superior, havendo 22.604 hectares destinados sobretudo à pecuária bovina, tendo sido registradas 21.031 cabeças para o ano de 2006 (contagem mais recente). As plantações de eucalipto, para o ano de 2014 ocupam 3.946 hectares enquanto que a área destinada ao Café era de 183 hectares.

Um fato que tem ajudado a ampliar a diversificação da produção do município, segundo o atual secretário de agricultura de Mascote, é a imigração capixaba para o local. Os capixabas estão produzindo café na região, que tem tomado, aos poucos, importância na produção agrícola do município.

Depois da crise nós recebemos os imigrantes do Espírito Santo. Os capixabas chegaram aqui introduzindo uma filosofia diferente e hoje nós já temos uma produção altíssima na região de café. Muitos já trocaram a lavoura de cacau por café. [...] porque aqui na região não se conhecia, aqui na região era basicamente o cacau não se cultivava outra lavoura, conhecia-se de ouvir falar.

Hoje já existe uma diversificação mais ampla já se investe no café em larga escala, hoje já se fala na pimenta do reino, tem cultivos de maracujá (Arnaldo).

Mesmo após o período mais crítico da crise, a migração ainda é uma preocupação do município, tanto para a administração pública como para os administradores de

fazendas. Com a diminuição do quantitativo populacional o município perde receita e os fazendeiros perdem mão de obra.

Tal situação parece não ter solução em curto prazo, isso se torna claro na fala do vereador do município, que afirma:

[...] Eu creio que essa questão da migração vai continuar existindo, porque, os nossos jovens eles começam a ter maior idade, eles querem estudar, eles querem ter um profissão e, infelizmente, aqui o nosso município não oferece isso [...] o emprego hoje não tem e, assim, agora na colha do cacau esse ano tem pessoas aí, tava pagando o dobro da diária pra ter o funcionário, mas não tava tendo, porque, hoje infelizmente, os jovens não querem mais trabalhar na zona rural, no serviço braçal, eles querem tá trabalhando em empresa, tá em Porto Seguro, trabalhando em algumas cabanas, alguns hotéis, infelizmente, hoje realmente a questão da migração das pessoas do nosso município para outros municípios e estados, complicou um pouco a situação dos pequenos e grandes agricultores do nosso município (Ueslei).

A migração, conforme é possível observar nos gráficos de pirâmide etária (Gráfico 5), atinge, sobretudo, a população em idade ativa, sendo uma constante o deslocamento dos jovens adultos que, assim que atingem maturidade para o trabalho, se deslocam para outras cidades.

A professora Jane, residente em Pimenta, tem um filho de 23 anos morando no Bairro Jesus de Nazareth e faz a seguinte colocação em relação ao seu filho mais novo:

Meu filho me falou que quando ele fizer 18 anos ele não fica mais aqui. Ele vai embora também, porque, ele não vai ficar sem trabalho [...] E os jovens aqui também só falam em ir embora pra Vitória, só isso, porque tem parente já lá e eles falam que não vão ficar, tem que trabalhar (Jane).

O município depende basicamente da produção agrícola, sendo o cacau o carro chefe da produção. A vassoura-de-bruxa, ainda hoje, assola a produtividade da região e diminui consideravelmente os recursos e os trabalhos dos moradores. Em relação a este fato afirma o Secretário de Agricultura:

O problema que gerou a crise continua. A vassoura-de-bruxa é evidente, ela tem, inclusive, aumentado a proliferação, de dizimar lavouras. E, atrelado a isso, o cacau [...] nunca viveu sem praga, aí depende muito das condições climáticas, se chover muito, se esfriar muito o cacau gea, tem podridão parda, tem a geada, tem mela [...] e

a vassoura-de-bruxa continua aí assolando. Quando a lavoura é boa, você ainda tem aí, média de perda, no mínimo de 40% na produção (Arnaldo).

O município não tem um programa específico para manutenção da população no campo ou para conter o fluxo migratório de modo geral. A mão de obra é, atualmente, um dos grandes problemas enfrentados pelos produtores rurais, com a migração muitos que tinham experiência com o trato do cacau deixaram o município e a população jovem não tem, segundo entrevistas, interesse pelo trabalho rural. Afirma o Prefeito:

Se amanhã nós descobríssemos um remédio para vassoura-de-bruxa a grande dificuldade que nós teríamos é, exatamente, o trabalhador rural, primeiro que aqueles que tinham, na verdade, uma certa intimidade com essa lavoura, eles migraram pra outra região, e o jovem que hoje tá aí [...] eles não tem o trato com o cacau, então seria uma dificuldade muito grande. [...] Hoje, eu, por exemplo, que tenho pequenas propriedades, eu tive dificuldade em colher o cacau, de procurar trabalhador pra colher o cacau e tive alguns quadros que eu perdi o cacau, porque eu não tive condições de colher por falta da mão de obra (Washington).

Uma alternativa encontrada pelos produtores rurais foi dividir a produção com parceiros, os denominados meieiros, que se responsabilizam pelo trato com o cacau, tendo direito à metade da produção.

Hoje a maioria das propriedades, pequenas e grandes, são administradas por parcerias, que aqui a gente chama de meieiros. O proprietário da fazenda divide a produção com algumas pessoas, aquelas pessoas entra com a mão de obra, pega a estrutura pronta e entra com a mão de obra e o cuidado do cultivo da lavoura (Arnaldo).

A crise do cacau e a intensa migração, por fim, resultaram em uma mudança no cotidiano dos dois locais diretamente envolvidos, o local de origem e o local de destino. Em Jesus de Nazareth, das 22 pessoas entrevistadas que exerciam trabalho remunerado em Mascote 15 estavam diretamente ligadas ao cacau e 25 (62,5%) entrevistados, dos quarenta migrantes que responderam o questionário, acreditam que a crise do cacau influenciou na saída da terra de origem. É possível perceber, portanto, uma forte relação do evento migratório com pessoas relacionadas ao plantio do cacau.

4.2 Discussão

Para compreender o fluxo migratório em profundidade, quando percebida a população migrante no lugar de destino, modificando aspectos da ocupação e ampliando o quantitativo populacional, faz-se necessário, conforme indica Sayad (1998), deslocar a atenção para o momento e o espaço que precedem o ato de migrar. A partir desta premissa procurou-se compreender os aspectos envolvidos no fluxo migratório em estudo.

Conforme já pontuado em capítulo anterior, a migração se apresenta como um fenômeno complexo, apresentando ampla diversidade de motivos e consequências. Tal afirmativa também se apresenta no estudo de caso, diversos são os motivos que fizeram movimentar a população do local de origem ao local de destino, assim como são diversos os resultados deste fluxo migratório, tanto no local que perdeu população como no local que recebeu a população migrante.

Ficou claro que as questões históricas e econômicas interferem diretamente nos motivos da migração. Com o resultado das entrevistas, observa-se que os principais motivos dos deslocamentos estão relacionados à falta de trabalho no local de origem, sendo que dos 40 entrevistados 18 (47,5%) afirmaram ter partido por este motivo. Contudo, 12 (30%) dos entrevistados afirmaram ter migrado para acompanhar os parentes.

Outros motivos foram destacados como estímulos ao ato de migrar, tais como: a morte de parentes, a vontade de sair da roça, as condições de trabalho, a vontade de estudar. Conforme salientado por Trewartha (1970) os fatores estimulantes são variados e se sobrepõem, sendo difícil fazer classificações. O que se percebe é que existem motivos de cunho estrutural e individual sendo que não se anulam entre si. Assim como o migrante pode migrar pelo simples desejo de ser outro (FERREIRA, 2005), ele pode ser impulsionado à migração por motivos que ultrapassam sua vontade.

Em campo houve presença expressiva de pessoas que migraram quando crianças e nem mesmo escolheram migrar, vieram acompanhando os parentes, contudo, quando perguntados qual motivo que os fizeram sair do local de origem, respondem

que saíram devido à situação financeira e ausência de trabalho, assumindo o discurso mais utilizado pelos mais velhos, o que demonstra como é difícil refinar a captura dos reais e diversos motivos da migração.

Apesar de ser o contexto econômico preponderante nos motivos da migração, de fato a proximidade dos parentes é um fator que dá aspectos específicos ao movimento migratório em estudo, dando feições qualitativas à migração. Por exemplo, quando percebemos pequenos locais, sobretudo escadarias, ocupados praticamente por parentes e, em espaço mais amplo, a Vila Baiana ocupada praticamente por pessoas do mesmo distrito.

A tentativa de recriar algo do seu meio originário no seu novo ambiente é uma estratégia comum de adaptação do migrante no local de destino (BEAUJEU-GARNIER, 1980). Não posso dizer, contudo, que este foi o único motivo que reuniu tantas pessoas na mesma parte do bairro, pois era uma das poucas áreas passíveis de nova ocupação na circunvizinhança, porém, independente dos motivos, formou-se uma área de coesão social entre migrantes em que se reproduzem aspectos da cultura de origem.

E o fato de já haver pessoas no local de destino, levando informações positivas da migração, influenciou diretamente na decisão de migrar, além disso, a presença de parentes e amigos diminui o custo financeiro e psicológico da migração. Tal acontecimento é mencionado no texto de Garnier, a autora afirma que quando a notícia do parente ou do amigo que partiu é boa o movimento migratório tende a se propagar (BEAUJEU-GARNIER, 1980).

Mantendo laços anteriores, a rede migratória alimentou o fluxo de pessoas induzindo a migração de outros indivíduos. Como resultado da aplicação dos questionários levantou-se que 37 (92%) entrevistados contavam com pessoas esperando por eles no local de destino e 23 (57,5) dos 40 entrevistados já hospedaram recém-chegados da Bahia, demonstrando a força da rede migratória dentro deste evento.

Pode-se acreditar que o que direcionou a maior parte dessas pessoas para Vitória, foi a presença de parentes já residindo na capital do Espírito Santo, e pelo mesmo motivo se direcionaram especificamente para o Bairro Jesus de Nazareth. Dos 40 entrevistados 24 (60%) responderam que vieram para o bairro, pois já tinham

parentes residindo no local antes de migrarem, isso influenciando diretamente na escolha do local de destino. Isto salienta a importância da família no ato de migrar, tornando a rede migratória também familiar. Dos 37 entrevistados que afirmaram ter pessoas esperando no bairro Jesus de Nazareth, 35 foram recepcionados por parentes.

É perceptível que as redes atuam na reterritorialização do migrante. Para Costa a amálgama criada pela força das redes na dinâmica migratória possibilita recriar o território de origem em outro recorte espacial (COSTA, 2005). Tendo o local de destino uma ocupação qualitativa, a partir de relações parentais e de amizade, de conquistas da terra e autoconstrução, compreendendo o território como as relações projetadas no espaço, é plausível afirmar a consolidação de um território dos baianos no Bairro Jesus de Nazareth.

Um território sobreposto e que se sobrepõem por diversos outros territórios, havendo certa hibridação de referências culturais e maleabilidade territorial, possibilitando a coexistência de territórios distintos. Apesar de residirem no instituído bairro Jesus de Nazareth, arrabalde reconhecido pelo município, neste recorte há a Vila Baiana, uma subdivisão que tem uma referência clara de afirmação, por ambas as partes, migrantes e não migrantes, de que aquela porção do bairro é baiana.

Aparentemente a concentração do grupo de migrantes em local específico, intensificou a conservação de hábitos e aspectos comuns ligados à terra de origem. Isso fica evidente na fala, existem muitos filhos de baianos, nascidos em Vitória, que carregam consigo o sotaque característico. Lembrando que o pico de migração foi durante o início da década de noventa, portanto, muitos já estão no Espírito Santo há mais de 25 anos, no entanto, seguem mantendo aspectos da terra natal.

Trinta migrantes (75%) afirmaram manter hábitos culturais do local de origem, dentre os hábitos citados, destacam a forma de falar e o gosto musical (axé e arrocha). A alimentação esteve muito presente nos relatos das entrevistas. A maneira de se fazer a comida, o tempero, a presença acentuada do coentro no preparo da alimentação, a farinha acompanhando as refeições, e o feijão, que é quase sempre acompanhado de carne. Alguns migrantes também citaram como hábitos culturais a forma de receber as pessoas, sendo mais abertos ao convívio e também mais festivos.

Se o termo território for entendido a partir dos trabalhos já citados, pode-se dizer que o migrante passou pelo processo de desterritorialização ao sair de sua terra de origem. Entretanto, ao fixar moradia dentro das características descritas, passou concomitantemente, pelo processo de reterritorialização, sendo isso facilitado pela proximidade e auxílio dos parentes, tornando o estar em terra estranha uma experiência mais branda do que a experiência de se ver sozinho em território alheio.

As razões citadas podem explicar o fato que a maior parte dos migrantes entrevistados, 60% (24 migrantes), não teve dificuldades no processo de adaptação, um inclusive afirmou que se acostumou rápido e que era a mesma coisa que estar em Pimenta, devido à presença de parentes e amigos. Dez entrevistados encontraram algum grau de dificuldade, dentre as especificidades citadas como impasses para adaptação estão o clima, a alimentação e a vontade de ir embora.

É bom lembrar que mesmo havendo o apoio de parentes e amigos, o choque cultural é muito forte, os migrantes deixaram um pequeno distrito de uma área rural e fixaram moradia dentro da RMGV.

O preconceito sofrido pelos migrantes, apesar de não aparecer com tanta força nos resultados da pesquisa, é perceptível no dia-a-dia do bairro, com alusões pejorativas ao fato de serem baianos, feitas pelos não baianos. Muitos migrantes enxergam o ato como uma brincadeira, contudo, para as crianças, segundo entrevistas na escola, aparenta ser um processo mais complicado. A principal forma de discriminação aparece nas afirmações de que o baiano é preguiçoso, além de referências à baixa qualidade de vida do lugar de origem.

Em relação à afirmação de que baianos seriam preguiçosos a autora Zanlorenzi faz a seguinte colocação:

A imagem da preguiça baiana remete a dois campos de significação: o espaço depreciativo, pejorativo, que ao nominar o baiano como preguiçoso, indolente e vadio desqualifica-o e associa-o a uma condição de inferioridade, e o espaço do elogio, diretamente relacionado à ideia de baianidade e que distingue o baiano, enquanto ser ontológico, de todas as outras identidades brasileiras. Ou seja, a condição de “ser baiano” estaria associada a algumas qualidades exclusivas, dentre as quais se coloca a preguiça, descrita como um jeito peculiar de elaborar a vida cotidiana [...] (ZANLORENZI, 1999, p. 3).

No mesmo texto a autora descreve como o estigma do baiano preguiçoso foi incentivado pela indústria do turismo a partir da década de 1950, que enxergava a Bahia como a terra da festa, do não trabalho e de culturas exóticas e questiona:

O que a alteridade pode conceber de uma sociedade que é insistentemente pintada com essa aura de magia, sensualidade, descanso, exotismo cultural e racial? O que o olhar externo pode enxergar de um local do qual se divulga que a festa é permanente, que o povo dança, canta e cultua seus estranhos deuses durante três meses ininterruptamente no meio da rua? Que representações vão sendo legitimadas sobre a Bahia, mesmo sendo Salvador uma das capitais industriais mais importantes do país? Enfim, sob tantas imagens estereotipadas, com que adjetivo o senso comum vai nominar os baianos? (ZANLORENZI, 1999, p. 15).

Cabe ressaltar que a imagem do nordestino para o sudeste está, também, muito ligada às correntes migratórias que atingem as grandes cidades, e que por muito tempo o nordeste foi preterido nos noticiários, aparecendo somente como sinônimo de pobreza e local de origem dos migrantes sem qualificação que chegam à cidade. Sendo os grandes centros urbanos difusores de informação em âmbito nacional, é de se esperar que demais estados reproduzam esta apropriação.

A imprensa paulista também "descobre" o nordeste através da seca e de sua consequência mais importante: a migração de nordestinos. Compactando com o discurso das elites, os migrantes vão sendo retratados pela mídia como os responsáveis pela desordem urbana e pelo caos social. A eles atribui-se um conjunto de negatividades - são pobres, famintos, analfabetos, despreparados para o trabalho - que, a nível simbólico, acabam por justificar sua própria exclusão. Isso exime o aparelho de estado da responsabilidade sobre o processo migratório, que tem como causa principal a concentração de riqueza e a falta de investimento social. É o migrante que acaba sendo culpabilizado pela migração (ZANLORENZI, 1999, p. 6).

Dadalto (2013) também nos alerta para a visão que é projetada sobre o migrante baiano no Espírito Santo, como um ser deslocado do local em comum, um *outsider*. Este estigma do outro, no entendimento aqui adotado, também pode ser visto como manifestação de territorialidades.

No bairro havia um grupo dos preestabelecidos que se sentiram invadidos a partir da chegada dos baianos, que passam a ser vistos como os de fora, e o local onde residem, além de Vila Baiana, recebe o nome de invasão, sendo que boa parte do bairro também foi ocupada de forma irregular e somente lá recebe este nome. Por quê?

A maioria dos entrevistados afirmou que não ocupou os terrenos, compraram de proprietários anteriores. Ocorre, portanto, uma contradição entre as versões dos moradores preestabelecidos e os migrantes, pois somente um entrevistado afirmou ter ocupado o terreno onde construiu a casa.

Independente das questões de tensão entre migrantes e estabelecidos, os baianos concretizaram um território no bairro Jesus de Nazareth e, mesmo tendo constituído novo território, a relação estabelecida entre os migrantes e a terra de origem é ainda intensa, 32 (80%) entrevistados afirmaram ter o hábito de retornar à terra natal.

O retorno dos migrantes acontece tanto para a festa como para outros momentos ao longo do ano, o que aparenta existir é uma dupla noção de pertencimento, pois mesmo retornando com frequência para a terra natal estabelecem forte apropriação do local de destino. Concretizam dois territórios, duas apropriações territoriais, interferindo diretamente no aspecto político do território de origem, já que mesmo residindo em Vitória alguns migrantes mantêm o título de eleitor registrado em Mascote, e influenciam diretamente na escolha dos representantes do município e do estado.

Apesar de permanecerem ligados à terra natal, quando questionados se desejam retornar definitivamente a maioria afirma não querer retornar, 27 entrevistados (67,5%) afirmam que não têm desejo de voltar a residir na terra de origem. Os principais motivos que os mantêm no lugar de destino é por acreditarem que a situação do local de onde vieram, de modo geral, é pior do que onde estão, nas respostas dos questionários afirmaram que em Mascote não tem trabalho e o acesso a serviços, tais como educação e saúde, é mais restrito, além disso, já se acostumaram ao novo local de moradia.

Treze migrantes (32,5%) afirmaram ter vontade de retornar. O que os motiva, em suma, é a tranquilidade do lugar de origem e por acreditarem que em Mascote, por ser uma cidade pequena, teriam melhores condições para criarem os filhos. Ainda em relação ao retorno alguns afirmam que sentem saudades dos amigos e que as pessoas de lá são mais amigáveis.

Quando questionados sobre consequências negativas da migração 26 migrantes (65%) afirmam não haver consequências negativas. Dentre os que enxergam

consequências negativas, os pontos que se repetem são a distância da família e questões relacionadas à violência, drogas e segurança no local de destino.

Os migrantes elencam, quando questionados sobre as consequências positivas da migração, a conquista da casa como um dos principais fatos. Dos entrevistados 32 (80%) residem em casa própria. Além disso, 37 migrantes (92,5%) afirmam que a situação financeira melhorou após a migração e 22 (55%) acreditam estar com situação financeira melhor dos que permaneceram no município.

Em relação ao acesso ao trabalho, Singer (1980) destaca a função da rede no âmbito econômico de adaptação de migrante, já que muitos auxiliam na redução de custos e indicam trabalho para os conterrâneos. Tal fato também foi abordado por Barbosa (2005) que salienta a hospedagem cedida aos migrantes recém-chegados pelos migrantes mais antigos e a participação de profissões de confiança entre as atividades dos migrantes, tais como empregada doméstica e porteiro de edifício, o que também ressoou nos resultados dos questionários.

Dentre as profissões que mais foram citadas estão as de Auxiliar de Serviços Gerais (13,9%), Autônomos (6,3%), Vigilante (5,1%), Porteiro (5,1%), Do lar (6,3%) Empregada Doméstica (3,8%) e Garçom (3,8%). Nota-se a participação importante das funções de Porteiro, Vigilante e Empregada Doméstica, que podem ser consideradas funções de confiança e demandariam indicação de terceiros.

Pelo fato de ser uma migração que envolve, especialmente, pessoas ligadas ao trabalho rural que residiam em um pequeno distrito, muitos deles não tiveram acesso à educação formal, adicionando mão de obra com baixa qualificação no local de destino. Dentre os baianos moradores dos domicílios que participaram da entrevista a maior parte, 58,3%, não concluiu o ensino médio. Entre os mais jovens, que vieram quando crianças, encontram-se estudantes nos níveis fundamental, médio e superior e um número considerável de indivíduos com o ensino médio concluído.

Conforme já pontuado, a forte migração em Mascote diminuiu consideravelmente o número de trabalhadores rurais no município. Trewartha (1970) e Castiglioni (2009) pontuam sobre o caráter seletivo da migração em relação à idade, e entre os entrevistados em Jesus de Nazareth registra-se um número expressivo de jovens

adultos, demonstrando a participação grande da população em idade ativa no movimento populacional, conforme tabela a seguir.

Tabela 8 - Faixa etária dos migrantes em 2016

Faixa etária dos migrantes	Frequência	%
0-19	7	8,86
20-29	15	18,99
30-39	26	32,91
40-49	11	13,92
50-59	10	12,66
60+	7	8,86
Não Informado	3	3,80
Total	79	100,00

Fonte: Dados do Questionário

Contudo, a saída de parte da mão de obra de um local não é necessariamente economicamente negativa. No estudo de caso percebe-se um número pequeno de pessoas que enviam dinheiro para familiares, é provável que em período anterior o envio de dinheiro fosse mais intenso. Como já lembrado, o início do fluxo se deu a mais de duas décadas, e a situação econômica foi se estabilizando no distrito, mas a movimentação financeira durante a festa se concretiza também como um evento de importância econômica para o local.

4.3 Documentário⁷: O mundo é uma estrada

Não há a pretensão aqui de analisar o documentário como um produto à parte, pois os resultados e aspectos gerais abordados na produção já são apresentados no trabalho escrito de forma mais aprofundada. Apesar de nem todas as entrevistas se repetirem entre o trabalho escrito e o vídeo, houve a preocupação de apresentar os pontos principais do estudo de caso nos dois ambientes de informação. Portanto, dedico esta parte do estudo para pontuar algumas poucas questões em relação à produção do audiovisual.

O Estudo de caso foi priorizado no documentário, pois visualizo na produção um retorno para as comunidades envolvidas na pesquisa, já que a dissertação é pouco acessada por não pesquisadores. Como a excursão, aparentemente, tem perdido força, torna-se também um registro para os que participam direta ou indiretamente do evento. Por isso, conteúdos relacionados à teoria e dados mais específicos da pesquisa ficaram restritos ao trabalho escrito.

O documentário é uma produção curta, de aproximadamente 18 minutos, e feita com recursos limitados. As imagens de apoio e as entrevistas foram captadas em momentos distintos, durante as festas de Pimenta de 2014 e 2015. Havendo também registros do período que antecede a festa, tanto no bairro Jesus de Nazareth como em Pimenta. Foram captadas imagens no bairro durante as incursões que tinham objetivo de efetuar as entrevistas, tornando-se, também, momento oportuno para registrar aspectos dos locais em que residem os migrantes.

Um trecho da entrevista do senhor “Zezito”, morador de Pimenta, dá nome ao vídeo, ele se refere à migração como um dos caminhos ou “estradas” possíveis para a população nesta situação de crise que passa o município de Mascote. Afirmando:

O mundo é uma estrada! Quando você entra num lugar errado, a demora é pouca, mas você andando direitinho, o senhor andando direitinho: pronto! E, lá, o capixaba dá a vez pras pessoas, trabalha, todo mundo recebe direitinho [...] (Zezito).

Este título “O mundo é uma estrada” foi escolhido por conter a característica humana mais presente neste trabalho: a mobilidade. Além das várias possibilidades de

⁷ Link do documentário: www.youtube.com/watch?v=R9lveg-aB6Y&feature=youtu.be

interpretação, nos dá uma sugestão do fluxo intenso existente entre os diversos espaços, territórios e lugares do planeta, isso dito por um senhor de 76 anos, agricultor do interior da Bahia.

O documentário será exibido no bairro Jesus de Nazareth e na festa da Pimenta, posteriormente estará disponível na internet.

Figura 13 – Dona Adeilde



Fonte: Cena do documentário “O Mundo é uma estrada”

Após a apresentação dos principais resultados do campo, será iniciada a parte final do trabalho dedicada às considerações que surgiram no decorrer do estudo e demandam ainda colocações ou destaques.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, conforme já pontuado, foi dividida em três eixos, sendo eles: o aporte teórico; os aspectos da migração baiana no estado e na RMGV e o Estudo de caso. Em relação à teoria é perceptível a necessidade de estudos mais recentes sobre a migração dentro da Geografia, sobretudo em caráter nacional. Diante das inúmeras mudanças que ocorreram nas últimas décadas, percebe-se o número reduzido de geógrafos da atualidade, que trabalhem o tema da migração para além de artigos, destacando a função da geografia nesta seara.

O estudo teve como um dos objetivos compreender em que contexto se dá a migração baiana para a RMGV a partir da década de 1990. Os aspectos ligados ao processo histórico da região cacauífera, que acredito ser uma das principais áreas que cedem população para a Região Metropolitana, revelam que a mesorregião Sul Baiano passou por fortes transformações nas últimas décadas e que tais fatos demonstram ter influenciado na vinda de um número significativo de migrantes para o Espírito Santo.

A partir da pesquisa, foi possível perceber que no mesmo fenômeno migratório estão presentes motivos diversos para o deslocamento das pessoas. Contudo, torna-se evidente o peso da questão econômica na migração, tendo a crise cacauífera forte efeito no fenômeno em foco. Muitos afirmam ter saído à procura de trabalho, tentando melhorar as condições de vida.

Para o estudo de caso fica claro que a crise do cacau foi fator catalisador do movimento migratório. Pode-se afirmar que a crise que atingiu o sul da Bahia tenha impactado em diversas localidades da Bahia e do Espírito Santo, no caso do Espírito Santo tem destaque na recepção de migrantes a Região Metropolitana da Grande Vitória. Existem outros fatores que modificaram a estrutura econômica do sul da Bahia, merecendo destaque o avanço da eucaliptocultura, sobretudo, no extremo Sul Baiano, alterando a dinâmica de trabalho e produção agrícola.

Cabe dizer que não posso, a partir do estudo de caso, propor generalizações concretas. Não é objetivo deste trabalho apresentar conclusões fechadas, mas sim

abrir possibilidades para compreender o avanço da migração baiana nas últimas décadas. Abre-se, mormente, a possibilidade de pensar os impactos da crise cacauera em escala regional, não abrangendo somente o sul da Bahia, mas gerando impactos expressivos na população e ocupação da RMGV. A presença do migrante baiano nos espaços da Grande Vitória torna-se cada vez mais perceptível.

O que também limita o entendimento amplo do fato é a carência de dados de origem dos migrantes, para intercalar com as áreas produtoras de cacau. É provável que o que ocorre no bairro Jesus de Nazareth, a chegada de migrantes provenientes de áreas cacaueras a partir da década de 1990, se repita em outros bairros da RMGV, contudo os dados migratórios para bairros não são disponibilizados e seria difícil realizar incursão em todos os bairros da Região.

Uma das questões que se apresenta no trabalho é: por que escolheram a RMGV para estabelecer moradia e não Salvador, São Paulo, ou demais capitais? O Espírito Santo passou, nas últimas décadas, por um crescimento econômico acima da média nacional e o apelo econômico conta muito para a tomada de decisão a migrar. Conforme observado, a migração não é realizada de forma isolada, existe uma rede entre os que migram e os que ficam.

A resposta em relação aos que migraram de Pimenta para Vitória foi positiva, e esta informação chega com facilidade no local de origem, potencializando o fluxo. O mesmo pode ter ocorrido em diversos eventos, em que os migrantes conseguiram melhorar sua condição de vida e propaga a experiência para os conterrâneos, formando um conjunto de redes em torno da migração baiana na Região Metropolitana.

Apesar de o motivo inicial demonstrar estar ligado diretamente às questões econômicas, percebe-se que a escolha do lugar de nova moradia fica muito ligada à proximidade com os parentes e amigos, o que sublinha a importância dos laços afetivos no deslocamento das pessoas. Ou seja, se for levar em consideração a escolha da cidade ou estado, numa macro abordagem do fenômeno, pesam os motivos econômicos, já quando considerada a micro abordagem, os bairros, os bicos, os pequenos territórios, percebe-se a força da rede.

A rede migratória demonstrou ter papel fundamental na reterritorialização do migrante. O auxílio dos parentes ao recepcionar, indicar para trabalho e dar hospedagem, minimiza o desconforto do deslocamento da terra de origem. E a busca de proximidade dos parentes faz o quantitativo de migrante aumentar com a vinda dos pais, irmãos, filhos que inicialmente permaneceram no local que perde população.

A participação anual na festa de Pimenta viceja com uma forma de manutenção de vínculos com as pessoas que permaneceram na terra natal e com o território de origem, além de ser uma maneira de renovação e atualização do repertório cultural do território estabelecido anteriormente. Sendo ainda uma ponte aberta para a conservação do fluxo migratório ainda corrente.

Moradores do bairro Jaburu também participam da excursão para Pimenta, são conterrâneos, contudo, o número de moradores do bairro Jesus de Nazareth é mais expressivo nas excursões. A rede migratória que se formou em Jesus de Nazareth tem implicações na ocupação do Jaburu, também localizado em Vitória. O Bairro concentra pessoas provenientes de Pimenta, em entrevista afirmou-se que são migrantes que não conseguiram se instalar em Jesus de Nazareth, pois não havia mais terrenos disponíveis, e ocuparam outras localidades próximas, sendo este bairro uma das alternativas.

Mesmo distantes, os migrantes têm importância política para o município, pelo fato de votarem na terra natal. Mesmo residindo em outra unidade federativa influenciam diretamente nos resultados políticos do município baiano. Sendo uma expressão da multiterritorialidade criada pelos baianos a partir da vivência com a terra de origem e a terra de destino.

Cabe aqui fazer algumas colocações em relação aos procedimentos metodológicos adotados no campo, vale ressaltar a dificuldade de aplicar os questionários, pois o local de moradia das pessoas não estava previamente mapeado. Uma pessoa indicava a outra, por exemplo: o migrante citava o local onde ficou hospedado, ou a pessoa que havia auxiliado na compra da passagem ou no processo de adaptação, a partir daí surgiam os próximos entrevistados.

O problema é que nem sempre era possível encontrar as pessoas citadas, pois os entrevistados indicavam os pontos de referência de moradia, mas no local os residentes próximos não sabiam onde a pessoa morava, ou só conheciam por apelido, e o apelido nem sempre era citado na entrevista anterior.

Também houve pessoas que se negaram a dar entrevista, algumas marcaram horários e não atendiam ao serem chamadas, o que se tornou desgastante no correr do campo, pois o bairro é íngreme e por vezes foi necessário subir até o topo do bairro três vezes no mesmo dia. Foram 11 entrevistas não sucedidas de 51 tentativas. A cada, praticamente, 5 pessoas 1 não era encontrada ou não queria participar. Além disso, os questionários ficaram muito extensos, não foram raras as entrevistas que tiveram aproximadamente uma hora de aplicação.

Um dos objetivos iniciais do trabalho era saber se haviam possibilidades de descobrir qual a quantidade de migrantes que residem no bairro, contudo, a metodologia adotada privilegiou aspectos qualitativos da migração. Para obter tais informações, foi elaborado um questionário com várias questões visando abarcar aspectos multivariados da migração. Para a aplicação desse instrumento foi necessário refazer as redes migratórias a partir do conhecimento do Nó de origem (de partida ou inicial), a migrante Adeilde. Houve dificuldade em seguir a rede migratória, pois alguns não eram encontrados ou não participaram do estudo, inviabilizando abarcar todos os domicílios.

A partir da entrevista feita no posto de saúde, foi afirmado por funcionários que a unidade contém dados cadastrais em que consta a origem dos moradores do bairro, contudo, são dados sigilosos e somente com autorização da Prefeitura Municipal de Vitória seria possível acessá-los, mas o tempo de pesquisa não era condizente com a burocracia necessária, portanto, não houve êxito no levantamento quantitativo dos migrantes baianos residentes no recorte do estudo.

Na produção do documentário também merecem ser relevados alguns pontos. Para a elaboração do material em áudio visual, contei com o apoio de duas pessoas: Jéfica, estudante do curso de comunicação da UFES, me auxiliou na aplicação, organização das entrevistas e iluminação em Mascote; José Augusto, estudante do

curso de Música da UFES, gravou as narrações e fez o desenho de som da produção, sendo este neto da dona Adeilde, a responsável pelo início da rede.

Uma demanda não sanada na produção audiovisual foi o áudio, seriam necessários microfones e gravadores específicos para a captação do som, no entanto, são equipamentos caros e, por isso, o áudio utilizado foi o da própria câmera o que limitou a qualidade das entrevistas, principalmente no bairro Jesus de Nazareth, pois os lugares em que ocorreram as gravações eram movimentados, tendo o aditivo de que as entrevistas eram efetivadas nos fins de semana, em que é grande o número de pessoas nas ruas. No entanto, o documentário cumpriu com o objetivo de dar uma dimensão visual e sonora da excursão, da festa e das entrevistas realizadas.

Por fim, surpreende não ter encontrado outros estudos de caso em que fosse abordada a migração baiana para demais áreas da Região Metropolitana. Ao longo da pesquisa, quando falava sobre o assunto da dissertação, muitos relatavam experiências de outros bairros que concentram quantitativo expressivo de baianos, sobretudo professores que atuam na Serra, Vila Velha e Cariacica, em geral nas periferias dos municípios.

Acredito, portanto, que temos um campo a ser pesquisado em relação à migração, sobretudo a partir da década de 1990. Migração que dá novas nuances à ocupação da RMGV, com destaque para os bairros de periferia e morros de Vitória.

É muito provável que o próximo censo demonstre a continuidade do crescimento do número de migrantes baianos para o Espírito Santo. Se estes seguirem o mesmo perfil do estudo de caso, são migrantes com baixa qualificação e que se deslocam a procura de trabalho, gerando demandas de serviços e moradia. Não se pretende defender aqui, de forma alguma, políticas de contenção migratória, mas parece importante refletir sobre este possível impacto e o planejamento de suas consequências.

5 REFERÊNCIAS

ATELIÊ INTERNACIONAL DE URBANISMO. Dossiê de análise – Vitória – ES, 2009.

BARBOSA, Fernando cordeiro. Migrantes nordestinos no Rio de Janeiro: um olhar antropológico, in NETO, Helion Póvoa e FERREIRA, Ademir Pacelli (org.) Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 365-374.

BARROS, Manoel de. O Livro Sobre Nada. Rio de Janeiro: Recod, 1996.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. Geografia de população, São Paulo: Ed. Nacional, 1980 2ª ed.

BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa Em Ciências Sociais, São Paulo: Hucitec, 1993.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade Espacial da População: Conceitos, Tipologia, Contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). Explorações geográficas: percursos no fim do século. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 319-367.

CAÇADOR, Sávio Bertochi e GRASSI, Robson Antonio. Olhar Crítico Sobre o Desempenho Recente da Economia Capixaba: Uma Análise a Partir da Literatura de Desenvolvimento Regional e de Indicadores de Inovação Revista econômica do Nordeste - Volume 40, Nº 03, p 453-480, Julho / Setembro, 2009.

CASTIGLIONI, A. H. Migration, urbanisation et développement: le cas de l'Espírito Santo. Bruxelles: CIACO, 1989.

CASTIGLIONI, Aurélia H. Migração: abordagens teóricas in ARAGÓN, Luís E. Migração Internacional na Pan-Amazônia. Belém: NAEA/UFGA, 2009. v. 1. p. 39-57.

CASTIGLIONI, Aurélia H. Migração, Urbanização e Desenvolvimento: Três Processos Integrados. In “meio ambiente e Desenvolvimento no ES” –ES- Eco92 - 1992.

COSTA, Rogério H. da. O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COSTA, Rogério H. da. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão, in CASTRO, Iná Elias de, Geografia: Conceitos e Temas, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 p. 165-206.

COSTA, Rogério H. da. Migração e desterritorialização in NETO, Helion Póvoa e FERREIRA, Ademir Pacelli (org.) Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 35-46.

CUNHA, José Marcos P. e PATARRA, Neide L. Migração: um tema complexo. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, vol.1, n.2, p.32-35, julho/set. 1987.

DADALTO, Maria Cristina e RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. Migração e violência: o “baiano” na construção da sujeição criminal na RMGV do Espírito Santo. Dilemas: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social – Vol. 7 – nº 1, 143-166, JAN/FEV/MAR. 2013.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. e MARANDOLA JR., Eduardo. Ser Migrante: implicações Territoriais da migração. Revista Brasileira de Estudos de População , Rio de Janeiro, vol. 27, n. 2, p. 407-424, julho/dez. 2010.

DEMETER, Paulo Roberto. Combatendo o desemprego na Região Cacaueira da Bahia – O papel dos movimentos sociais populares, Caderno de Pesquisa, n.7 maio de 1997. Disponível em:

<http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/combate_o_desemprego_na_regiao_cacaueira.pdf> Consultado em Setembro de 2013.

FARIA, Teresa Cristina de Almeida. Favelização e Mobilidade Residencial no Rio de Janeiro, in NETO, Helion Póvoa e FERREIRA, Ademir Pacelli (org.) Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 395-410.

FERREIRA, Ademir P. A Psicanálise no Terreno do Outro, in NETO, Helion Póvoa e FERREIRA, Ademir Pacelli (org.) Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 155-162.

GIL, Antonio C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002. 2ª Ed.

IBGE. Cidades - Histórico do Município. Disponível em <http://cod.ibge.gov.br/E4UI> - 2015.

KOOPMANS, Pe José. Além do eucalipto: o papel do Extremo Sul. Teixeira de Freitas (BA): Centro de Defesa dos Direitos Humanos, 2005.

LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração, in MOURA, Hélio (org.). Migração interna: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980. p. 89-114.

MARANDOLA JR., Eduardo. Migração e Geografia. Revista Brasileira de Estudos de População, Rio de Janeiro, vol. 28, n. 1, p. 245-247, jan/jun. 2011.

MOURA, Hélio A de. Migração interna: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980.

NACIONES UNIDAS, Métodos de Medición de la Migración Interna, Manual VI, Nueva York, 1972.

NETO, Helion Póvoa e FERREIRA, Ademir Pacelli (org.) Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

NETO, Helion Póvoa Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual. Novos desafios para a análise, in Simpósio Internacional sobre Migrações. São Paulo: USP, 1999.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração, in MOURA, Hélio (org.). Migração interna: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980. p. 19-88.

REGIC, Região de Influência das Cidades, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Rio de Janeiro, 2007,

RIBEIRO, Miguel Ângelo e SILVA, Jorge Kleber Teixeira. Tendências na Redistribuição Espacial das Migrações Brasileiras no Período 1991-1996, in NETO, Helion Póvoa e FERREIRA, Ademir Pacelli (org.) Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 411-421.

ROCHA, Lurdes Bertol. A Região Cacaueira da Bahia – Dos Coronéis à Vassoura-de-Bruxa: Saga, Percepção, Representação. Ilhéus: EDITUS, 2014.

SANTOS, Marcio Ceo dos. A crise da região cacaueira e os desafios para o desenvolvimento local. Dissertação de mestrado em Administração. São Caetano do Sul: USCS, 2010.

SANTOS, Maria Luiza Silva. Fluxos Contemporâneos: Capital Humano e Acadêmico-Cultural Reconfigurando a Região do Cacau. Ilhéus: EDITUS, 2014.

SANTOS, Milton. Zona do Cacau. Introdução ao Estudo Geográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988. Disponível em http://www.controversia.com.br/antigo/uploaded/pdf/13663_metamorfose-do-espaco-habitado-milton-santos.PDF.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Douglas Bonella. Geohistória do bairro Jesus de Nazareth. Monografia de Bacharel em Geografia. Vitória: UFES, 2013.

SINGER, Paul I. Migrações Internas: considerações teóricas sobre o estudo, in MOURA, Hélio (org.). Migração interna: textos selecionados. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A., 1980. p. 211-244.

SJAASTAD, L. (1962). The costs and returns of human migration. *Journal of Political Economy*, 70, 80–93.

SOUZA, Marcelo J. Lopes, O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento, in CASTRO, Iná Elias de, Geografia: Conceitos e Temas, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TREWARTHA, Glenn T., Geografia da População, São Paulo: Ed. Atlas, 1974.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.

VAINER, Carlos. B. Liberdade e coerção na construção de trabalhadores móveis. In: HEIDEMANN, H. D.; SILVA, S. A. Simpósio Internacional Migração: nação, lugar e dinâmicas territoriais. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007

VARGAS, Paulo. S. P. ; Grande Vitória: Desenvolvimento e Metropolização, Disponível em http://www4.pucsp.br/artecidade/mg_es/textos/grande_vitoria_metropolizacao.pdf /, acesso em 24/11/2015, 2004

ZANLORENZI, Elisete. A Banalização da Preguiça. XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho apresentado em evento, 1999

ZELINSKY, Wilbur. Introdução à Geografia da População. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIOS DE ENTREVISTAS

Questionário 1 – Imigrantes Baianos Domicílio

Nº _____

Nome do entrevistado: _____

Residentes											
Rede	Nome	Parentesco	Idade	Sexo	Grau de Instrução	Estado Civil	Profissão	Local de Nascimento	Data Mig.	Relação c/ o nó	Observação
		Nó									

1) Em relação ao nó. Tem filhos? Sim: Não: Quantos ___?

Em relação ao entrevistado: Tem filhos? Sim: Não: Quantos ___?

Moram no Bairro:

Nº	Nome	Onde residem no bairro	Onde nasceu?
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			

2) Ocupação em Mascote (ligada ao cacau?): _____

3) Religião:

Católica: Evangélica: Outra: (Qual?) _____

Migração

4) Em que distrito de Mascote morava antes de migrar? _____

5) Já havia migrado antes de vir para Vitória? Sim: Não:

5.1) Cite os lugares onde morou por ordem cronológica:

6) Qual foi o principal motivo que fez você sair de sua terra de origem?

8) A crise do cacau influenciou na sua saída da cidade de origem? Como?

9) Por que veio para a Vitória e não outro município?

10) Por que veio para Jesus de Nazareth?

Redes migratórias:

11) Você veio sozinho para o bairro? Sim: Não:

11.1) Quem veio com você?

12) Alguém ajudou você na migração?

Sim: Não:

13) Como? (comprando passagem, cobrindo outros custos, conseguindo emprego, etc) -----

14) Alguém esperava você no bairro Jesus de Nazareth? Sim: Não:

14.1) Parente: grau de parentesco: _____ Nome: _____

14.2) Amigo ou conhecido: Nome: _____

15) Ao chegar a Vitória onde se instalou inicialmente? _____

16) Você ajudou alguém a se mudar para o Espírito Santo? Sim: Não:

16.1) Quem? Parente: Conhecido:

16.2) Como? (comprando passagem, cobrindo outros custos, conseguindo emprego, etc)

17) Você hospedou na sua casa algum parente ou conhecido recém chegado da Bahia ?
Sim: Não:

Quem? _____

18) Você mantém contato com pessoas residentes em Mascote? Sim: Não:

18.1) Com quem? _____

18.2) Tipo de contato: Qual? (Telefone, carta, Internet, Outro:) _____

19) Você envia dinheiro para pessoas residentes em Mascote? Sim: Não:

19.1) Para quem? _____

Situação na região de destino

20) A casa onde mora é própria? Sim: Não:

20.1) Qual foi o tipo de ocupação do terreno? Compra: Ocupação irregular:

21) Como foi o processo de adaptação quando chegou em Vitória?

22) Você sofreu ou sofre algum preconceito ou discriminação em Vitória pelo fato de ser baiano?

22.1) Qual: _____

23) Você tem o hábito de ir à terra natal? Sim: Não:

23.1) Com que frequência?: _____

24) Quando vai a Mascote leva presentes para os parentes ou conhecidos?

Sim: Não:

24.1) O quê leva: _____

25) Quando retorna traz alguma coisa da região de origem? Sim: Não:

25.1) O que traz: _____

26) Você já participou da excursão para a Pimenta? Sim: Não:

27) Você mantém algum hábito cultural da terra natal? (devoção, alimentação, gosto musical) _____

28) Você quer retornar definitivamente para a terra natal?

Sim: Não: Por que?

29) Quais foram as consequências positivas da sua mudança pra Vitória?

30) Quais foram as consequências negativas da sua mudança pra Vitória?

31) Sua situação financeira melhorou com a migração?

32) Sua renda é maior do que a renda das pessoas que permaneceram em Mascote?

Questionário 2 – Questionário dos não migrantes - Pimenta

Nome do entrevistado:_____ Idade:_____

Profissão:_____

1) Quando começou a emigração em Pimenta?**2)** Qual lembrança você tem daquele tempo?**3)** Você já morou em Vitória?Sim Por que retornou?Não Por que você não emigrou?**4)** Por que boa parte das pessoas foram pra Vitória e não outro lugar?**5)** A crise do cacau influenciou na vontade de sair de Pimenta?**6)** Como era antes da crise do cacau?**7)** Você tem parentes que saíram de Pimenta, em Vitória ou em outro lugar?**8)** Você já recebeu ajuda financeira de algum parente ou amigo que mora em Vitória?**9)** Você já ajudou algum parente para ir para Vitória?**10)** O que você acha da festa de Pimenta?**11)** Desde de quando acontece a festa?**12)** Durante a festa você hospeda ou já hospedou algum parente que não mora mais aqui?

Questionário 3 – Questionário Prefeitura de Mascote

Nome do entrevistado:_____ Idade:_____

Função:_____

- 1) A migração ou perda populacional é uma preocupação atual do município?
- 2) Na sua opinião, quais foram os fatores que incentivaram na imigração das pessoas?
- 3) Você acredita que o processo migratório existente no município está diretamente ligado à crise do cacau?
- 4) O fato das pessoas não serem donas da propriedade em que trabalhavam também ajudou a retirar essas pessoas do município?
- 5) Com a crise do cacau quais foram as alternativas de produção adotadas pelos agricultores?
- 6) A prefeitura faz algum tipo de ação específica para conter a migração ou reestruturar a economia do município? Qual?
- 7) A festa de Pimenta chega a movimentar a economia do município?
- 8) Quais aspectos positivos você enxerga na festa?

Questionário 4 – Gestores do serviço público em Jesus de Nazareth - Escola

Nome do entrevistado:_____ Idade:_____

Função:_____

- 1) A partir de qual momento começa a chegar um número expressivo de baianos?
- 2) As crianças provenientes da Bahia sofriam algum tipo de preconceito na relação com os outros alunos?
- 3) Apresentavam dificuldades específicas?
- 4) Aumentou o número de alunos da escola de forma significativa, por conta da migração?
- 5) Quais medidas foram tomadas para atender este público?
- 6) É possível quantificar o número de baianos que foram e são atendidos pela escola, existe um cadastro em relação a isso?
- 7) A população baiana infantil ainda é expressiva na unidade de ensino?

Questionário 5 – Gestores do serviço público em Jesus de Nazareth – Unidade de Saúde

Nome do entrevistado: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Instrução: _____

- 1) Existem demandas específicas dos migrantes baianos?
- 2) Qual foi o impacto gerado na prestação de serviços de saúde a partir da chegada de baianos?
- 3) É possível quantificar qual a quantidade ou percentagem de pessoas atendidas pelo posto médico é migrante proveniente da Bahia?

ANEXO 4 – Distribuição da população por grupo de idade e sexo - MASCOTE, BAHIA E BRASIL - 2010

Idade	Mascote		Bahia		Brasil	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
0 a 4 anos	712	648	538.436	521.448	7.016.614	6.778.795
5 a 9 anos	736	721	606.386	584.262	7.623.749	7.344.867
10 a 14 anos	896	807	681.596	657.965	8.724.960	8.440.940
15 a 19 anos	727	659	668.390	658.891	8.558.497	8.431.641
20 a 24 anos	618	615	647.103	657.259	8.629.807	8.614.581
25 a 29 anos	568	537	642.500	666.361	8.460.631	8.643.096
30 a 34 anos	493	508	572.894	597.929	7.717.365	8.026.554
35 a 39 anos	374	395	478.068	504.281	6.766.450	7.121.722
40 a 44 anos	423	381	439.416	464.198	6.320.374	6.688.585
45 a 49 anos	393	379	378.264	402.691	5.691.791	6.141.128
50 a 54 anos	325	347	318.097	345.639	4.834.828	5.305.231
55 a 59 anos	306	292	252.207	281.419	3.902.183	4.373.673
60 a 64 anos	281	236	206.217	230.511	3.040.897	3.467.956
65 a 69 anos	208	194	157.729	182.523	2.223.953	2.616.639
70 a 74 anos	190	151	118.548	144.445	1.667.289	2.074.165
75 a 79 anos	133	100	77.380	101.452	1.090.455	1.472.860
80 a 84 anos	100	64	51.141	69.908	668.589	998.311
85 a 89 anos	41	29	26.657	38.095	310.739	508.702
90 a 94 anos	17	18	11.954	19.224	114.961	211.589
95 a 99 anos	6	7	4.147	7.697	31.528	66.804
Mais de 100 anos	4	1	1.136	2.442	7.245	16.987

Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=292090&search=bahia|mascote|info%20gr%20ficos:-evolu%20populacional-e-pir%20met%20ria>. Disponível em 23/11/2015